

Coleção José Costa • nº 40

Carmélia Maria de Souza desesperada e lírica

Vento Sul
Seleção e estudo crítico
Renata Bomfim



Carmélia Maria de Souza desesperada e lírica

Vento Sul
Seleção, organização e estudo crítico
Renata Bomfim

Arte da capa
Attílio Colnago



PREFEITURA DE
VITÓRIA

ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS

Ester Abreu Vieira de Oliveira (Presidente)

Wanda Maria B. C. Alckmin (1º Vice-Presidente)

Romulo Felipe (1º Secretário)

Fábio Daflon (1º Tesoureiro)

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA

PREFEITURA DE VITÓRIA

Lorenzo Pazolini (Prefeito Municipal)

Cristhine Samorini (Vice-Prefeita)

Eduardo Henning Louzada

(Secretário Municipal de Cultura)

Elizete Terezinha Caser Rocha

(Coordenadora da Biblioteca Municipal)

Adelpho Poli Monjardim)

Coleção José Costa - nº 40

Carmélia Maria de Souza
desesperada e lírica

Vento Sul
(Crônicas selecionadas)

SEMC

Vitória (ES)
Prefeitura Municipal de Vitória
Secretaria de Cultura
2025

CONSELHO EDITORIAL

Adilson Vilaça • Álvaro José Silva • Ester Abreu Vieira de Oliveira Elizete • Terezi-
nha Caser Rocha • Fernando Antônio de M. Achiamé • Francisco Aurélio Ribeiro •
Getúlio Marcos Pereira Neves

Seleção, organização e estudo crítico:
Renata Bomfim

Arte da Capa: Atílio Colnago
REVISÃO: Francisco Aurélio Ribeiro
Editoração: Rony Mothé
impressão: Gráfica GSA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Municipal Adelpho Poli Monjardim (Vitória/ES)

S719v Souza, Carmélia Maria de
Vento sul : crônicas selecionadas / Carmélia Maria de Souza ; seleção,
organização e estudo crítico Renata Bomfim.-Vitória, ES : Secretaria
Municipal de Cultura, 2025.
150 p. ; 21 cm.-- (Coleção José Costa, 40).

ISBN: 978-65-01-54057-3

Publicação em parceria com a Prefeitura Municipal de Vitória e a Aca-
demia Espírito-santense de Letras.

1. Literatura brasileira – crônicas. 2. Bomfim, Renata I. Vitória (ES).
Secretaria Municipal de Cultura. II. Vitória (ES). Academia Espírito-San-
tense de Letras.
III. Título. IV. Série.

CDD B869.852

Distribuição gratuita. Venda proibida.
Biblioteca Municipal de Vitória “Adelpho Poli Monjardim”
bmunicipalvitoria@gmail.com
55 27 3381.6926



Carmélia Maria de Souza com José Costa



Ester Abreu Vieira de Oliveira, recebendo diploma do Sr. José Leão Nunes, Diretor da Faculdade FAFI, ao fundo Carmélia Maria de Souza que era secretária da instituição

Prefácio [07]

Apresentação [09]

Agradecimentos [11]

Cinquentenário do desaparecimento de Carmélia [13]

Carmélia Maria de Souza: desesperada e lírica [19]

Revista Comandos:

Mais um assunto: Rainha da UAGES [41]

La vida es sueño [43]

Revista Vida Capixaba:

A lotação, a gorda e eu [45]

Textos selecionados de “Vento Sul”

Perfil [47]

Autocrítica [49]

Teoria geral da fossa [55]

Carta a um amigo [59]

Os Dez mais idiotas [61]

Algumas considerações outonais chatas [63]

Com vistas ao cronista [67]

Entrevista II a Carmélia Maria de Souza [69]

A noite, o poeta e eu [73]

Reflexões (chatas) sobre o óbvio ululante [77]

Vou deixar cair [79]

O deletério do povo capixaba [81]

Na tarde, o imprevisível poema [87]

Acabo de me retirar [89]

Crônica para deixar o Souza na fossa [91]

Conversa [93]

De uma criança lírica e quase antiga [96]

De uma certeza [97]

De uma amiga que se sente feliz [99]

Crônica imprevista em face ao tempo que passa [101]

“E me vieram perguntar...” [103]

Crônica com endereço certo [105]

“Depois, descobri que o frio...” [107]

Mais uma crônica do instante que passa [109]

Fossa em corpo doze [113]

A primeira crônica [114]

Os inesquecíveis [115]

Vento Sul [117]

Vento sul (crônica de um tempo e de uma cidade) [119]

Um dia, talvez [127]

Crônica da DDC [129]

Por que, ou por outra: porque [131]

Declaração de amor [133]

Testamento [135]

Outras delicadezas [140]

PREFÁCIO

Toda cidade guarda, em sua arquitetura e alma, nomes que a moldaram com ideias, gestos e palavras. Vitória, entre suas ladeiras e horizontes de luz, reverencia um desses nomes com justiça e memória: Adelpho Poli Monjardim. Prefeito da capital capixaba de 1955 a 1957 e de 1959 a 1963, um tempo de profundas mudanças no Brasil e no mundo, Adelpho foi mais do que um administrador público; foi um homem de letras, de reflexão e de compromisso com sua terra.

Sua atuação como gestor, e primeiro prefeito eleito de Vitória, deu-se num momento emblemático, após a Segunda Guerra Mundial, quando a cidade e o país exigiam reorganização e novas direções. Nesse contexto, Adelpho promoveu reformas administrativas, buscou modernizar os serviços públicos e conduziu Vitória com seriedade, ajudando a pavimentar caminhos para uma cidade mais estruturada e consciente de sua identidade.

Mas é no campo da cultura que seu nome ganha eco duradouro. Como escritor, pesquisador e defensor das letras, contribuiu para o fortalecimento da memória capixaba. E é por isso que a Biblioteca Pública Municipal de Vitória leva o seu nome, não apenas como homenagem, mas como continuidade de sua crença no conhecimento como pilar da cidadania.

Estas publicações, destinadas sobretudo aos alunos da rede pública municipal, fazem parte de um projeto maior: semear em novas gerações o valor da história, da literatura e do pertencimento. A Prefeitura Municipal de Vitória, por meio da Secretaria Municipal de Cultura, celebra com grande satisfação a parceria com a Academia Espírito-santense de Letras, renovada a cada ano desde 1990, que permite a publicação e a ampla circulação de obras que dialogam com a alma de nossa cidade.

Neste ciclo, integram o projeto a obra “Um Aristocrata nas Letras: Vida e Obra de Adelpho Poli Monjardim” da

Coleção Roberto Almada; os livros “Vento Sul”, de Carmélia Maria de Souza, “A Vida em Sonho...”, de Saul de Navarro, e a reedição histórica de “História da Província do Espírito Santo”, de Misael Ferreira Pena, os três da Coleção José Costa. Também ganham nova vida a Coleção Escritos de Vitória, agora em sua 39ª edição, reunindo muitos “Causos da Ilha” que fortalecem a tradição oral e as narrativas afetivas de nosso povo, e os periódicos “Revista da Academia Espírito-santense de Letras”, no 30º número, e a segunda publicação da “Folha Literária”.

Que essas leituras inspirem os jovens leitores a compreender que a cidade em que vivem é feita de pessoas, decisões e memórias, e que nomes como o de Adelfo Poli Monjardim continuam vivos, não apenas nas páginas da história, mas nas ideias que nos movem e nos sonhos que ainda nos guiam.

Lorenzo Pazolini
Prefeito de Vitória

APRESENTAÇÃO

A Prefeitura Municipal de Vitória (PMV), por meio da Secretaria Municipal de Cultura (SEMC), sente-se profundamente satisfeita em seguir, em parceria com a Academia Espírito-santense de Letras (AEL), semeando a valorização da memória, da literatura e da identidade cultural da cidade. Essa parceria, traduzida por meio de um convênio anual, possibilita a publicação e a ampla distribuição de obras literárias memorialísticas à população capixaba.

Essa ação, iniciada em 1990 com a emblemática coleção *Palavras da Cidade*, ganhou fôlego e projeção com a criação, em 1993, da *Coleção Escritos de Vitória*. Ao longo dos anos, essa coleção tem acolhido textos de autores jovens e também de escritores já consagrados, cujas obras resgatam vivências, histórias e percepções sobre a cidade de Vitória. Agora, em sua 39ª edição, celebramos mais de sessenta textos sob o tema *Causos da Ilha*, fortalecendo a tradição oral e as narrativas afetivas que permeiam o imaginário ilhéu.

Juntamente com essa edição da *Coleção Escritos de Vitória*, são publicadas a *Revista da Academia Espírito-santense de Letras*, com ensaios, resenhas e discursos acadêmicos, e a *Folha Literária*, com notícias culturais e textos diversos, além de quatro livros das consagradas coleções *Roberto Almada* e *José Costa*.

Entre os títulos presentes, destacam-se *Vento Sul*, com crônicas da insigne escritora capixaba Carmélia Maria de Souza; uma biografia do ex-prefeito e escritor Adelpho Poli Monjardim – que dá nome à Biblioteca Pública Municipal de Vitória; *A Vida em Sonho...*, obra de Saul de Navarro; e a reedição da clássica *História da Província do Espírito Santo*, escrita por Misael Ferreira Pena em 1878.

Ao apoiar essas publicações, a PMV/SEMC reafirma sua convicção na importância da literatura como instrumento de reflexão, memória e transformação. São obras que, além de enriquecerem o acervo das bibliotecas e chegarem às mãos de

leitores de todas as idades, preservam a memória coletiva, incentivam a leitura e promovem o diálogo entre o passado, o presente e o futuro da cidade.

Em cada um desses tempos, destaque para aquela que se mantém protagonista. A professora doutora Ester Abreu Vieira de Oliveira, de admirável trajetória marcada pela erudição e sensibilidade, ícone de compromisso com a educação, a cultura e a literatura, segue cultivando entusiasmo e nutrindo feitura como a que se materializa neste projeto. Ela, “jardineira das letras”, planta, cultiva, poda, rega, aduba, mantém e, merecidamente, colhe; e, generosamente, nos permite colher juntos. Este é só mais um fruto desta Senhora-Árvore.

É no mínimo curioso que essa ação aconteça no outono, metaforicamente, onde mais se fala do tempo, da vida, do que foi e do que se transforma. Isso tem cheiro de Albert Camus: “O outono é outra primavera, cada folha uma flor”. Uma imagem rica para quem no livro, faz morada; da literatura, um portal. Seguimos, com orgulho, cultivando esse legado. Que os bons ventos sigam soprando as folhas dessa história de sementes, flores e frutos.

Edu Henning

Secretário de Cultura de Vitória

Outono de 2025

AGRADECIMENTOS

Em seu quadro de patronos e membros, a Academia Espírito-santense de Letras (AEL) possui nomes que enriquecem a história da literatura, da cultura e da política no Estado do Espírito Santo. Ela incentiva a criação de associações culturais e de bibliotecas, além de editar e divulgar periódicos, obras literárias e historiográficas referentes a nossa terra. Ademais, a AEL mantém importante acervo arquivístico e a preciosa Biblioteca Saul de Navarro, nome dado em homenagem a esse escritor capixaba devido à generosa doação de inúmeras e raras publicações feita pela família após seu falecimento.

A atual diretoria, já em segundo mandato, iniciado em 19 de dezembro de 2022, tem procurado cumprir com as finalidades da AEL, propostas em seu Estatuto. Para isso, participa de eventos, inclusive os organizados por outras academias, tem recebido alunos em sua sede para charlas literárias, promovido concursos sobre escritos de ficção, e contribuído para o crescimento dos acervos de bibliotecas. Além de empenhar esforços para publicar as revistas e os livros que o Conselho Editorial seleciona, dentro das coleções por ela mantidas.

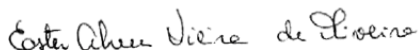
A Academia Espírito-santense de Letras agradece penhoradamente ao Prefeito Municipal de Vitória, Lorenzo Pazolini, e ao Secretário Municipal de Cultura, Edu Henning, pelo apoio financeiro que obteve para publicar dois periódicos e cinco obras avulsas. Agradecemos também aos componentes do Conselho Editorial pela colaboração, e aos acadêmicos Fernando Achiamé, Francisco Aurélio Ribeiro, Jonas Reis, Renata Bonfim e Romulo Felipe por terem trabalhado de modo voluntário na organização das publicações deste ano. Nossos agradecimentos se estendem à bibliotecária Elizete Caser Rocha, que sempre elabora as fichas catalográficas de nossas edições.

As obras da AEL procuram despertar desde cedo nas

crianças e jovens o gosto pela leitura e pelos livros. E isso está dentro dos objetivos da Academia. São 103 anos de fundação da instituição, criada em 4 de setembro de 1921 e reorganizada em 18 de julho de 1937. E, assim, é também necessário agradecer àqueles que deram início a esta agremiação e àqueles que estiveram na sua presidência e procuraram conservar e ampliar o leque de importância da AEL: D. Benedito Paulo Alves de Souza, Archimimo Martins de Mattos, Augusto Emílio Estellita Lins, João Dias Collares Júnior, Eurípides Queiroz do Valle, Ceciliano Abel de Almeida, José Antônio Ruy Côrtes, Nelson Abel de Almeida, José Moysés, Christiano Dias Lopes Filho, Rômulo Salles de Sá, Maria Helena Teixeira de Siqueira, Gabriel Augusto de Mello Bittencourt e Francisco Aurélio Ribeiro.

Muito obrigado a todos!

Vitória, dezembro de 2024.



DRA. ESTER ABREU VIEIRA DE OLIVEIRA

Professora Emérita da Ufes

Presidente da AEL

www.ael.org.br

CINQUENTENÁRIO DO DESAPARECIMENTO DE CARMÉLIA

Carmélia Maria de Souza é uma das personalidades mais emblemáticas da cultura capixaba. A “cronista do povo” abordou temas atemporais que tocam e comovem: amor, humor, poesia, amizade, ironia, boemia, a cidade. Personalidade marcante, Carmélia foi uma mulher, segundo ela própria “muito mais festiva que revolucionária”, ela foi voz da alteridade e representante da contracultura no Espírito Santo. A singularidade da vida e da obra da cronista centra-se numa resistência corajosa ao *establishment* e na capacidade que ela teve de ultrapassar, por meio do lirismo de seus textos e de um desespero, — que traduzo como “ânsia de viver”, os desafios de sua época.

Foi em 2002 que tive o primeiro contato com a obra de Carmélia, na ocasião do lançamento da terceira edição de *Vento Sul*. O livro foi um presente do saudoso amigo poeta Sérgio Blank.

Quando comecei a ler Carmélia passou a se formar na minha mente uma imagem da escritora. Sabemos o quanto é temerário desenhar o retrato de alguém, corre-se o risco de exagerar alguns aspectos, diminuir outros e, até mesmo de fetichizar a figura representada. Dessa maneira, o retrato é uma ideia incapaz de contemplar a complexidade da pessoa. Lançar um olhar sobre a vida e obra de Carmélia, cinquenta anos após a sua partida, é um desafio que impõe, também, criatividade.

Podemos vislumbrar a imagem inquietante de Carmélia desenhada através de relatos de pessoas que a conheceram, peças teatrais, fotos, documentos, documentários, artigos e ensaios biográficos, como o *Carmélia por Carmélia*, organizada por Linda Kogure para a coleção Roberto Almada. O crítico literário José Augusto Carvalho declarou que “ter conhecido Carmélia é um privilégio de capixaba, ter privado de

sua companhia, ter batido longos papos com ela passou a ser um atributo de poucos”.

Quando Carmélia faleceu eu tinha dois anos de idade, assim como eu outros entusiastas de sua obra não tiveram a oportunidade de acompanhar a sua produção em tempo real e experimentar o frisson que sua escrita produzia. Portanto, para este ensaio, busquei dialogar com pessoas que conviveram com a cronista, com Ruy Dias, sobrinho da escritora, e acessei materiais generosamente cedidos por amigos pesquisadores como Francisco Aurelio Ribeiro e Kátia Fialho, a quem agradeço imensamente. Meu desejo é trazer à luz ou realçar alguns traços da imagem desta capixaba que “A cidade tratou de transformar em mito”¹.

Variados eventos celebram Carmélia no cinquentenário de seu desaparecimento, dando prova da perenidade de sua obra e da importância do seu legado. O Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo (NEPLES), dedicou a ela o XI Bravos/as Companheiros/as e Fantasmas: Seminário Sobre o/a Autor/a Capixaba; foi lançado o Documentário “Não se Aproxime: a Vida e Obra de Carmélia M. de Souza”, dirigido por Tati Rabelo e Rodrigo Linhares, e essa seleta produzida pela Academia Espírito-santense de Letras (AEL) juntamente com a PMV na 40ª edição da coleção José Costa.

Inicialmente, a ideia era publicar uma edição fac-símile de *Vento Sul*, cheguei a produzir o livro, mas questões técnicas e limitações como o número de páginas tornou o projeto inviável. Dessa maneira, essa obra oferece ao leitor um estudo que busca elencar diferentes aspectos da obra carmeliana, obviamente, sem a pretensão de esgotar nenhum tema, e uma seleta de escritos, fotos e documentos, que permitirão ao leitor construir ou enriquecer os seus próprios retratos de Carmélia. Confesso que estou muito feliz por tecer essas considerações sobre *Vento Sul*, considero uma homenagem a “Félia” por ter me feito companhia durante muito tempo,

1 SOUZA, 2002, p. 25.

enquanto leitora, antes de eu me tornar escritora e pesquisadora.

“Diga aos que me amaram que eles me fizeram feliz. O seu amor justificou o meu amor e a ternura”. Essas palavras de Carmélia mostram que a cronista foi capaz de transitar sem medo pelos campos da afetividade e que foi querida por muitos. A sua morte por embolia pulmonar, no dia 13 de fevereiro de 1974, foi um impacto para familiares, amigos e leitores. Luiz Fernando Tatagiba escreveu no jornal *A Tribuna* do dia 15 fevereiro: “A ilha não é mais uma delícia, a aurora e o crepúsculo sorvem fel, e como os roseirais, os ideais cedo fenecem, e apenas a hipocrisia cada vez mais floresce. [...] Que esta seja a última flor e a última dor a incomodá-la, Carmélia, onde quer que esteja perdida a sonhar com versos livres e paisagens líricas na tarde”. No ano seguinte ao falecimento, 1975, Amylton de Almeida e Milson Henriques reuniram amigos da cronista para a organização e encenação do Show musical “Carmélia, por amor”, apresentado pela Fundação Cultural do Espírito Santo no Teatro Carlos Gomes. Foi feita a retrospectiva da vida e da obra de Carmélia tendo no elenco a participação de Maura Fraga, então redatora do jornal *A Tribuna*; Mariângela Pellerano e Aprígio Lyrio, redatores do jornal “*A Gazeta*”; além do pianista Gilberto Garcia, que integrava o vocal. Amylton de Almeida esclareceu que a ideia central do espetáculo era “ênfatizar a força e a grandeza espiritual de Carmélia M. de Souza, uma pessoa que se manteve fiel às exigências e crueldades da paixão, obtendo como recompensa a humanidade do senso de humor”. Amylton ressaltou, ainda, que aceitou fazer o show e estreiar como intérprete por objetivar “homenagear o amor, a beleza, a solidariedade e a confiança” valores que ele julgava esquecidos, e concluiu: “Esse é o único aspecto ‘anacrônico’ de *Carmélia por amor*: a sua crença no ser humano”². Vale destacar que, aos 20 anos do desaparecimento de Carmélia, a escritora e Kátia Bobbio escreveu o cordel “Vinte anos sem

2 BILICH, 2005, p. 78-79.

Carmélia, a cronista da Ilha”.

Na crônica intitulada “testamento”, publicada na coluna Caderno Dois do dia 18 de maio de 1969, Carmélia escreveu: “Deixo as minhas crônicas (publicadas ou inéditas) para você. Deixo também para você os personagens de um livro que jamais terminarei de escrever. Termine-o por mim, Dindi! Escreva o *Vento Sul*”³. Em 1976 o desejo de Carmélia foi realizado com a publicação póstuma do seu livro. A obra veio à lume pela Fundação Cultural do Espírito Santo e contou com a organização e apresentação de Amylton de Almeida. A segunda edição aconteceu em 1994, resultado de uma parceria entre a Rede Gazeta de Comunicações e a Universidade Federal do Espírito Santo. Lançado como o segundo volume do Projeto Nossolivro, essa edição foi distribuída no formato encarte, dentro do jornal A Gazeta. Em 2002 foi lançada a terceira edição de *Vento Sul* como “um meio termo” entre as edições anteriores, mantendo integral a introdução feita por Amylton de Almeida, mas suprimindo alguns textos.

3 SOUZA, 2002, p. 173.

Carmélia Maria de Souza, desesperada e lírica, 40ª edição da Coleção José Costa, se abre para a leitura, com a arte da capa, obra criada por Attilio Colnago, artista plástico capixaba de grande relevância na contemporaneidade, professor aposentado da UFES, pesquisador, pintor, restaurador, ilustrador. O retrato em aquarela criado por Attilio para este livro traz a imagem de Carmélia para mais perto do leitor, a obra permite variadas leituras, especialmente a partir da presença do duplo, mitema que dialoga com o imaginário de diferentes gerações e desdobra temas referentes a identidade, multiplicidade, hibridismo, fantasma, simulacro, entre outros. O cenário composto por elementos significativos do universo de Carmélia destaca a bebida, indispensável nas noites de poesia com os amigos pelos bares de Vitória e o conhecido bilhete “não se aproxime”, que compõe de forma complementar e irônica com o duplo afetivo da escritora. Essa obra é uma homenagem que também eu presto à Carmélia. Sinto-me feliz e honrada por essa oportunidade. *Carmélia Maria de Souza: desesperada e lírica*, é um caleidoscópio da obra carmeliana, com textos da revista Comandos, Vida Capixaba e das diferentes edições de *Vento Sul*. Escolhi textos mais conhecidos da cronista e outros não tão difundidos por estarem na primeira edição, esgotada a mais tempo. Os textos não seguem ordem cronológica, mas se ligam por afinidade temática: poesia, boemia, amizade, borogodó e outros caros à escrita carmeliana. Meu anseio é que Carmélia seja mais conhecida dos capixabas, e que a sua crônica poética conquiste cada vez mais leitores.

Renata Bomfim

Poeta, ambientalista e

ocupante na Cadeira nº7 na AEL

www.lettraefel.blogspot.com



CARMÉLIA MARIA DE SOUZA: DESESPERADA E LÍRICA

“Nunca foi tão preciso dar amor e amar. E nunca foi tão
difícil fazer com que os homens acreditem nisso”
(Carmélia Maria de Souza)

Carmélia Maria de Souza fez da crônica um espaço fértil para a produção literária. A “Cronista do povo”, como ela se definia e gostava de ser referenciada, foi uma *personae dramatis*, e criou performances que lhe permitiram sondar a própria identidade e se desdobrar em Félia, Magnólia Cardin, Magnolérinna. Reinaldo Santos Neves declarou ser difícil, talvez impossível definir Carmélia, mas que ela foi, certamente, “alguém que abriu caminhos – principalmente para as mulheres de Vitória”, e isso, “sem lágrimas nem dor. A não ser para ela mesma”⁴. Sendo assim, passados cinquenta anos de sua viagem para “as esquinas dos astros”, buscamos o seu rosto na sua obra e nas palavras daqueles que a conheceram e tiveram a alegria de desfrutar de sua companhia. *Vento Sul* deixa evidente o amor de Carmélia pela escrita: “E escrever, senhoras e senhores, ainda é a única coisa que consigo fazer muito bem neste mundo de meu Deus, — modéstia à parte. E isso eu aprendi a fazer assim mesmo, por minha conta e risco, sem que ninguém me ensinasse”⁵. A cronista produziu no que chamou sua “tendinha de trabalho”, — onde “nos respeitam e às nossas ideias” —, o que denominou sua “vida operária, responsável por alguma parte desta engrenagem maravilhosa que é uma oficina de jornal”.

A relevância de Carmélia no cenário cultural e jornalístico é imensa, conforme destacou Francisco Aurélio Ribeiro, ela “foi a responsável por popularizar a crônica escrita

4 SOUZA, 2002, p. 183.

5 *Ibid.*, p. 51.

por mulheres no Espírito Santo”⁶. Amylton de Almeida, em uma reportagem no jornal *A Gazeta*, declarou que devia a Carmélia “a primeira oportunidade na imprensa, em 1966, quando essa profissão dificultava o ingresso de certas pessoas”. Falamos aqui de um tempo de profundas mudanças no jornalismo local “extremamente conservador”. Marien Calixte⁷, personagem de relevo na história no jornalismo capixaba, relatou que a discriminação fazia com que “pessoas como Amylton de Almeida e Milson Henriques, que eram tidos como homossexuais, até por causa da sua própria fisiologia social, quer dizer, eles eram boêmios, pessoas metidas em teatro, literatura, etc.”, fossem estranhadas nas redações. Calixte destacou, ainda, que “a discriminação se estendia também para o gênero feminino”, e que perguntavam como “esse tipo de gente” havia conquistado espaço profissional. Carmélia escreveu na crônica “Notícias sem tempo da minha cidade”⁸: “Quem não quiser concordar, que se dane, [...] quem não estiver a fim de sintonizar direitinho com o que se faz aqui, tenha a bondade de não ficar pichando a gente pelas costas não. [...] Acabamos de nascer para esta cidade que é um mundo”.

Os anos de 1960 produziram grandes transformações sociais, conforme destacou Francisco Aurelio Ribeiro: “o acirramento da luta feminista com a criação do Women’s Lib, nos EUA, e do Movimento de Libertação das Mulheres, na França, em 1968. Dentre as reivindicações do feminismo estavam: direito ao aborto, contracepção livre e gratuita, igualdade de salários para o mesmo trabalho, defesa e informação das mulheres sobre seus direitos, luta contra a opressão familiar, que limitava o papel da mulher ao de esposa e mãe. No Brasil, o movimento foi cerceado pela ditadura militar, que impôs a censura e a perseguição aos intelectuais e políticos”⁹.

6 RIBEIRO, 1996, p. 48.

7 BILICH, 2005, p. 143.

8 SOUZA, 1976, p. 105.

9 Entrevista concedida para a organizadora no dia 04 de novembro

Em *Vento Sul*, variadas passagens mostram Carmélia se insurgindo contra o provincialismo da ilha e afirmando que, se há nela alguma pretensão, é a de ser “justa, natural e única”, em contraposição aos “enfeitados e esnobadinhos”, o que considerou um “hábito tradicional de muita gente” na ilha de Vitória¹⁰. Carmélia não ligava para falatórios, foi uma mulher simples, que valorizou a essência, pouco se importando com as aparências, e é sabido que a autenticidade cobra o seu preço.

Variados tipos de violência ameaçam as mulheres, diferentes a endereço, raça, cor, classe social, escolaridade, profissão. Entretanto, sabemos também que os impactos dessas violências diferem com relação as suas vítimas, a partir de marcadores sociais como gênero, raça e classe. Carmélia carregou marcadores de diferença significativos, — mulher, negra, pobre e LGBTQIA+. Para Kátia Fialho, a cronista “imprimiu em sua escrita uma “ruidosa” (no melhor dos sentidos) forma de (r)existência. Do lugar de fala que ocupou no mundo tendo um corpo negro, gordo, totalmente fora dos padrões determinados por uma sociedade altamente conservadora – que ela apelidou de TFC (Tradicional Família Capi-xaba), ela não precisou empunhar e tremular uma bandeira de luta por respeito, pois a sua própria presença no universo do jornalismo, da boemia e da escrita, de forma precursora e altamente irônica, provocativa e ‘subversiva’ a destacavam como uma mulher à frente do seu tempo, que carregava em seu modo tão peculiar de viver a essência da diversidade”. Prova dessa coragem é que Carmélia viveu desafiando costumes, ela foi uma das poucas mulheres em Vitória a usar calça comprida e, a esse respeito, a cronista declarou: “Não troco o conforto das minhas calças compridas e surradas por nada deste mundo”¹¹. Reinaldo Santos Neves perguntou em

de 2024.

10 SOUZA, 1976, p. 105.

11 SOUZA, 2002, p. 36.

“Muito além do Milk Shake”¹², “Quem foi Carmélia Maria de Souza? O escritor, que conviveu com Carmélia, traz à luz uma imagem de mulher afastada de “joias, adereços, maquiagem”, “com jeito de homem, com mania de usar sempre calça comprida e de viver sempre acompanhada por homens, sendo que, nos seus últimos dias, tinha como companheira dos últimos anos ‘a famosa bengala’ e, pontual, usava um relógio de pulso para não se atrasar nos compromissos. Ambição? Nenhuma”. Carmélia não se deixou definir como “inferior” e caminhou com altivez na contramão do ideário feminino de sua época, respondendo as asperezas da vida com as armas de que dispunha: HUMOR E IRONIA. Carmélia escreveu: “Descobri que sou bárbara, dona de um estilo verdadeiramente universal, preciso urgentemente me mandar para Guanabara, pois Vitória não está à altura de receber minha genialidade, nem por aqui haveria horizontes dignos e devidamente alargados onde eu pudesse caber. A mim me cabe, portanto, dar uma banana para todos vocês e me mandar de mala e cuia para o Rio de Janeiro. Lá eu não terei a menor dificuldade em desbancar o Rubem Braga, nem em botar no maior chinelo o Carlinhos de Oliveira”¹³. Capixabas entenderão! A cronista conseguiu desvelar de forma irônica os valores da sociedade espírito-santense, desafiando a ideologia dominante e, mesmo que o slogan “Esta ilha é uma delícia”, popularizado por ela, esteja imantado de ironia, a cronista colocou o seu território, — a ilha de Vitória — no centro do [seu] mundo, como um lugar singular e único.

A ironia é um recurso narrativo que requer cumplicidade entre o produtor e o destinatário da mensagem, é fácil constatar que entre Carmélia e seus leitores existia esse entendimento, o que mostra que a cronista conseguiu desenvolver um jeito próprio de se comunicar com o povo capixaba.

Amylton de Almeida relatou que Carmélia não sobreviveu aos anos 70, mas que a cronista conheceu pela primeira

12 Ibid., 2002, p.183-184.

13 Ibid., 2002, p. 51.

vez o reconhecimento profissional, “trabalhando como redatora anônima na redação do jornal O Diário, depois de ter feito da crônica assinada o seu paraíso pessoal”¹⁴. Esse relato dá a entender que a cronista experimentou um jeito diferente de se expressar, literariamente, escrevendo no anonimato. A história mostra que, em diferentes épocas, muitas mulheres ocultaram a autoria de seus textos ou escreveram sob a máscara do pseudônimo.

É sabido que a inserção da mulher no campo do discurso foi uma conquista nada fácil. Francisco Aurélio Ribeiro destaca: “esta deve ser vista juntamente com a marginalização a que foram submetidas pela sociedade machista e falocrata até muito recentemente, ao lado dos homossexuais, crianças, idosos e dos étnica e racialmente discriminados: negros, judeus, ciganos, curdos, dentre outros”¹⁵. Os primeiros jornais do Espírito Santo não foram campos elísios para as vozes da alteridade, ao contrário, eles serviram a determinados grupos de homens da elite e albergaram ideologias conservadoras do período colonial, depois, continuaram atuando em prol das novas formas de poder. Francisco Aurélio Ribeiro aponta que, no século XX, houve um “reposicionamento da mulher na sociedade, a discussão do seu papel social, a sua profissionalização”¹⁶, e destaca o pioneirismo de Haydée Nicolussi (1905- 1970) e Lídia Besouchet (1908-1989) como colunistas, em jornais e revistas da época.

Uma visada histórica mostra que o voto feminino foi constitucionalmente garantido em 1934. O Estado Novo (1937- 1945), estabelecido por Vargas através de um golpe de estado, dificultou muito os avanços da pauta feminista e, especialmente a vida das militantes, foram tempos de repressão. A redemocratização, em 1946, permitiu que às mulheres voltarem a se organizar em coletivos. No Espírito Santo, em 1949, foi fundada a Academia Feminina Espírito-santense

14 Ibid., 2002, p. 26.

15 RIBEIRO 1996, p. 31.

16 RIBEIRO, 2024, p. 167.

Letras (AFESL). Carmélia demonstrou interesse em ingressar na AFESL, mas a sua entrada não foi vista com bons olhos, possivelmente pela sua vida extemporânea. No ano de 1992, buscando retratar a injustiça, a instituição tornou-a patrona da cadeira de número 30. A primeira ocupante dessa cadeira foi Marzia Figueira (1938-2000), que segundo Ribeiro era “oriunda de família da elite” e teve grande destaque no cenário jornalístico capixaba, atuando por trinta anos. Embora ambas tenham produzido na mesma época e fossem humanistas, a escrita de Carmélia e de Marzia diferiam, pois, Carmélia escrevia ancorada pelos valores da contracultura, e Marzia produzia crônicas mais conservadoras.

Carmélia transitou com determinação nesse cenário jornalístico e literário, levando para o jornal, alguns deles de grande circulação, temas que encontraram ressonância em diferentes grupos, assim, com o passar dos anos, ela se consolidou como uma cronista implicada com a ótica da diferença. O jornalista Álvaro Silva relatou que “até o início da década de 1970, não existia imprensa profissional, eram pessoas que trabalhavam nas redações de jornal depois do expediente, era médico, professor, funcionário público, e quando ele terminava o expediente ia para jornal ganhar mais um dinheirinho. Carmélia não tinha formação [acadêmica] como jornalista, tinha formação como gente, ela foi uma intelectual pura, que viveu a vida como ela deveria ser vivida. Por que ela era discriminada? Porque ela vivia, e tinha uma vida que, na época, era chamada de libertina. Ela era uma pessoa pura, sabe o que é uma pessoa pura? A pessoa que não tem satisfação a dar a ninguém, ela era... não sei como classificaria Carmélia hoje, sei lá, não sei”. Álvaro relatou, ainda, que Marien Calixte lhe contou um episódio no qual Carmélia chegou para ele e disse: “A primavera chegou uma semana antes em Vitória, está na Praça Costa Pereira, em uma flor que só eu vi”. A partir dessa confidência, Calixte passou a chamá-la de “a mulher que descobriu a primavera”.

A MULHER QUE DESCOBRIU A PRIMAVERA: FORÇA QUE NASCE DA TERNURA

A inserção de Carmélia no mundo da crônica aconteceu no tempo que ela ainda era estudante e escrevia para a revista *Comandos*, do Colégio Estadual do Espírito Santo. É de 1954 a crônica “La vida es sueño”, que diz: “estoy segura que yo no soy la única persona a soñar en el mundo”. A primeira crônica como profissional, intitulada “O lotação, a gorda e eu”, Carmélia publicou em 1958, na Revista Vida Capixaba. Posteriormente, a cronista trabalhou nos principais jornais da capital: Sete Dias, O Diário, A Tribuna, A Gazeta, O Debate e Jornal da Cidade. Após anos de produção, na década de 1980, parte do acervo que continha seus escritos foi destruído em um incêndio, eram crônicas publicadas nos jornais A Tribuna e O Diário.

Conforme relatamos anteriormente, Carmélia tinha um amor declarado pelo ofício de escritora. Apaixonada pela palavra, ela produzia com paixão e os seus textos tinham uma forte carga de lirismo: “Há uma necessidade em mim de dizer as palavras que ainda não foram ditas”¹⁷. A escritora também escreveu poemas, em guardanapos, que ofertava aos amigos, nas noites, em bares como o Britz e o Shakesbeer.

A leitura de *Vento Sul* indica que Carmélia não se fechou na crônica, há na obra, também, poesia. Infelizmente, não temos ideia do que o fogo consumiu do seu trabalho e nem o que esse material abriria de possibilidade para a pesquisa. A entrega genuína à produção literária, alinhada com os valores que acreditou e defendeu, fez com que a cronista marcassem uma época e se tornasse a porta-voz do espírito de contestação dos anos 60 e da desilusão dos anos 70.

As luzes que permitiram que a escrita de autoria feminina fosse vista com mais interesse e se tornasse linha de pesquisa em variados centros acadêmicos, começaram a brilhar a partir da década de 1970, especialmente instigada

¹⁷ SOUZA, 2002, p. 94.

pela crítica feminista. Foi então que passou a acontecer um revisionismo crítico da produção das mulheres de diferentes épocas, o que contribuiu para a territorialização do espaço da escrita em ofícios tradicionalmente tomados como sendo “de alçada masculina”¹⁸ como o jornalismo.

A crônica, gênero híbrido que transita entre o jornalístico e o literário, nasceu irremediavelmente atrelado ao jornal. A palavra crônica, derivada do grego *Khronos*, mostra a associação do gênero ao tempo. A escrita de Carmélia possibilita um olhar, — que deve ser feito à contrapelo —, para a cidade e a sociedade do seu tempo e, se levarmos em conta que o jornal é um suporte temerário, — pois as notícias são atualizadas e o jornal do dia anterior acaba fadado ao esquecimento—, podemos dizer que Carmélia é uma sobrevivente.

A primeira crônica “oficial” de Carmélia permite entrever o olhar sensível da escritora, capaz de enxergar poesia em uma cena corriqueira da cidade. Essa crônica também é uma mostra da poeticidade de sua prosa. A escolha do lotação, ou seja, do ônibus, como cenário de observação para a escrita, indica a proximidade da cronista com o universo do trabalho, do público e do coletivo. O texto expõe o desconforto dos passageiros “que se comprimiam” dentro do coletivo, e a atitude de uma mulher que, sentada, reclamava do aperto com um outro passageiro que estava de pé. Esse foi o ponto de partida da cronista para variadas reflexões. A descrição da personagem como “gorda e feia” revela uma antipatia da personagem por parte da narradora que pode ter sido despertada pela falação da mulher e agravada pelo cansaço, pois, Carmélia confidencia ao leitor que teve um “dia horrível”. A narradora observou que, logo, todos os passageiros passaram a reclamar do lotação. Segundo Carmélia, além de reclamarem da situação momentânea, passaram a falar mal “de todos os lotações do mundo”. No decorrer da crônica podemos ver que esse mal-estar, aos poucos, foi cedendo ao sentimento de ternura e gratidão. A cena despertou em Carmélia o que

18 ZOLIN, 2009, p. 328.

ela definiu como uma “**ternura toda esquisita**” pelos lotações da cidade e pelo motorista “carrancudo” e de “mãos caleçadas” que o dirigia. Na narrativa, observamos que a cronista se sensibilizou com a situação do trabalhador e sentiu gratidão pelo “cacareco” que, gentilmente, ao final do dia, a deixava na esquina de casa. Na parte final da crônica, bastante poética, essa viagem de ônibus se torna uma metáfora da vida, e Carmélia diz que esperava um dia, ao vir “os destroços” do velho lotação, em “algum canto da vida”, e lembrar dos tempos em que “rabiscava crônicas como esta, na esperança de que [lhe estivesse] reservado um lugar ao sol”.¹⁹ Um texto emocionante que mostra o desejo de uma jovem escritora de 22 anos, de encontrar espaço como profissional e alcançar o reconhecimento pelo seu trabalho.

A MUSA DA FOSSA

Estamos acostumados a ver ressaltado, nos retratos de Carmélia, o traço “Musa da fossa”. Conversando com pessoas que conviveram com a cronista ganha destaque a personalidade alegre e divertida de Carmélia. José Augusto Carvalho ressaltou esse jeito brincalhão da cronista: “Ela mesma pegava o uísque, tão à vontade se sentia em minha casa, e sentava-se à minha frente, e falava de si, de mim, de seus projetos, de seus amigos”. Carvalho descreve Carmélia como uma pessoa relacional, inclusive ela tentou apaziguar um atrito surgido entre ele e a colunista social Maria Nilce. O crítico conclui que “foi por intermédio de Carmélia que aqueles que a conheceram se tornaram membros de uma grande família capixaba”. Gleyce Coutinho, jornalista que também conviveu com Carmélia, teve um papel importante na criação do TEATRO CARMÉLIA MARIA DE SOUZA, em 1986. Ela também enfatizou essa característica da cronista: “Olha, você sabe que eu não trabalhava no mesmo jornal que ela, eu trabalhava no Jornal A Gazeta e ela era do Diário, deve ter sido

¹⁹ SOUZA, 2002, p. 188.

muito divertido o convívio com ela no jornal, porque ela era divertida, não tinha esse negócio de ficar na fossa não”.

A cronista gostava de ajudar as pessoas e declarava contentamento em ver “um amigo do mesmo tempo, e das mesmas esperanças nossas [...] mostrar, principalmente para aqueles que não acreditavam na gente, que a geração que eles chamaram de PERDIDA, nunca esteve tão grandemente achada”²⁰.

Carmélia tinha uma vida preenchida com livros, música, amigos. Ela foi leitora de Sartre, Drummond, Fernando Pessoa, Baudelaire, entre outros e brincava com essas personagens em suas crônicas: “Kafka é uma mentira, nunca existiu, Proust é chatíssimo e José de Alencar, se não tivesse morrido, a gente estrangulava ele”²¹.

Amylton de Almeida, no prefácio de *Vento Sul*, declarou que “Foi através de uma canção imortalizada por Silvinha Teles, ‘Dindi’, que Carmélia escolheu um tema que repetiria para o resto de sua vida”. Logo surgiria Maysa, com a canção “Barquinho”, iniciando a expressão de um estado de espírito que dominou a época: “a fossa”²², que se traduzia em um estilo de vida, “seguido pela ‘corja’, e que scandalizava a Tradicional Família Capixaba”. A “fossa” é um tema importante na obra de Carmélia. No texto *Fossa & amizade* ela diz: “já se tornou tradicional me ouvirem dizer, de vez em quando, que estou numa fossa desgrçada. Isso dá para entender quando não me envergonho de confessar que a vida me tem maltratado, que vou aprendendo a sofrer quando é preciso”²³. A dor e o sofrimento são importantes alavancas criativas e levam a escritora a desenvolver a “Teoria geral da fossa” e “A Fossa (II.)”. Logo de saída Carmélia declara: “A minha fossa é linda. Lírica. Poética. Profunda. Imutável. Colorida [...] Uma fossa assim, destas de fazer inveja ao próprio Baudelaire, que

20 SOUZA, 1976, p. 108.

21 Ibid., p. 68.

22 ISOUZA., 1976, p. 23.

23 SOUZA, 2002, p. 34

em matéria de fossa ameaçava jamais encontrar rival. Ou ao finado Kafka, que entre uma e outra crise carpitiva costumava suspirar dizendo: Comigo ninguém pode! Eis, pois, que resolvo entender e falar de fossa, começando por classificar, de acordo com a atualidade, os mais diversos tipos”²⁴. Dando sequência a sua “teoria”, Carmélia classificou vários tipos de fossa: a “fossa pororoca”, a “fossa-de-não-ter-fossa”, a “fossa matrimonial”, e faz recomendações do tipo “como evitar” a fossa e como “dar cabo da bruta”. E para não se contradizer, advertia: “não pretendo mais ser confidente de fossinhas mi-xurucas: só aceito drama de alto gabarito, [...] e não tente, principalmente, curar as minhas [fossas], são heranças”²⁵. Os escritos sobre a fossa continuam, em Fossa II, novos tipos emergem: a “fossa financeira”, a “fossa balneária”, a “fossa íntima”, a “fossa jornalística”, mas, para além das teorias da fossa, em novembro de 1967, a cronista escreveu a crônica “É tempo de otimismo acho eu”²⁶.

A fossa possibilitou que a nossa *persona dramatis* realizasse variadas performances perante os seus leitores, e essa atitude literária ajudou a formação de uma aura mítica em torno da cronista que, na casa dos trinta anos, costumava dizer que tinha “oitenta e um anos de idade”. Tomando a escrita de si como performance, a própria Carmélia dirá, no texto “Fossa e amizade”: “É natural o pranto e o riso, na geração de onde eu vim e na geração deste tempo que nos foi dado para viver. Sou decididamente uma jovem velha [...], às vezes choro porque me sinto triste. Isso não me impede, todavia, que eu me sinta uma pessoa perdidamente feliz”²⁷. A aura mítica que foi se formando em torno da personagem carmeliana, também foi alimentada pelos famosos bilhetinhos nas mesas dos bares dizendo: “Não se aproxime”; pela surpresa dos seus arroubos, quando, do nada, se levantava e, em alta voz, dizia: Viva o Simpósio! Ela criou siglas como TFC, Tradicional Família Capixaba; FUNAP, Fundação Nossa de Assistência ao Pecado e GREET, Grupo Experimental dos Existencialistas Traumatizados. Carmélia

foi uma pessoa invulgar, como lembrou Sandra Medeiros. A amiga de Carmélia declarou que a cronista misturava fantasia, bastidores das redações todas da cidade, da política, dos personagens que ocupavam as colunas sociais, com coisa mais séria: cinema e existencialismo. [...] Pequenas bobagens para fazer graça. [...]. Ela mesma se divertia e ria muito com isso²⁸. Carmélia andava carregando uma “bengala”, mas a despeito de toda fortaleza de seus quase 80 quilos, e de se dizer “grossíssima, péssima companhia noturna, diurna ou vespertina; [...] mau-caráter, desgraçada, temperamental, neurótica, falsa, inconstante, cínica e debochada”, ela era “carinhosa e afetiva”, como a descreveu a amiga Mariangela Pellerano, lembrando que a cronista “chorava fácil e ficava de mal”²⁹.

Ruy Dias de Souza, sobrinho de Carmélia, relatou a importância da tia na sua vida, e lembra com carinho do tempo de convívio em que costumava dirigir para ela, levando-a aos bares e aos eventos da cidade. Traçou o perfil de uma mulher alegre, e que enfrentou com coragem os desafios de viver em uma época de grande repressão.

Foi no embalo das tragicomédias ensaiadas pela fofa, e no jeito novo do artista compor, tocar, cantar e de se apresentar, que “Dindi” se tornou o mito amoroso carmeliano. Foi com Dindi que Carmélia dialogou poeticamente nos momentos de solidão, apresentando-se como Félia, Magnólia Cardin, Magnolérria. A Dindí carmeliana consta como herdeira das crônicas e dos livros de Carmélia, personagem incumbida de cuidar do seu espólio e, especialmente, de fazer vir a lume o livro *Vento Sul*.

CRITICIDADE, POLÍTICA E RELIGIOSIDADE

Carmélia enxergou a sociedade capixaba sem filtros, ela não se inseriu no campo do discurso para agradar, ao

28 MEDEIROS, 2024.

29 SOUZA, 2002, p. 181.

contrário, buscou “espinafrar”, questionar verdades, desvelar preconceitos e o que mais pudesse estar camuflado sob o verniz da conveniência, tudo isso ela fez ciente do seu papel como intelectual e escritora. O seu trabalho cimentou caminho para outras pessoas na escrita, como observamos na crônica “Minha Félia”: “Quando nada, vou cumprindo a tarefa de aperfeiçoar a ferramenta para os outros, que certamente virão. Quando nada, é possível que eu me saiba um pedaço desta ponte que deverá conduzir a humanidade até um mundo melhor. Tenho pena de não haver esperado para nascer no ano de 2050. Porque até lá, a imortalidade seja possível e a vida seja feita de colaboração e não de competição. Todavia, isso não passa de uma conjectura, apenas desejável. No momento, a disputa por um pedaço de pão atirado no lixo, a dura luta contra a escravidão [...] é o que constitui a presente e amarga realidade que me foi dada para contemplar. [...] Mas ela passou a ser minha preocupação maior, a minha verdade, a minha poesia. Ela é hoje a minha consciência – a minha clara e nítida consciência, minha promessa única de realização nessa vida”³⁰.

A cronista foi alguém que viveu a cidade e conviveu com os seus personagens. Reinaldo Santos Neves afirmou que “Carmélia não fixava fronteiras para a troca de calor humano. Se dava bem com a esposa do magnata e com o pescador fodido que afogava as mágoas na pinga, não tinha preconceitos: não fazia distinção de sexo, credo, cor, nem pedigree social ou econômico — nem muito menos de idade”³¹. Carmélia fez da escrita um instrumento de diálogo e espaço para a fruição de afetos. Para a cronista, havia sacralidade no contato humano, mas ela abdicava “dos mistérios da divindade” e clamava por um Cristo “com a simplicidade dos mansos”: “O meu Cristo é assim: leal, compreensivo, solidário, fala gíria, frequenta o mesmo bar da corriola, lê poesia, e acha essa ilha uma delícia. Adora Chico Buarque, não supor-

30 SOUZA, 2002, p. 95.

31 Ibid., p. 183.

ta Proust, expulsa os chatos da mesa e se faz respeitar e amar como amigo que está em todas as coisas que eu amo e é por isso que está comigo”³².

Carmélia tinha amigos importantes, entre eles o governador. O Jornalista Álvaro Silva contou que, na época da ditadura, Elcio Alvares ascendeu ao cargo de Governador do estado por indicação, sem eleição direta. Silva relatou que, em uma ocasião, no Cine Juparanã, viu Carmélia chegar e saudar em auto e bom som o Governador Elcio Alvares, que se encontrava longe dela, e que este saiu de onde estava e veio cumprimentar a cronista. A jornalista Glecy Coutinho, em entrevista, contou que na época da ditadura, Carmélia “respondeu processo” porque “escondeu umas pessoas na casa dela”, e que quando veio o AI-5, “então a barra pesou muito”. Essa é uma imagem da escritora que se opõe a de uma pessoa apolítica. A crônica “E me vieram perguntar, originalmente publicada sem título no jornal A Tribuna do dia 18 de fevereiro de 1968, diz assim: “Chegou um tempo, aqui no Brasil, em que todos os poetas — principalmente os mais humildes, os mais limpos — estão sendo encarados como elementos perigosíssimos à segurança da nação. Tenho um amigo poeta que passou seis meses trancafiado na prisão. [...] Como se ele pretendesse enfrentar sozinho as forças armadas e avacalhar com a revolução”³³. Nos seus escritos, a cronista se afirmou como livre pensadora, ela se posicionou junto àqueles com os quais tinha afinidade na defesa dos valores que acreditava e, defendeu o estilo de vida que escolheu viver: “Sou livre para fazer isto, [...] enquanto não me prendem eu vou bebendo o meu vinho todas as noites, entre os supostos e alegres soldados que compõem esta ingênua e inofensiva esquerda festiva. Na verdade, mesmo, não me prenderei mais a nenhum grupo e a ideologia nenhuma”³⁴. Na crônica “Considerações outonais e chatas”, vemos Carmélia ironizar as “gloriosas” forças

32 Ibid., p. 107.

33 Ibid., p. 133.

34 SOUZA, 2002, p. 132.

nacionais e debochar do histórico símbolo de liberdade nacional que é o grito do Ipiranga: “Há muito cansei de ouvir dizerem a mim que as coisas estão ruins e vão melhorar, pois, o Presidente da República e as Gloriosas Forças Armadas estão tomando as providências para botar essa joça no seu devido lugar. [...] Para mim isso acabou de uma vez por todas, não vem que não tem:[...] “Independência ou Marte!”, “sim, quero me mandar para Marte, com a maior urgência”³⁵.

Política e Poética são temáticas que se imbricam. Se pensarmos que Carmélia viveu em uma sociedade estamental e religiosa, podemos perceber que os seus textos criticam os grupos da elite, um exemplo desse olhar está na crônica “Os dez mais idiotas”, na qual a cronista, por meio do humor, chama a atenção para o uso do suplemento do jornal para o “fora de moda”. Ela se referia às listas dos ‘dez mais’, uma irrelevância que encobria “o tempo que passa na janela e só Carolina não vê”³⁶. Em uma época em que o colonismo social foi muito forte em Vitória, a cronista não deixava de “espinafrar” esse e outros gostos da pequena burguesia. Carmélia debocha das ‘listas’, afirmando logo de entrada que isso era coisa que teria começado com “o finado Adão”, que havia se elegido “um dos dez mais do paraíso e deixado a pobre Eva na reserva”. Ela afirma que seria difícil fazer uma lista de chatos, pois, “esta ilha tem chato que não acaba mais”, mas, para não escandalizar a “carneirada”, resolveu escrever a sua própria lista: “Coisas que eu detesto; caviar, champagne, festa estilo soçaite, soçaite, Jorge Amado, programa “um instante maestro”, praia, telenovela, reunião com muita mulher, mulher (em geral), livro best-seller, dona bibi ferreira, muqueca de peixe, o samba “apelo”, homem bonito (só abro exceção para o alain delon — ele é demais) e almoço em família. Coisas que eu adoro: inverno, vento sul, café sem açúcar, frescura, desgraça alheia, jiló, música clássica, noite, irmãos metralha ltda., trocadilho infame, homem feio, simplicidade,

35 Ibid., p. 51.

36 Ibid., p. 49- 50.

pinga, gripe e sogra”³⁷.

O crítico e poeta Octávio Paz³⁸ defendeu que “a atividade poética é revolucionária por natureza”. O pensamento do filósofo francês Jacques Rancière³⁹ caminha na mesma direção na obra *Políticas da escrita*, onde consta: “a escrita é coisa política, pois ela alegoriza a constituição estética de uma comunidade, apontando a forma como essa comunidade partilha o sensível e delimita os seus espaços reais e simbólicos”. A partir desse entendimento, compreendemos que a política e a escrita se inscrevem, de forma radical, no campo da comunidade. Carmélia não foi uma escritora panfletária, mas usou a escrita para ocupar espaços relevantes na sociedade, e abrir outros, igualmente relevantes, especialmente para as mulheres. A reescrita da ‘lista’ foi feita de forma paródica, de forma a desnudar os valores esvaziados da “soçaite”, aos quais, agora sabemos, ela afirma que “detesta”. A crônica mostra também ser um espaço para experimentações com a linguagem e a subvertendo valores e gostos, com a cronista se colocando como apreciadora do que esse grupo não aprecia.

Carmélia apontou que leitores capazes de a compreender eram o seu público ideal: “escrevemos para um grupo fechadíssimo, inteligente, de bom gosto, merecedor do nosso talento redacional em toda linha. Um grupo que ainda encontra sentido nas coisas mais simples e que entende a doçura e a poesia que a gente tira de dentro do coração”⁴⁰. Amylton de Almeida declarou que Carmélia seguiu firme trabalhando no jornal, enfrentando com senso de humor as asperezas e grosserias da cidade.

ESTA ILHA É UMA DELÍCIA

No Programa Biografia, da TV- ALES, Milson Henriques, que foi um amigo muito próximo a Carmélia, afirmou

37 Ibid., p. 49- 50.

38 PAZ, 1990, p. 13.

39 RANCIÈRE, 1995, p. 7.

40 SOUZA, 1976, p. 103.

que a cronista, quando criou a frase “Essa ilha é uma delícia”, o slogan poderia, à primeira vista, “parecer um elogio”, mas que estava “repleto de ironia”, e, na realidade, a frase queria dizer que, em Vitória, “tudo é proibido, tudo é provinciano, tudo não pode”. Ele acrescentou, ainda, que a despeito da ironia, nada impediu Carmélia de amar verdadeiramente a cidade de Vitória e de defendê-la nas suas crônicas.

Com relação à criação do slogan, “Esta Ilha é uma delícia”, o jornalista Pedro Maia declarou que é de autoria de Acyr Monteiro. Quem traz esse dado é José Irmo Goring. Segundo Maia, Carmélia o teria adotado para a sua coluna: “Carmélia veio de Barbacena, onde tinha uma coluna chamada Os Pardais, para fazer coluna social no lugar do Hélio Dórea, que tinha ido para o jornal A Gazeta. A ideia de colocar na coluna o nome Essa Ilha É Uma Delícia foi do Acyr Monteiro, que realmente gostava muito de Vitória. Carmélia queria colocar na coluna o nome Os Pardais, mas Acyr achava muito provinciano”. [...] Ela escreveu durante dez anos a coluna”⁴¹. A despeito de quem foi o criador do slogan, Glecyr Coutinho destacou “Olha, Carmélia foi a pessoa que, eu acho, mais amou Vitória! Ela escrevia muito sobre Vitória, muito mesmo, e ela defendia Vitória, assim, viu, de unhas e dentes”. Esse amor da cronista pela cidade atravessa todo o livro *Vento Sul*. O texto “Com vistas ao cronista”⁴² fala sobre uma viagem que Carmélia fez ao Rio de Janeiro. Nele, a cronista declara que ficou feliz ao encontrar a Revista Vida Capixaba em uma banca, entretanto, ao ler, observou que o cronista Eugênio Sette, seu amigo, “espinafra” a cidade: “Reconheço que nem sempre é possível a gente se lembrar que roupa suja deve ser lavada em casa”. Carmélia declara ter percebido um certo prazer, por parte do escritor, em “contar para os quatro ventos os pecados da Ilha”, uma intimidade que, para ela, era “sagrada”. Então, de forma humorada, passou a descrever o absurdo de alguém dizer que “os nossos

41 MAIA, 1998. p. 61.

42 SOUZA2002, p. 57,

telefones são uma droga”, que “as senhoras da Tradicional Família Capixaba [TFC] são fofoqueiras”, que “quando chove, fica tudo alagado”, e pergunta ao Eugênio: “em que mundo você estava quando inventou essas bobagens?”⁴³ Em diversas crônicas é possível observar que há momentos em que Carmélia se torna porta voz da Ilha de Vitória: “A Ilha está pedindo para que vocês a deixem crescer”, “a Ilha quer saber se lá fora o seu nome é pronunciado com admiração e respeito”, e há outros, nos quais ela se funde à cidade: “Eu sou a Rua Duque de Caxias”⁴⁴. Carmélia afirmou que “gostava do jeito gozador com que os capixabas encaram as coisas da vida” e, no mesmo texto, ela pede ao Eugênio que, quando for escrever, “pense nas tardes de maio, [...], nas noites de serestas, nas estrelas da madrugada [...] e depois escreva uma crônica cheia de doçura, lembrando dela, “alguém que sempre entendeu (com amor e ironia) que esta Ilha é uma delícia”, especialmente por “abrigar os amores que a gente tem”⁴⁵.

Na parte dois de *Vento Sul*: “Cartas do meu redemoinho”, Carmélia se referirá a Vitória como “preguiçosa e bonita”, uma cidade que parece ter sido feita para abrigar as pessoas de boa fé e os homens de boa vontade”. Nesse texto, o que à primeira vista soa como sarcástico, vai sendo justificado poeticamente e vemos surgir aos olhos uma cidade humanizada “onde o milagre da poesia vai transformando todas as estrelas em perdão, a fim que se perdoem todas as mágoas de amor”⁴⁶. Outro exemplo interessante que fala sobre os capixabas está na crônica “O deletério do povo capixaba”, onde a cronista diz: “confesso que não encontrei outra [palavra] mais expressiva para dizer o que penso do honrado povo capixaba [...]. É, decididamente, um povo deletério, este”. O povo mais deletério do mundo, talvez”. No texto, a escritora sai em defesa do amigo Marien Calixte que

43 Ibid., p. 57.

44 Ibid., p. 78.

45 SOUZA, 2002, p. 78.

46 Ibid., p. 101.

buscava empreender na gestão municipal de Vitória e estava recebendo muitas críticas. Carmélia acrescenta: “é bastante alguém pensar em fazer alguma coisa que preste nessa Ilha (ô Ilha!), para que os chamados “pés-frios” comecem logo a engrossar. Ao invés de darem o necessário incentivo [...]. E vão em frente os deletérios do inferno, apostando a própria mãe como ninguém será capaz de fazer coisa nenhuma. É uma desgraça, enfim”⁴⁷. Carmélia não tinha papas na língua e fica claro que ela se posicionava com relação aos acontecimentos e às figuras públicas da cidade. A cronista, como bem disse Santos Neves, se dava bem com pessoas de diferentes grupos sociais, possuía amigos da classe trabalhadora e da alta sociedade e mantinha o hábito de passar temporadas nas casas desses variados amigos, como, por exemplo, na da colunista social Maria Nilce. Carmélia tinha consciência da potência das palavras, e de que a forma como representamos algo ou alguém, revela ou confere valor e grau de importância ao representado.

PELOS CAMPOS DE DIONÍSIO

A obra *O nascimento da tragédia*, do filósofo Nietzsche, discorre sobre dois impulsos antagônicos expressos na vida e na arte: o apolíneo e o dionisíaco. O apolíneo, relativo ao deus da mitologia grega Apolo, representa a racionalidade e o equilíbrio, ao passo que o dionisíaco, referente ao deus Dionísio, — Baco, para os romanos —, representa a loucura, a desmedida e o caos. Carmélia foi desmesurada, ela fez de Vitória campos de Dionísio, transitando pelas noites estreladas “derramando poesia pelas mesas dos bares”⁴⁸. O espaço de Dionísio é o da embriaguez e do êxtase. Esse deus nasceu após ser dilacerado por divindades que lhe eram hostis: “Me mataram numa tarde, quando eu tinha dezesseis anos, em um quarto de hospital. O que sou hoje é o amor que não tive.

⁴⁷ Ibid., p. 75.

⁴⁸ Ibid., p. 179.

A febre queimava meu rosto, minhas mãos, minhas esperanças destroçadas. O meu pulmão e a minha alma... mutilados. Os pedaços de minha juventude e do meu coração. A minha vida partida pela metade [...]. E eu morria todas as manhãs, sem nunca ter vestido um vestido cor de rosa”⁴⁹. O relato referente à adolescência da cronista, quando ficou internada em uma clínica Barbacena, para tratar da tuberculose, está expressa na crônica intitulada “De uma data sem tempo e sem memória” e nos dá a dimensão do emaranhado dionísico que dimensionou ‘o ser’ Carmélia.

Além da tuberculose e do período de internação, a morte de Dona Etelvina de Souza, quando Carmélia tinha dois anos de idade, marcou a vida e a produção da cronista. Estudos sobre a infância mostram que esse não é apenas um período da existência do indivíduo, mas também, em termos estruturais, uma categoria permanente, que não possui começo e nem fim. A obra de Carmélia filtra esse tempo em variados momentos, ela diz: Possuo uma riqueza muito melhor e maior, que os ricos não possuem [...], ela vem de dentro, [...] é uma coisa toda interior, grandiosa, sem fim, e eu posso esbanjar em cada gesto de amor, ou na ternura dos meus olhos, quando olham o mundo com a pureza dos que são mansos, limpos e purificados. Os olhos de uma criança que ainda habita em mim”⁵⁰.

Solicitaram a Carmélia que escrevesse sobre o Dia das Mães. Ela declarou “extrema insensibilidade” para o pleito, pois, estaria endereçando sua fala para as “mães alheias, mães dos outros”. Dessa maneira, ela pediu a compreensão dos seus leitores, chamando-os de “irmãos”, e elegeu a amiga Emília, pessoa que ela afirma ter aprendido a “admirar e a amar”, e na qual reconhecia os atributos de uma “mãe”, para escrever o texto. A crônica diz assim: “É pensando em você, Emília, na sua bondade, na sua doçura, é lembrando que o tempo e o sofrimento um dia tornaram brancos os seus ca-

49 Ibid., p. 102-103.

50 SOUZA, 2002, p. 33.

belos, é buscando a paz desses seus olhos, vindo de tanta dor que lhe dedico hoje [...] este momento meu, da minha maior ternura. Você é uma Mãe, Mãe realmente legal, Emília. [...] Sua filha postiça, Carmélia”⁵¹.

O campo de intimidade que Carmélia estabeleceu com os seus leitores por meio da crônica, lhe permitiu reconstituir poeticamente o vivido: “tenho saudades do meu rio, do meu rio e do meu riso, do pé de laranja-cravo que me proibiram de chupar (porque fazia mal), tenho saudades das férias de dezembro, e no meu aniversário, do meu pai”⁵². Carmélia nunca esqueceu sua família biológica, ela declarou que herdou de seu pai “mãos honestas” e “olhos limpos”, mãos e olhos que a ensinaram a “amar a liberdade e a repartir a Verdade, o Amor e o Pão”⁵³. Esse ideal, que foi se construindo desde a infância, acompanhou a escritora vida afora como um farol, fez sua vulnerabilidade se tornar fortaleza para que ela fizesse, assim como Drummond, seu poeta querido, n’A rosa do povo, mostrasse a forma da sua resistência: “é inutilmente que tentaram podar aquela flor que plantei. Ela continuará resistindo ao tempo e ao vento, para que eu possa oferecer sempre, a um amigo igual a você, em troca de uma alegria como a que você me deu”⁵⁴. Os textos elencados são uma mostra do quanto o amor, e/ou o seu avesso, — a desilusão amorosa —, são temas estruturantes na obra da cronista. Carmélia foi uma pessoa genuína e deixou claro que não se sentia obrigada a “suportar, nem ser gentil com ninguém”⁵⁵. Ela diria, ainda: “Amo, ah, eu amo sobretudo a vida. Apesar de tudo, a vida. E vou fazendo do meu amor uma oração de fidelidade que eu rezo todos os dias em troca do amor que esta vida me dá”⁵⁶.

Cinquenta anos após a morte de Carmélia, celebramos a sua vida e produção literária. Carmélia enfrentou a dureza

51 Ibid., p. 62-63.

52 Ibid., p. 100.

53 Ibid., p. 133.

54 Ibid. p. 97.

55 SOUZA, 1976, p. 54.

56 Ibid., p. 35.

do seu tempo com a matéria sutil e inquebrantável da sua ternura, ela dizia: “é preciso que haja amor na briga! Posso afirmar a importância da presença literária de Carmélia no meu percurso de formação como escritora e poeta e por isso sinto-me feliz e honrada em oferecer aos leitores essas palavras no seu cinquentenário.

Sigamos lendo Carmélia e, a partir da leitura, atualizando o seu retrato e nos deixando afetar pelas poderosas ressonâncias que ele produz.

Finalizo com as palavras da “Cronista do povo”: “fica decretado o seguinte: só é permitido chorar se a gente sentir saudade e não puder se conter. Ou então, por amor”.

Boa leitura a todos e a todas.

Renata Bomfim

Poeta, ambientalista e

ocupante na Cadeira nº7 na AEL

www.lettraefel.blogspot.com

MAIS UM ASSUNTO: RAINHA DA UAGES

Sim, um assunto inédito, mais um assunto que embora pudesse ficar relegado ao ostracismo, vem hoje nessa prova de português, tornar-se evidente e bem claro.

É o gênio de certos indivíduos.

Há momentos em que nós nos figuramos entristecidos, outros em que ressumbra em nossa catadura uma Alegria invejável e transmissível mesmo, aos que nos cercam e conosco vivem.

Mas, geralmente, toda alegria deve ter seus freios, toda satisfação uma maneira correta de se apresentar ante os amigos, a sociedade, os inimigos e mesmo os mais íntimos. Com quem privamos com prazer uma amizade solidária em tais momentos de alegria, e que sabem, em momentos de tristeza, confortar-nos a alma, deleitar-nos o espírito com seus proveitosos alvitres.

Não sei por que, muitas vezes nos excedemos em nossa alegria, que atingem não raro, uma faceta que não desejávamos, um ângulo que não prevíamos e logo após um descontentamento e uma tristeza fria nos arrebatam, apodegando-se do nosso ser constrangido.

Então, a consciência acusa e repreende o ato que praticamos, diz mesmo: “Você está errado, humilhe-se e peça desculpas, ir à canossa neste caso não só representa a sua humilhação, mas ainda um ato meritório pois você reconhece o seu erro e procura reaver a sua amizade com esse gesto virtuoso.

Virtuoso é todo gesto de humilhação, porque quem se humilha dá provas evidentes de que já tem em seu âmago um germen de perfeição.

Quem se humilha prova que pensa, que reflete, que a razão fria calculadora e matemática venceu nos escaninhos anímicos, o mais perverso e deletério sentimento inerente à

alma humana — o amor-próprio.

Sim, há mérito na humilhação; mas, mérito maior haveria se nos instantes em que nossa alma se rejubila por um êxito alcançado em nossa vida, ou por um enfado que nos atinge nas vicissitudes cotidianas, pudéssemos temperar o nosso gênio de modo a haver um equilíbrio tal que, não chegasse a atingir um ambiente de desagrado ou de mofa, ou de constrangimento por parte das pessoas que nos cercam.

Esse deve ser o objetivo das criaturas,

Enquanto no Rio, Marta Rocha era carinhosamente recebida pelos brasileiros, nós aqui, dávamos início a um grande pleito para a escolha da mais bela lageana.

A “parada” foi realmente difícil de ser levada a efeito, pois, escolher a mais bela, entre as belas, é coisa que nem qualquer um pode fazer.

E as 6 concorrentes, entraram de corpo e alma na luta que daria a uma delas o título de “Rainha da U. A. G. E. S de 1954”.

Depois de muitas tribulações, chegou finalmente o grande dia. E, no majestoso “Colosso do Forte”, teve-se conhecimento do resultado tão ansiosamente esperado. Entre as concorrentes sagrou-se campeã, com uma imponente votação, a encantadora lourinha do 1º clássico, **Malvina Gomes Pimentel**, um dos mais belos ornamentos da elite da nossa querida ilha.

“Comandos” rende homenagem à nova sobrana, que tão bem soube conduzir-se à vitória final.

E junto às felicitações que também envia às demais candidatas, a nossa U.A.G.E.S estende um grande agradecimento pelo muito que fizeram.

Quanto à você, Malvina, os lageanos carinhosamente a esperam para um reinado feliz!

Carmélia Maria de Souza

1º ano clássico (Revista Comandos)

LA VIDA ES SUEÑO...

Vivir sonriendo representa algo de grandioso, pero vivir soñando es vivir mucho más...

... Y yo sueño que soy dueña de um mundo que es unicamente mio. Y es para este pequeno mundo que yo huyo em las horas amargas de mi vida triste. Elo es como um paraíso, o mejor, más que esto: es um retiro, para los dias tristes de mi vida desventurada, donde los dias felices son lo mismo que gotículas de éter em la grandisidad del océano...

Y yo sueño... Por qué? Quizá, por meio de la realidade tan cruel de la vida...

Pero, estoy segura de que yo no soy la única persona a soñar em el mundo. Todos los seres humanos tienen um tanto de sueño em su interior, y así siendo, todos los seres humanos son poetas, uma vez que todo soñador lo es.

Y, si todos sueñan, se todos tienen esta fantasia doirada em su íntimo, qué es entonces la vida sino um Dulce sueño de amor y poesia?

Pero, despertaremos um día, despertaremos para el desconocido, para la “Tierra prometida”, y ahí, la vida será um eterno sueño em la própria realidade...

Carmélia Maria de Souza

1º ano clássico (Revista Comandos)



[Carmélia Maria de Souza em grupo, com uma jovem em destaque. A imagem remete ao concurso de “Rainha”. Entre o grupo, ao fundo, Carlos Fernando Monteiro Lindenberg, amigo da cronista, mais conhecido como Cariê]

O LOTAÇÃO, A GORDA E EU

Dentro do lotação cheio de pessoas que se comprimiavam no desejo único de chegar em casa, a mulher gorda e feia sentada ao meu lado comentava com o cavalheiro que estava em pé, junto de nós: “Detesto estes lotações velhos. Andam devagar e como custam a deixar a gente em casa!”. O moço concordou e poucos minutos depois lá estavam os dois a falar mal de todos os lotações do mundo. A conversa irritava-me e eu sentia uma vontade enorme de meter-me nela e gritar: “pois eu adoro esse lotação! Sou doida por eles! E vocês são uns ingratos!”.

A mulherzinha não me entenderia, mas a você, leitor, não me é difícil explicar por quê. Eu tive hoje um dia horrível. Desses dias que são como duchas frias de pessimismo no espírito da gente, quando somente conseguimos ver as coisas ruins da vida, quando olhamos o mundo com olhos de ressaca, sentindo que os homens são maus, que a vida não vale nada e que a única coisa que sabemos certa, é que tudo está errado.

Aquela mulherzinha gorda do lotação não poderia entender, se eu lhe dissesse, que as vezes eu tenho uma ternura toda esquisita por todos os lotações da cidade, principalmente por aquele que me transporta todos os dias, mesmo aos solavancos, mesmo superlotado, mesmo fazendo-me chegar em casa uma hora depois que eu deveria chegar.

Eu não sei o que seria de mim, ao final de cada dia, se eu não tivesse aquele cacareco para deixar-me na esquina, como deixou-me há pouco, seguindo o seu destino, com a velha lataria batendo, tendo sobre o seu volante já sem cor as mãos calejadas do motorista carrancudo, diante das reclamações dos passageiros mal-agradecidos. “Por que é que não botam fogo de uma vez, nessa porcaria?”

Pois é para a quela porcaria que eu estou fazendo essa última página da revista. Aquela porcaria que, caindo aos pe-

daços, aquela porcaria por onde o tempo passou impiedoso e rápido, como ele próprio, indiferente às paisagens da vida, além de transportar-me todos os dias, ainda me fez este favor, fornecendo assunto para encher espaço de revista. É um herói aquele lotação. Hoje, mais do que nunca, eu agradeço a ele a gentileza que me fez, deixando-me na esquina de minha rua, depois de um dia horrível que parecia não acabar nunca mais.

E assim tem sido todos os dias. Bendita seja aquela porcaria que colhe, sem reclamar, os passageiros do meu bairro, um por um, naquele momento de fim de dia, quando qualquer porcaria é muito para quem está cansado de lutar pela vida e sem água fresca. Oxalá aquela porcaria ainda resista alguns anos, alguns milhares de trancos mais, para que eu possa um dia contemplar os seus destroços em algum canto da vida, e ver neles um pouco de mim mesma, uns pedaços de minha existência, as lembranças dos tempos em que eu rabiscava crônicas como esta, na esperança de que me estava reservado um lugar ao sol...

(Carmélia Maria de Souza.
Revista Vida Capixaba de abril de 1958).

PERFIL

Nome completo: Carmélia Maria de Souza.

Idade: às vezes 15 às vezes 80 anos.

Estado civil: o tempo não dá para explicar.

Profissão: cronista do povo.

Hobby: até uma certa idade, admito, depois acho que é tara.

Pintor: Renoir.

Pessoa que mais detesta: Maysa.

Disco preferido: “Barquinho” (com Maysa)

Defeitos maiores: um porrilhão deles.

Qualidades: inteligência e lealdade.

Alegria: o riso dos amigos. Fossa: a minha — de cabo a rabo.

Flor preferida: bem-me-quer.

Cidade: Vitória.

Uma frase: “Em tudo quanto olhei, fiquei em parte” (Fernando Pessoa).

Opinião sobre a vida: é bela, eis tudo.

Opinião sobre a morte: ridícula.

Quando? Por quê? Como? Ontem. Porque sim. Por amor,

Mais alguma coisa a declarar? Sim, sou inocente.

[Texto de abertura do livro Vento Sul.
Entrevista ao jornal O Diário, 1971]



[Carmélia Maria de Souza aos 2 anos de idade.
Foto publicada na 2ª edição de Vento Sul]

AUTOCRÍTICA

Os outros & cá entre nós

Afinal, depois de tanto escrever sobre os pecados alheios, chegou um dia e alguém exigiu de mim, que eu escrevesse sobre os meus próprios. Faço isto com certo cabotismo, confessando-me até orgulhosa da importância que os meus defeitos me deram. De certa forma, sempre tive orgulho de mim — destes meus 84 quilos de sinceridade, de erros, de sonhos, de poesia... e outros pecados menores. Lá vai brasa, pois.

Desilusão e loucura

Quando as pessoas me conhecem, a primeira impressão é que sou desiludida da vida e doida. Com algum tempo de convivência diária, acabam chegando à conclusão de que sou apenas doida. Não o nego e não me envergonho desta evidência gloriosa. Confesso que ela me envaidece.

Inteligência & coração

Sou honesta o suficiente para reconhecer que sou bastante inteligente. Muito mais do que possa demonstrar, em face das conveniências. Justifico, por outro lado, os meus momentos de imbecilidade total: é que, alguma vez, também, sou toda coração. [...]

Sensibilidade & pobreza

Quem vive comigo, sabe que sou pobre. A vida modesta que tenho carpido até aqui, não é esnobismo, não. É falta de dinheiro, mesmo. Todavia, jamais me queixarei desta pobreza e deste destino que deram para cumprir. Pos-

sua uma riqueza muito melhor e maior que os ricos não possuem: uma riqueza que os rudes não enxergam e não entendem. Ela vem de dentro, e se me perguntarem como é que ela é, responderei assim: é uma coisa toda interior, grandiosa, sem fim, esta é a riqueza que me faz — embora pobre — imensamente rica, porque me faz feliz. E eu a posso esbanjar em cada gesto de amor, ou na ternura dos meus olhos, quando olham para o mundo com a pureza dos que são mansos, limpos e purificados. Os olhos de uma criança que ainda habita em mim.

Bruxaria & bondade

Na maior parte das vezes, não sou alguém a que se possa classificar como uma pessoa boa. Colocar-me no time dos bons é cometer injustiça das maiores. Todavia, sei que não sou totalmente má. Mas a grande verdade mesmo, é que tenho cá os meus gloriosos momentos destinados às mais terríveis operações-bruxaria. Nestas horas, salve-se quem puder — pois sou capaz das coisas mais cruéis, perversas, incríveis. Sou capaz de fazer inveja até mesmo à Maga Patológica, quando de parceria com Madame Min. Sou fogo. Graças a Deus, consigo ser ruim.

Sexo oposto & distração

Tanto quanto bruxa, sou irremediavelmente distraída. Graças ao quê, vivo perdendo coisas por aí: simpatias, óculos, relógios, dinheiro (quando tenho), livros, sombrinhas e até mesmo as boas oportunidades. Tenho perdido algumas noites também, só que as perco em conversas compridas com os amigos, destas que a gente gostaria que nunca chegassem ao fim. Prefiro, para os papos da madrugada, as companhias do sexo masculino, mas no campo das amizades, sinto que me dou melhor com o sexo oposto. Desde menina. Por outro lado, aprecio os homens feios — desde

que o interior seja honesto e bonito. Nos homens, embora Milson seja bastante bonitão — não é a beleza física que me atrai e cativa. É sim o caráter, o bom gosto. Havendo muito borogodó, sou até capaz de dispensar o caráter, ainda que seja evidente que o homem sem caráter jamais terá borogodó nenhum. Dito o quê, o bruto deve ser assim.

Fossa & amizade

Já se tornou tradicional o meu ouvirem dizer de vez em quando que estou numa fossa desgraçada. Isto dá para entender quando não me envergonho de confessar que a vida me tem maltratado, que vou aprendendo a sofrer quando é preciso. Que há momentos em que sou obrigada a colar a cabeça no travesseiro e, alguma vez, de noite também, chorar baixinho. Que sou um pouco triste e atormentada também um pouquinho. É natural e humano o pranto, tanto quanto o riso, na geração de onde eu vim e na geração deste tempo que nos foi dado para viver. Sou decididamente uma jovem velha que tem vivido depressa e às vezes choro porque me sinto triste. Isto não impede, todavia, que eu me saiba uma pessoa perdidamente feliz. Não tenho queixas da vida, porque ela ainda me dá razões para olhar as estrelas e repetir em silêncio o nome de Deus. Razões para agradecer o meu quinhão de felicidade no confuso meio de uma realidade ruim. Razões para continuar e conservar o sentimento de amor que eu sinto em mim e oferecê-lo inteiro em troca do gesto ou da palavra amiga dos que estão comigo. Dos que também me amam.

Jeito & frustração

Sou excessivamente desorganizada com tudo quanto é meu. Meu quarto é uma tremenda bagunça que os amigos não visitam (porque não deixo) e jamais conseguiriam entender. Desajeitada para viver — nunca soube comprar

uma roupa pra mim. Visto-me com displicência, não sei combinar cores nem pronomes. Escondo, entre os traços mais íntimos, esta frustração: o haver começado a escrever um livro — de nome **Vento Sul** — e não ter tido a coragem suficiente para continuar e chegar ao fim. Vou morrer com esta mágoa, verdadeira crueldade que cometi comigo mesma. Estou certa de pouca coisa nesta vida, e uma delas é esta: jamais escreverei o **VENTO SUL**.

Tenho alguns quilômetros de tempo sobre o caminho percorrido, rumo à eternidade. Juro que acredito nela. E com esta crença vou rompendo por aí afora, esperando que um dia a Terra me seja leve e que ao me cobrirem com ela, me cubram, também, de rosas. Não digo que sou católica, porque a minha fé é atormentadíssima, feita de muitas dúvidas e de certeza quase nenhuma: 50% é medo; 40% é fruto de educação religiosa e tradição de família; os 10% restantes talvez sejam até de convicção — mas eu não sei se é assim. Apesar disto, acredito (e respeito) na existência de um Ser maior e melhor que nós.

Por outro lado, sou assim: tímida, pouco sociável, atrevida (por telefone e quando escrevo), viciada (nos pequenos e permitidos vícios), selvagem, preguiçosa, simples, complicada, sentimental, gozadora, bruxa, carinhosa, dócil e violenta. Adoro falar mal dos amigos mais queridos, mas só faço com os amigos comuns. Se algum estranho se meter a fazer o mesmo, nem sei do que serei capaz. Aliás, nos meus amigos, eu acho que o que mais me atrai são os defeitos, não as qualidades. Cheguei a esta conclusão, depois de muito os ouvir, eles próprios os confessarem a mim, descaradamente, que não prestam. Gosto deles apesar de, e não porque. Daí... Não falo nunca mal, nem falo coisa alguma, aliás, dos meus inimigos. Considero isto — espinafrar com os inimigos — a maior das covardias. Ignoro-os e pronto. Gosto de escrever, também. E acredito nos que afirmam por aí que escrevo bem. É a única coisa, diga-se, que sei fazer mais ou menos e tem que ser em casa, sem ninguém para

perturbar, isolada e descalça. Só mesmo por necessidade às vezes escrevo diretamente na redação. Não tenho paciência com gente burra, muito menos com gente chata. Odeio os chatos em particular e os burros em geral. Aos primeiros, sinceramente, gostaria de incendiar de uma pancada só. Acho que como filha de Deus que sou, tenho o direito humano de escolher as pessoas com as quais quero estar. Não me sinto na obrigação de suportar, nem de ser gentil com ninguém, que não sejam as pessoas do meu amor, da minha pequena grande humanidade particular. Sinto um respeito imenso por Gide e descobri em Fernando Pessoa o meu poeta maior. Sou viúva espiritual de Antônio Maria, cuja ternura interrompida eu busquei e amei e cujo silêncio até hoje não pude aceitar. Amo todas as coisas simples da vida: as rosas, as estrelas, os passarinhos, o vento, a rua Duque de Caxias, o pôr-do-sol, as madrugadas nos levando irmanados para um jantar modesto no Mar e Terra. Amo o milagre, que transporta o tempo, traz o inverno de volta; amo as noites frias de julho, mais que as manhãs de sol, porque elas aproximam as criaturas, fazendo-as mais puras, mais perto, mais antigas e melhores. Não troco o conforto das minhas calças compridas e surradas por nada deste mundo e nem creio que no mundo haja coisas melhores para se vestir.

Amo, ah eu amo, sobretudo, a vida. Apesar de tudo, a vida. E vou fazendo do meu amor, uma oração de fidelidade que eu rezo todos os dias em troca do amor que esta vida me dá. De certo, eu gostaria de ser humilde, grandemente humilde, para entender os Homens, sua crueldade e injustiça, para perdoar todos os pecados e não cometer um só.

Porque isto é mesmo impossível, me conformo. E previno: por uma questão de precaução, cubram o leme antes que seja tarde demais.

[Vitória, 2 de abril de 1967]



[Revista Você, ano III]

TEORIA GERAL DA FOSSA

Inicialmente, devo pedir licença à minha coerente e querida Helena Resenha, irmã e amiga — cada dia mais amiga e mais irmã — por abordar um assunto aparentemente “pequeno-burguês”, mas que no fundo não passa mesmo é do dia a dia de todos nós.

Em seguida, eu diria que a minha fossa é linda. Lírica, Poética. Profunda. Imutável. Colorida. Muito mais festiva do que revolucionária. Uma fossa assim, destas de fazer inveja ao próprio Baudelaire, que em matéria de fossa ameaçava jamais encontrar rival. Ou ao finado Kafka, que entre uma e outra crise carpitiva, costumava suspirar dizendo: — Comigo ninguém pode!

Eis, pois, que resolvo entender e falar de fossa, começando por classificar, de acordo com a atualidade, os mais diversos tipos.

FOSSA FINANCEIRA — Não conheço um cristão que não esteja atolado na dita até o pescoço, ultimamente. Mas tal estado de espírito vem sendo encarado com muita esportividade pelo pessoal do interro, digo, da festiva, que desistiu, após simpósio, mais ou menos o seguinte: o problema é falta de dinheiro? Não seja por isso — tome um porre e deixe a vida correr, ó senhor.

Aliás, a festiva anda doida para ser encampada pela esquerda de alambique (ou britânia, isto é: a que frequenta o Britz Bar) — que é para aderir à baderna mais completamente e de uma vez por todas, ou seja, passar a somente beber uísque escocês, a fim de esquecer que não tem dinheiro nem para o mais reles café.

FOSSA POROROCA — É aquela formada por uma porção de fossinhas diferentes, vindas de lugares e de tempos idem. Na realidade, a pororoca não chega a matar, mas costuma dar uma bananosa...

FOSSA-DE-NÃO-TER-FOSSA — Muito comum a todas as chamadas garotas-de-Ipanema. Porque garota de Ipanema é assim mesmo: não tem nunca o que dizer, então vive dizendo que ainda não se encontrou.

FOSSA MATRIMONIAL — Acontece geralmente quando o indivíduo descobre que não está com a mínima vontade de se casar e o casamento está marcado para a semana seguinte. Também costuma dar bode, essa.

COMO ADQUIRIR, COMO EVITAR E COMO ACABAR COM ELA — Adquirir é fácil, já que a fossa é sempre contagiante, ainda a léguas de distância. Além do que, tem programa de televisão distribuindo fossa às pampas. Se houver alguma dúvida, é só assistir um pedacinho do programa de um tal Jota Silvestre: o homem é um mestre em matéria de demagogia barata e sadismo. Em menos de cinco minutos ele consegue te desesperar de uma tal forma que todo cuidado é pouco para não ir você cair de cabeça nas profundas da bruta. E mais: ouvir versão brasileira, frequentar Câmara Municipal, ver televisão (Dercy, Chacrinha, Um instante, Maestro, etc.), acompanhar novelas (principalmente se a novela é a grande mentira), verão em Cachoeiro de Itapemirim...

PARA EVITAR — Aí então, já se trata de algo mais difícil. Mormente em se levando em conta que a geração do século XX tem uma inclinação bárbara para sofrer. E tanto, que eu, com a vivência que tenho, aconselharia você a não evitar muito, pois a fossa faz parte da vida. Dá — por que não dizer? — alguma vez, até um certo charme a determinadas pessoas, cujo maior borogodó se encontra justamente naquele jeito bacana com que se põe a carpir. Além do mais, quem não tiver pelo menos uma fossinha hoje em dia, está sujeito a ser encarado como desajustado social.

Em todo caso, se o seu fraco não é viver na fossa, você deve procurar escapar, se o seu fraco não é viver na fossa, você tem que, por finalidade exclusiva, reunir toda a parentada em almoço-de-família. Tem sempre um parente

que a gente detesta desde criança, ao ponto de querer ver o diabo pela frente, mas não quiere ver o bruto. Ou uma tia virgem-solteirona-carola, que passa o tempo todo tentando catequizar a gente, na esperança de nos rebocar para as profundas do inferno, digo, da irmandade à qual ela pertence — o que é muito mais do que um martírio. E tome conselho daqui e dali, minha filha, você anda com uma verdadeira corja, você precisa ir passar uns dias comigo lá em São José do Calçado — vai ver como tudo muda.

Decididamente, almoço-em-família também não dá pé. É fossa na certa.

COMO DAR CABO DA BRUTA — jamais acredite nisto, ainda que lhe afirme Jesus Cristo. A fossa que se preza, sem querer plagiar o poeta, é como o amor: pode não ser infinita. Tiro no ouvido também não dá resultado — o máximo que pode acontecer é você ficar surdo como porta. Formicida tatu, segundo me informaram, não mata mais. E eu jamais haveria de aconselhar você a tomar barbitúrico. Não é por nada, não. Mas sabe lá? Pode dar um arrependimento ali por volta da oitava pílula e você ser obrigado a pagar o mais tremendo dos vexames.

Por fim, não me venham procurar mais com a intenção de pedir orientação de caráter terapêutico para dar jeito nas suas fossas. Aliás, não pretendo mais ser confidente de fossinhas mixurucas: só aceito drama de alto gabarito, com tradição e pedigree. E por favor, não tentem, principalmente, curar as minhas. São heranças que me restaram por culpa de pessoas que, se por um lado não fizeram por onde continuar merecendo a minha ternura e o meu amor, fizeram, quando nada, com que eu aprendesse a ser mais humana, mais nobre, diante desta vida que todas as fossas vão tornando cada vez mais bela. Ou mais triste.

[publicação de 1967]



[Carmélia com os amigos Maria
Nilce e Milson Henriques]

CARTA A UM AMIGO

Já faz algum tempo que recebi o seu cartão, mas só agora as circunstâncias me permitiram que eu te dissesse — obrigada. Achei lindas as velas dos seus barcos e eu prometo a você, com toda a sinceridade, que a minha amizade há de ser sempre constante, firme e vertical como elas. Muitas vezes hei de estar ao seu lado neste cais em que você ancorou, para te falar também da minha ternura e das minhas saudades. E enquanto isto não acontece, eu te darei notícias daqui e contarei tudo quanto for possível contar a respeito dos amigos que você conquistou e que nunca te esquecem.

Vamos, pois, às notícias:

1 - Já não penso mais em dar cabo da vida, conforme pretendia, porque compreendi que a minha morte, que constituiria para vocês uma grande tragédia, certamente haveria de constituir uma tremenda felicidade para os meus inimigos gratuitos. Resolvi, portanto, não lhes dar a alegria de passar por cima do meu cadáver. Mesmo porque há coisas mais importantes para eu fazer, do que morrer. Descobri (em tempo) que, apesar de tudo, ainda pode ser bela a vida. E que, uma vez estando na briga, devo continuar brigando até o fim. Por menor que seja a minha participação, um dia me saberei também um pedaço desta ponte que haverá de conduzir a humanidade para um mundo melhor. Que seja esta, pelo menos, a minha compensação.

2 - Se te importa saber, a fossa continua. E está cada vez maior, porque mais generalizada, talvez. Acredito que você ficará feliz ao saber que a bruta se tornou mais firme e muito mais profunda, também. E você não pode calcular, para que a mantenhamos assim, a quantidade de conhaque que temos consumido no Britz, madrugada afora.

3- Quanto ao pessoal, você também gostará de saber que estamos cada dia mais tresloucados. Uns pensando em ir morar na Ilha da Pólvora. Há quem esteja pensando em

se transformar num revendedor de plástico. E há também os que deram para frequentar terreiros de macumba nas noites de sexta-feira. Mas todos continuam leais e amigos, se encontrando todas as tardes ou todas as noites para ouvir Bach, Vivaldi, Beethoven e Chico Buarque. Mas ninguém se suicidou ainda, o que eu considero uma desmoralização, em se tratando de crise metafísico existencial.

4- De minha parte, voltei a ler Sartre. No momento, estou novamente percorrendo os caminhos da liberdade. E agora mais do que nunca estou a fim e achar que o João Paulo, bem que merecia entrar pra nossa corriola.

5- Ia me esquecendo de contar que acabamos de criar o Funap — Fundação Nossa de Assistência ao Pecado. E o Greet — Grupo Experimental dos Existencialistas Traumatizados, que visa a “observação do ego, através da obscuridade do vácuo” (Ou da vaca).

6- No mais, José, continuamos sendo encarados pela TFC como uns verdadeiros bandalhos. Mas o que essa gente não sabe é que sempre haverá entre nós alguém para escrever um poema de amor e publicá-lo nos jornais. Ou alguém para fazer o gesto de ternura que aprendemos a fazer, em troca de todas as pedras que nos são atiradas.

Eu te abraço longamente agora. Com uma profunda e muita sincera amizade. Sou a sua muito amiga mesmo.

OS DEZ MAIS IDIOTAS

O tempo presente não é apenas de margaridas. Nem tão pouco de LSD. Muito menos é tempo somente de alegria, alegria. Ou de reações psicodélicas, provocando convulsões da mesma cor.

O tempo, este tempo que passa na janela e só Carolina não vê, é um tempo também de listas dos dez mais. Aliás, diga-se, a bem da verdade: é um tempo meio sobre o fora do próprio, pois, se bem me ocorre, esse negócio de dez mais, há muito já caiu de moda. D. Benedito ainda era vivo e já se fazia, aqui, aqui no Espírito Santo, as chamadas listinhas de dez-mais-uma-porção-de-troços: desde os dez mais bem vestidos, até os dez mais pelados — o que devia constituir o maior desrespeito aos dez mais tradicional-família-capixaba da época.

A verdade é que não se sabe ao certo a origem desta — com perdão da palavra — desta mariquinagem social. O finado Adão — presumo eu — teria sido o inventor da primeira corriola de dez mais que existiu na história da humanidade. Como não havia mais ninguém, ele próprio se elegeu um dos dez mais únicos do paraíso, deixando a pobre Eva na reserva.

Fiz, há algum tempo atrás, a minha lista de dez mais borogodentos. Fiz por mera gozação, é claro. Mas houve gente que não entendeu e acabou se enfeitando pra valer. Foi o diabo.

Mas o que eu tenho vontade de fazer mesmo é a lista dos mais chatos — queiram outra vez me perdoar a palavra.

Chegamos até mesmo a fazer uma reunião fechadíssima em minha casa, a fim de selecionar devidamente o pessoal, de maneira que não fosse esquecido ninguém. Ao cabo de muita conversa e alguma discussão, ficou resolvido que não seria possível: esta ilha tem chato que não acaba mais! Ao invés de fazer uma lista, decidimos pelo processo do avião (aquele que vai se arrebentar pelos ares nos dez primeiros minutos

de vôo...), que vem a ser o único jeito que a gente encontrou de limpar a praça. Será o primeiro avião do mundo a decolar com reboque — o reboque deverá levar aquela turma que não se convenceu ainda de que é chata. E, por isso, pensa que não vai...

Toda vez que alguém faz uma lista de dez mais elegantes, dez mais bonitas e outras bossas me sinto tentada a fazer a minha listinha particular — isto é — a lista das dez mais que ficaram na fossa, porque não foram citadas.

No presente momento, ando com a vontade de fazer a lista dos dez mais idiotas. E se ainda não fiz é porque estou com medo da coisa acabar em pancadaria — o que está na mais completa escala de possibilidades, ainda que eu botasse, só para despistar, o meu nome encabeçando a lista.

Diante de tanta dificuldade, o melhor mesmo é tirar o quadrúpede de sob a explosão da atmosfera — quer dizer — tirar o cavalo da chuva. Enquanto é tempo e sem mais demora.

Resolvi, porém, para não morrer de frustração, aceitar a sugestão do meu amigo Gilberto Tristão, que me aconselhou outro dia a fazer a lista das coisas que a gente precisa falar baixinho, a fim de não escandalizar a carneirada. Trata-se de uma lista constituída de coisas que a gente detesta, mas que a maioria adora. E vice-versa. Lá vai, pois.

Coisas que eu detesto: caviar, champanha, festa estilo soçaite, soçaite, jorge amado, programa “Um instante maestro”, praia, telenovela, reunião com muita mulher, mulher (em geral), livro “best-seller”, dona bibi ferreira, muqueca de peixe, o samba “Apelo”, homem bonito (só abro exceção para o Alain Delon — ele é demais!) e almoço em família.

Coisas que eu adoro: inverno, vento sul, café sem açúcar, frescura, desgraça alheia, jiló, música clássica, noite, irmãos metralha ltda, trocadilho infame, homem feio, simplicidade, pinga, gripe e sogra.

[Cônica publicada no jornal “A Tribuna”
do dia 4 de fevereiro de 1968]

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES OUTONAIS E CHATAS

1— Em primeiro lugar, vocês não devem ficar perdendo o seu tempo comigo, lendo o que escrevo e procurando nisso mensagens. Ando sem tempo para mandar mensagem alguma, para poder mandar. Desde o momento em que descobri esta realidade, muito pura e simples, os simbolismos se fizeram desnecessários, a partir do instante em que se reconheceu, simplesmente, que para se dizer, em verdade, não há nada. Não preciso de símbolos nem preciso de palavras, ó senhor. Se o meu desejo é confessar o desencanto que me traz certas horas o raio desta vida, onde aprendi, entre tantas coisas, que desgraça pouca é bobagem.

2— Há, todavia, estes detalhes pequenos, e sem importância que vão do a gente ser obrigada a defender o pão nosso de cada dia, até o perguntar: onde foi que eu amarrei minha égua?

Daí o fato de eu continuar escrevendo, firme na estacada, sem arredar o pé. E escrever, senhoras e senhores, ainda é a única coisa que consigo fazer muito bem neste mundo de Deus — modéstia à parte. E isto eu aprendi a fazer assim mesmo, por minha conta e risco, sem que ninguém me ensinasse. Daí, também, o fato de eu escrever tão bonito e tão bem, queiram perdoar.

3— Por outro lado, a vida vivida e o tempo sofrido, por onde tenho passado, rindo e chorando, carregando as minhas esperanças e os meus pecados me dão o direito de confessar alguma vez, que não é por minha vontade que hoje me encontro descontente e saturada. Há muito que me cansei de ouvir dizerem a mim, que as coisas estão ruins mas daqui a pouco vão melhorar. Pois o Presidente da República e as gloriosas forças armadas estão tomando todas as providências para botar esta joça no seu devido lugar. É a mesma cantilena repetida de muitos anos perdidos, que leia nos jornais,

ou que cantam nos meus ouvidos — devemos, pois, esperar, porque estão para chegar os dias melhores. Sinceramente, eu não aguento ouvir nada disto, nunca mais!

Tenho razões de sobra para descrever e não esperar mais nada. Pra mim chegou enfim a hora do BASTA!

4— Senão, vejamos: eu ainda acreditava em cegonha, papai noel, liberdade Deus e outras utopias e já ouvi dizendo lá em casa que a crise estava de amargar. E foi assim que eu cresci, vendo a crise ir ficando cada vez mais de lascar e ouvindo discussões a respeito de reformas, o ministro da fazenda, a sucessão presidencial. E a fossa cada vez se alaistrando mais. Desde a crise-social-política. Até à crise de fígado mais recente que “vem mantendo sua excelência acamado”. Pra mim, isto acabou de uma vez por todas. Não vem que não tem.

5— Hoje, neste momento solene da minha vida de cronista, quando me sinto sob o peso dos meus oitenta e um anos de idade, resolvi dar o meu berro de Independência ou MARTE. Sim. Quero me mandar para Marte com a maior urgência, antes que Marte também fique tarde demais. Ando sem disposição para acreditar em bobagens que me são ditas diariamente, a título de consolo, um consolo que não é mais capaz de me erguer nem consolar. E não vai adiantar sequer, uma visita ao psicanalista: há muito tempo perdido e pouco tempo me resta para alguém poder me diagnosticar. Além do que, não há mais disposição em mim para acompanhar vocês e desbandeirar por aí e menos ainda, para aderir à carneirada que compõe o exército tropicalista, embora considere que a rumba “soy loco por ti america” seja uma coisa espetacular.

6— E tem mais, falar sobre tédio é um negócio, me perdoem, que já começa a entediá também. Antonioni e Fellini, alienação, integração, espinafração social em mesa de botiquim, também não me empolgam mais. Como não consigo mais me empolgar com o último filme de Goddard e o poema que você acabou de escrever não tem sentido como a vida, que está cada vez mais chata e sem graça.

7— Lamento todas as noites lamento, ser inteligente bastante para entender tudo isto desta forma. Lamento a amargura que me veste e me desintegra, integrando-me aos objetos e às imagens deste mundo em que vivo, onde a falta de imaginação é a coisa única que tende a imperar. Lamento e não aguento mais ser obrigada a ouvir sempre as mesmas palavras: comunicação, pesquisa, diálogo, conscientizar, politizar, válido, alienação, conjuntura, motivação, o diabo.

Sinto muito, mas tudo isto, para o que já não possuo mais a paciência devida, é capaz de torrar até a respiração do pardal.

8— Sei que não vai ser possível mesmo ir embora para Marte. Sei também que não vai ser possível a independência que eu quero. Sei que não me darão a autoridade de que preciso para mandar esta gente calar a boca meter a viola no saco. Mas, desde que a constituição nacional parece que ainda permite ao cidadão brasileiro o direito de ir e vir, eu vou fazer o seguinte, e juro que não demoro: subir lá em cima, no alto do relógio da Praça 8, onde não haja a menor possibilidade da polícia me alcançar, e de lá, depois de tirar do relógio os ponteiros e os números, hei de fazer o pronunciamento mais desesperado de toda a história da minha vida e desta cidade. Direi cobras e lagartos que tornarão inútil até mesmo o tigre que hoje você botou no seu carro. Espinafrarei com os inimigos e berrarei ternuras para todos os amigos. Pois a verdade, irmão, é que não há mais tempo para o DIÁLOGO. E na presente CONJUNTURA, portanto, não há a menor chance de se POLITIZAR um povo — esta é a consequência inevitável e triste de uma PESQUISA que só nos tem levado ao desencanto e ao cansaço. Sejamos, pois, líricos e desesperados. E Viva o Simpósio — que pode não ser tudo. Mas se o fazem com amor, o Simpósio ainda é VÁLIDO.



[Carmélia com os amigos Regina Egito e Domingos Freitas]

COM VISTAS AO CRONISTA

Li, ainda no Rio, o terceiro número da **Revista Vida Capixaba**. Vi, comovida, que ela é uma presença que se impõe com muito destaque, em todas as bancas de jornais, lá de fora, por onde passei. Mas não posso deixar de confessar que me queimei, quando dei com os olhos numa crônica do Eugênio Sette, na qual ele resolveu espinafrar com a nossa cidade, impiedosamente, o danado.

Reconheço que nem sempre é possível a gente se lembrar de que roupa suja deve ser lavada em casa. Todavia, não foi possível deixar de ficar triste, quando li o Eugênio (por que diabo tinha que ser logo o Eugênio?), feliz da vida, contando para os quatro ventos, todos os pecados da ilha, com a maior tranquilidade. Percebi, inclusive, que o meu cronista parecia estar sentindo um certo prazer, um grande prazer, ao escrever e revelar aos outros a nossa intimidade mais sagrada. Esta intimidade que existe em todas as cidades do mundo, onde se escondem também os nossos humanos defeitos, coisas que o tempo já transformou em parte de uma tradição, porque incorrigíveis e irremediáveis.

Mas não há de ser por causa disso, senhor, que a gente deverá ficar futucando a dita intimidade sem mais aquela, remexendo aqui e ali, à procura de coisas que jamais poderão nos envergonhar. E muito menos, fazer o que fez o Eugênio: pegar as nossas fraquezas e mandar brasa, usando-as indevidamente como tema central de uma crônica igual a esta. Mesmo porque, Eugênio, não sei onde foi você buscar estas histórias a respeito da Ilha: dizer que os nossos telefones são uma droga, que as senhoras da tradicional família capixaba são fofoqueiras; que em Vitória, quando chove, fica tudo alagado; que os pedestres atravessam a rua devagar... em que mundo você estava, quando inventou essas bobagens? Olha que não é de hoje que eu tenho a honra de residir nesta cidade, reconheço que ela tem os seus de-

feitos, mas não me lembro de nenhum destes que você enumera aqui, com tanto orgulho... Nunca vi uma capitalzinha tão enxuta como a nossa (mesmo em dia de temporal) e a nossa gente até que não se preocupa com a chamada vida alheia. O que há mesmo — e você já escreveu muito bem sobre esse assunto — é uma tendência desgraçada de fazer de tudo uma piada, mas eu gosto também desse jeito gozador com o qual o capixaba encara as coisas dessa vida, mesmo sabendo que há momentos em que ela não está valendo para nada. Aconselharia você a fazer um tratado a respeito da gozação local, a se aprofundar, realmente, no assunto, ao invés de ficar aí, se divertindo em bagunçar o coreto da nossa capital — convenhamos, em favor da verdade, que ela não tem culpa nenhuma, porque um belo dia, o seu cronista maior e melhor acordou de mau humor, na mais profunda das fossas...

Todas as vezes em que isso acontece, pense, por favor, nas coisas boas da terra. Pense nas tardes de maio, no mar da Praia da Costa, nas noites de serenata, nas estrelas da madrugada, no céu das nossas manhãs outonais, que é um céu azul, pintado de azul. E depois, então, escreva uma crônica cheia de doçura, se possível, lembrando de alguém que sempre entendeu (com amor e ironia) que esta Ilha é uma delícia, porque qualquer lugar do mundo se torna delícia, desde que ele abrigue os amores que a gente tem...

[Maio, 1967]

ENTREVISTA II A CARMÉLIA MARIA DE SOUZA

Quem achar que não deve acreditar, que não acredite. Mas a verdade é que Fernando Pessoa, Poeta português das rosas e das orlas marítimas, achou por bem abaixar aqui no meu apartamento uma noite destas. Como eu moro sozinha e não permito que entre bêbado em minha casa (bem que eu gostaria, mas não quero dar a esta gente a oportunidade para dizer que sou uma devassa e outras coisas mais), convidei o bruto para dar uma chegada até ao iate clube, onde ele bebeu cachaça e disse, inclusive, que o Reblin é lindo de morrer. Depois, tocamos para a cidade e ficamos conversando no bar do Ralph, falando de literatura, como dois bons intelectuais. (Aliás, é muito chato ser intelectual, você sabia?).

Achei, depois, que seria passar um atestado de burrice para mim mesma, não fazer uma entrevista com o bicho, posto que esta seria até pela segunda vez. E desta entrevista, o que foi colhido é exatamente o seguinte:

EU — Você costuma pensar em Deus?

FP — Pensar em Deus é desobedecer a Deus.

EU — De que é que você tem mais Piedade?

FP — ... Das flores nos canteiros dos jardins regulares. Parecem que tem medo da polícia...

EU — O que vem a ser o sentido íntimo das coisas?

FP — O único sentido íntimo das coisas é elas não terem sentido íntimo nenhum.

EU — Você acredita no menino Jesus?

FP — A criança eterna acompanha-me sempre. A direção do meu olhar é o seu dedo apontando.

EU — Por que que você não se importa com as rimas?

FP — Raras vezes há duas árvores iguais, uma ao lado da outra.

EU — Como gostaria de viver?

FP — Quem me dera que a minha vida fosse um carro

de bois... Eu não tinha que ter esperanças — só tinha que ter rodas.

EU — Qual é a percepção que você tem dos mistérios das coisas?

FP — Mas quem mandou a mim querer perceber? Quem me disse que havia que perceber?

EU — Gosta de mudar?

FP — Nem sempre sou igual no que digo e escrevo. Mudo, mas não mudo muito. A cor das flores não é a mesma ao sol do que quando uma nuvem passa ou quando entra noite e as flores são cor da sombra. Mas quem olha bem vê que são as mesmas flores.

EU — Você costuma pensar muito?

FP —... Sem pensar, tenho a Terra e o Céu.

EU — Como é que você se sente ao despertar?

FP — ... acordo com alegria e penso. Tenho Alegria e pena porque perco o que sonho.

EU — Como entende a realidade?

FP — A realidade sempre é mais ou menos do que nós queremos.

EU — Que conselho, agora você me daria?

FP — Circunda-te de rosas, ama, bebe e cala. O mais é nada.

EU — O que pensa da morte?

FP — Tudo que cessa é morte e a morte é nossa se é para nós que cessa.

EU — E sobre você mesmo?

FP — Em tudo quanto olhei fiquei em parte.

EU — Qual é a sua receita de viver?

FP — Haja inverno na Terra, não na mente. E, amor a amor, ou livro a livro, amemos nossa caveira breve.

EU — O que é a Esperança?

FP — A Esperança é um dever do sentimento.

EU — E o amor?

FP — Ninguém a outro ama, se não que ama o que de si há nele...

EU — O que é preciso ao homem, para ser grande?

FP — Para ser grande sê inteiro: nada teu exagera ou exclui.

EU — Na sua opinião, qual será o fim?

FP — No fim tudo será silêncio, salvo onde o mar banha nada.

EU — Dos outros homens, um homem, o que mais desejará saber?

FP — Os pensamentos que cada um tem a sós consigo no seu quarto e os gestos que faz quando ninguém pode ver!

EU — O que diria à mulher amada, na hora da morte?

FP — Cruza as mãos sobre o joelho e olha-me em silêncio a esta hora em que não posso ver que tu me olhas, olha-me em silêncio e em segredo e pergunta a ti própria — tu que me conheces — quem sou.

EU — Qual é a sua maior mágoa?

FP — Não poder viajar para o passado, para aquela casa e aquela feição e ficar lá sempre, sempre criança e sempre contente.

EU — Você é um homem insatisfeito?

FP — ...era melhor não ter nascido...

NOTA: Para os mais retardadinhos, devo informar o seguinte: Fernando Antônio Nogueira Pessoa nasceu no Largo de São Carlos, no dia 13 de junho de 1888, e morreu no dia 30 de novembro d 1935, no hospital de São Luís, com uma cólica hepática.



[Carmélia Maria de Souza com Terezinha Calixte, 1962]

A NOITE, O POETA E EU

Em matéria de Carlos Drummond de Andrade, modestia à parte, posso me gabar do seguinte: se há os que nunca ouviram falar nele, ou os retardadinhos, que ainda o estão descobrindo, cá está alguém que entende um bocado de CDA. Posso até dizer que o poeta e eu, que jamais nos vimos, através da poesia e da doçura das noites onde ela nos comunica do silêncio, aconteceu o mesmo que fomos nos entendendo, até ficarmos estes amigos distantes, irmanados, ainda que desconhecidos. E ficamos também — acreditem — melhores, mais puros, quase íntimos.

Há, pois, o poeta das minhas solidões, sem mágoa, que ser este o momento de eu ter pedir que me perdoes, mas não resisto à vontade de te fazer íntimo também, dos que estão aí pelo mundo, errando, desmembrados, talvez, de si mesmos, desamados, esquecidos, sem poesia, impuros, estereis, imperdoados, esquecidos e sozinhos. És um instante bonito e grande desta noite, que eu dou a eles com humildade e ternura através desta entrevista absurda e real. Espero, com isto, que tu sejas para eles a mesma verdade que me foste e tanto. Para eles — os milionários de todos os Nadas, os que esperam sem Esperanças, os meninos de coração e de olhos limpos, que ainda não sabem que já passaram.

Eis a entrevista:

EU — Qual é a notícia que nos daria inicialmente?

CDA — A notícia de que o mundo, o grande mundo, está crescendo todos os dias entre o fogo e o amor.

EU — Será sempre, deste mundo, um poeta que continua?

CDA — Não serei o poeta de um mundo caduco.

EU — O que farias do teu riso, se um dia todos chorassem?

CDA — Ofertaria aos pobres.

EU — Acreditas no ETERNO?

CDA — Eterno é o amor, que une e separa.

EU — Qual é a tua matéria?

CDA — A minha matéria nada.

EU — Como definirias o esquecimento, na tua linguagem de poeta?

CDA — Lagoas de sono — velam em seu negrume o que amamos e fomos um dia, ou o que nunca fomos...

EU — O que pensas da vida?

CDA — A vida é uma ordem, a vida, apenas, sem mistificações.

EU — Como é o tempo dos homens felizes?

CDA — Não há depois. Nem antes.

EU — És também a favor das reformas?

CDA — É preciso substituir todos nós.

EU — E o que foi mesmo que fizeram até hoje os melhores poetas do país, ao invés disto?

CDA — Beberam todo uísque existente no Brasil.

EU — E Itabira, Carlos?

CDA — Itabira é uma fotografia na parede. Mas como dói!

EU — Qual foi o conselho que te deram, quando da tua primeira desilusão de amor?

CDA — Carlos, sossegue... Não se mate.

EU — É verdade que houve um Carnaval, há anos, em que te perdeste?

CDA — Deus me abandonou entre uma baiana e uma egípcia...

EU — Como foi que surgiu a primeira namorada?

CDA — Ela colhia margaridas quando eu passei...

EU — O que entendes por lar, doce lar?

CDA — A fumaça do meu cachimbo subindo.

EU — Qual é a maior das burrices, na tua opinião?

CDA — Suspirar pela Europa.

EU — havia rosas, no meio do caminho?

CDA — tinha uma Pedra, no meio do caminho...

EU — Muitas coisas perdidas?

CDA — Perdi o bonde e a Esperança...

EU — E se te chamasses Raimundo?

CDA — ... Mundo, vasto mundo, se eu me chamasse Raimundo, seria uma rima, mas não seria uma solução!

EU — O que foi que te aconteceu um dia, há anos, que te deixou tão triste depois?

CDA — A festa acabou, a luz apagou... e agora, José?

EU — Agora, poeta, tens a poesia deste momento...

CDA — ... E a poesia deste momento inunda a minha vida inteira!

EU — Existe ainda alguma coisa que me queiras perguntar?

CDA — A vida parou? Ou foi o automóvel?



[Carmélia em Santa Teresa,
1971. Revista Você, ano III]

REFLEXÕES (CHATAS) SOBRE O ÓBVIO ULULANTE

*“Só eu permaneço parado dentro do
tempo passando, passando...”*

Vinícius de Moraes

Já que é para o mal-estar de todos e a desgraça geral da nação, devo informar o seguinte: não vem que não tem. Não tem e acho que não vai ter tão cedo, pois a presente situação é destas de fazer inveja ao próprio Kafka, se me permitem a comparação. Trata-se, conforme se vê, do chamado óbvio-ululante, no melhor de todas as suas expressões. Tem gente até chegando à conclusão de que o bacana mesmo não é o indivíduo se aguentar firme e continuar, só porque tudo continua. E sim, ah, e sim ter coragem suficiente que lhe permita, na hora em que a barra estiver pesando demais, dar um tiro no meio dos miolos e com isto, dar o devido cabo desta vida.

De minha parte, o que há mesmo é o seguinte: tenho andado num mal humor desgraçado, sou mais uma candidata a disputar o troféu-grossura. Mesmo assim, insistem em me convidar para ir a festas aqui e ali. Ignorando, por certo, que não tenho roupa de festa, além de achar tudo isso uma grande frescura. Não posso aceitar a responsabilidade que me atribuíram, honrando-me com um alto cargo na direção de um novo jornal, simplesmente porque não sei mais o que será de mim. No meio de tudo, perguntaram-me pela poesia e eu sou obrigada a confessar que não sei ao certo onde ela andarás neste mundo, perdida de mim, sabe-se lá em que caminhos. Não adianta insistir para que eu escreva o meu livro, porque jamais conseguirei escrever livro algum. Anunciam a exibição de uma nova peça teatral e eu fico esmagada pelo entusiasmo destes meninos. Invejo-lhes a crença, o ideal, a perseverança, tão profunda. Há muito que desisti de tudo, há muito que não sou capaz de acreditar em coisa nenhuma. Te-

nho até pensado em apelar, ir procurar uma cartomante bem doida, que faça o milagre de me devolver a fé nos outros e em mim. Se eu tiver que acreditar em alguma coisa daqui pra frente podem estar certos de que vai ser em uma cartomante ou em macumba.

Tenho sofrido as mais terríveis crises de incoerência de que já se ouviu falar neste mundo, como, por exemplo, ficar com uma vontade doida de ir passar uma temporada em Cachoeiro de Itapemirim, sendo que eu tenho verdadeiro pavor a Cachoeiro de Itapemirim.

Há os amigos tresloucados que me acompanham e que me animam, arrastando-me diariamente para o fecundo e inteligente papo na eterna mesa do eterno barzinho. E eu, geralmente, não consigo me pronunciar a respeito de assunto nenhum. Tenho sim, é sentido uma vontade danada de berrar alguns palavrões que me ensinaram e eu acho lindo, num espanhol tão bacana que faria inveja ao próprio Dominguin. Só para escandalizar aquelas senhoras da TFC, cujas, continuam marchando com a família na maior badalação que existe por aí. Só entro no cinema quando o filme já tiver começado e saio sempre antes de terminar. De modo que não entendo nada do que tenho visto e, enquanto aumenta a confusão, vou entendendo menos ainda. Não tenho conseguido dormir, mas em compensação também já não consigo ficar acordada. Ando com grandes planos de estrangular uma criancinha, mas exijo que seja loira e de olhinhos azuis. Pois a verdade é que perdi a paciência, a coragem, a própria cara, além de ter perdido a confiança e a vontade de rever o vale e a casa em que nasci.

No mais, continuo buscando o sentido dessa vida, na intimidade esfumaçada desta sala, entre pedaços de noite e de saudade, fumando cigarros e ouvindo Bach em surdina. E nesta estranha vigília, escondendo-me dos outros e fugindo de mim, em todos nós, crucificada sobre todas as saudades, humildemente, eu, às vezes, choro.

[março, 1968]

VOU DEIXAR CAIR

Íntima e até inconfessáveis, são as razões que ainda me fazem escrever palavras cheias de ternura e dedicá-las a esta cidade, mas reconheço o seu direito humano de protestar, ir embora e não querer nunca mais voltar para cá. Só lhe peço para não me incluir nas suas pragas e nas suas maldições, quando você resolver começar com elas. Pois a Ilha, minha Félia, posto que seja uma delícia, é também uma desgraça pelada. A Ilha— ó minha Nossa Senhora dos Avulsos! — às vezes é de lascar.

Mas, conforme você não ignora, eu sempre fiz questão de esnobar esta cambada, cuja pretensão maior tem sido apenas a de bagunçar o coreto, pregando virtudes inexistentes que ninguém tem para oferecer ou ensinar. Você sabe que não faço parte deste time que se escuda na igreja e na Virgem Santíssima e que insiste em continuar bestamente por aí, dizendo que se trata da “Marcha da família com Deus pela liberdade”, o rosário em punho e a alma podre de tanto pecado. Na verdade mesmo, não existe família nenhuma — é tudo uma corja famigerada do diabo, na maior libertinagem. Sinto muito, mas prefiro continuar sozinha a ser melhor do que toda essa agente que está marchando unida, rumo ao inferno, onde deverá chegar, mais cedo ou mais tarde. Prefiro o peso das pedras que me atiram, desde que os meus olhos possam continuar limpos como agora, para que eu possa enxergar o céu. Quero entender a verdade como ela é de fato e vou prosseguir fazendo do querer-bem, a única fé e a minha única religião. Quero que o meu mundo seja habitado somente pelas criaturas do meu amor, pois elas são pessoas de boa vontade e nenhum deserto será muito deserto, enquanto poetas, que são meus irmãos, o povoarem com sua pureza e com a sua ternura.

Quanto ao resto — o resto não importa: vou deixar cair!
Pois bem. Andei um pouco sumida, deixei de andar pe-

las ruas e de encontrar pessoas, há amigos que preciso urgentemente voltar a procurar. Sheila apareceu outro dia apenas para dizer que estava com saudades de mim, e Sylvinha me fez muito feliz ao deixar um bilhete sob a minha porta, no qual estava escrito o seguinte: “Achei a sua crônica de hoje (13/8/1967) verdadeiramente genial. Muito obrigada!”

Muito obrigada digo eu, que não mereci que me oferecessem esta alegria e esta ternura. E o gesto da Sylvinha me arranca de repente de uma tremenda fossa sobre a qual eu capengava há dias e eu volto a sorrir e a acredita que as coisas boas ainda existem sim senhor. O que não impede que eu fique deveras queimada porque Lauro Torre me convidou para ir beber com ele o seu uísque e eu não posso aceitar este convite, pois tenho que trabalhar muito ainda esta noite — é o diabo. Estive novamente em Cachoeiro de Itapemirim, onde a única coisa que fiz foi dormir durante dois dias, descansando de uma das noitadas mais negras, da qual algumas pessoas não gostaram e da qual eu ainda não resolvi se gostei muito, ou se não gostei nada. Mas acho que, no fundo, até que me diverti. Foi bom, estar ai lado de seu Munir e do Salin, comandando o mini-mini-Carnaval ao mais apurado estilo nacionalista, embora com um ligeiro sotaque espanhol. Matei as saudades imensas que há muito sentia de Capitão Laércio Delanos, bebi uísque escocês com os Pretti (Henrique e Geraldo) e participei da alegria que havia na mesa deles — espontânea, sincera, farta. Haroldo e Marlene estavam lindos de morrer, miss Espírito santo enfeitou nossa festa e Valéria parecia um raio de sol; foi uma pena que Djalma e Maria não estivessem ao meu lado naquela noite tão nossa e tão cheia de sua ausência-presente; quando as pessoas realmente EXISTEM, não é preciso que elas compareçam, para estejam presentes em todos os lugares onde a gente está.

O DELETÉRIO DO POVO CAPIXABA

Apesar de eu não topar muito esta palavra — deletério — confesso que não encontrei outra mais expressiva, para dizer o que penso a respeito do honrado povo capixaba que empresta a minha terra. É, decididamente, um povo deletério, este. O povo mais deletério do mundo, talvez. E, embora a gente até goste mesmo deste povo (porque a gente nem sempre tem vergonha na cara...), sou obrigada a espinaftrar com ele de vez em quando, porque assim também não há quem aguente; a barra anda pesada demais!

Senão, vejamos: é bastante alguém pensar em fazer alguma coisa que preste nesta Ilha (ô Ilha!), para que os chamados “pé-frio” comecem logo a engrossar. Ao invés de darem o necessário incentivo, se acomodam nas respectivas chacinhas de esquina e cuidam apenas de botar terra ao negócio. Geralmente, o sistema mais usado é o da aposta. Assim: aposto como “Revista Capixaba” não vai durar seis meses; aposto como essa tal de passarela não vai pra frente; aposto como o Departamento de Turismo não resiste; aposto como o Museu de Arte Moderna não demora muito a entrar pelo cano...

E vão em frente, os deletérios do inferno, apostando a própria mãe, como ninguém será capaz de fazer coisa nenhuma. É uma desgraça, enfim. Se me permitem a expressão, é uma desgraça pelada. Todavia, fingindo não ouvir, a gente procura ir adiante e vai se aguentando nos casos, fazendo o impossível. A gente continua — no peito e na raça. E aqui está uma pessoa que muitas vezes tem sentido uma vontade doida de desistir, de mandar tudo às favas e vocês para o raio que os parta, como de fato merecem. Uma pessoa que fica triste, muito triste, todas as vezes em que assiste a um batalhador do calibre de Robert Newman (que é quem mais nos tem impulsionado em nossos ideais), desabafar sobre uma cadeira e confessar desanimado: — Eu não aguento mais!

Mas que também se alegra e reage, porque o homem, ao mesmo tempo em que parecia fraquejar, já se encontra de pé, convidando todo mundo a fazer isso e aquilo. É este homem, que jamais diz: — vamos tentar fazer. E sim VAMOS FAZER JÁ! Que continua batalhando, apertando todos os parafusos, botando a moçada para jambrar. Seu nome é Robert Newman. E a sua imagem dinâmica e realizadora, sua presença humana, forte, contagiante, cada vez cresce mais para mim, na minha profunda admiração.

Como Newman, é claro que existem poucos por aí. Porém, se a gente tiver boa vontade e for procurar alguns, não precisa sair de vela acesa pela cidade: ainda é possível encontrar. Tem o Marien Calixte, por exemplo. Este rapaz inteligente, trabalhador, dedicadíssimo, grande amigo e grande poeta. A quem, demonstrando bom senso, o nosso bom Setembrino resolveu colocar na direção do Departamento de turismo da prefeitura Municipal de Vitória.

Pois bem. O Marien Calixte tão logo tomou conta do cargo, meteu a cara e foi ver o que havia, disposto a começar. E começou mesmo, aí está ele com as mãos na massa, mandando a maior brasa. O que, aliás, não me surpreendeu — pois temos carpido juntos a muito tempo, nesta luta e nesta esperança comuns, depois das quais, sempre é possível alguma satisfação, diante de alguma coisa, por nossas mãos realizada.

No momento, ele acaba de criar a legenda que diz que VIVER É VER VITÓRIA, que considero das mais felizes, mas que a maioria parece que não entende, está todo mundo boiando, ninguém sabe o que ela encerra. Em consequência de tanto retardamento mental, o resultado é esta falação idiota e destruidora — sinal evidente que caracteriza um povo inculto, mesquinho, pouco civilizado e, com o perdão da palavra, verdadeiramente DELETÉRIO. Alguns têm até mesmo a gatimônia (eu estava roxa para aplicar esta expressão sexagenária, que descobri alhures e que não sei se é assim que se escreve, mas vá lá...), de perguntar: ver o que?

Aos mais retardadinhos, pois, o que se segue: o Marien não pretende meter na cabeça de ninguém que ver Vitória, simplesmente, significa viver, na mais ampla definição da frase. O que ele quer, senhor, é criar, com isso, uma imagem eufórica, alegre, bonita — da nossa cidade. É mostrar, para os que tem a infelicidade de não conhecer a Ilha, que a Ilha é símbolo de vida, lugar onde se deverá cantar e sorrir sempre, aberta infinitamente a todas as buscas, a todos os sentimentos, a todas as demonstrações humanas. VIVER É VER VITÓRIA que dizer: você precisa vir até cá, somos uma cidade barra limpa!

Qualquer analfabeto deveria saber que turismo, em qualquer lugar do mundo, é feito na base do mito, d enfeite, da embromação. Posso citar como exemplo a praia de Saint-Tropez — que não passava de uma aldeia de pescadores muito tranquilamente acomodada na costa francesa, nem tão bonita, talvez, como a nossa Nova Almeida. E que hoje está transformada num dos lugares mais caros, mais sofisticados, mais famosos e mais discutido de todo o mundo. E vocês pensam que foi napoleão quem baixou por lá afim de fazer isso? Que foi milagre de Joana D'Arc? Que foi Nosso Senhor Jesus Cristo? Pois fiquem sabendo que se deve tudo a uma bem orientada propaganda turística, daquela assim, de torra o pardal, meu filho.

O diabo é que vocês não aprendem a enxergar a coisa como ela é. E estão sempre prontos a me chamar de doida, todas as vezes em que eu escrevo que a Rua Duque de Caxias é linda, bárbara, importantíssima. Porque além do Milson morar lá, ela tem outros méritos que outras ruas não têm: autêntica, tem história, tem tempo, tem marcas de vida, tem personalidade, charme, bossa borogodó. É uma rua com alma e coração, capaz de comover a gente por causa do seu lirismo, de sua beleza antiga, da sua poesia. Vocês não alcançam a importância de uma cidadezinha como Santa Teresa, porque se esquecem de suas rosas, dos seus jardins coloridos, da sua paisagem — onde habita um homem chamado Rus-

chi, que conversa com os passarinhos e que é um dos maiores gênios deste mundo. O turista é capaz de sair daqui completamente gamado por causa de tudo que vê. É capaz até de sentir inveja da agente. Enquanto que vocês, seus bobocas, não sabem valorizar as coisas que têm. Só querem mesmo é bagunçar o coreto, ficam aí reclamando e se esquecem de que o nosso Estado — especialmente Vitória — possui coisas lindíssimas. Se esquecem de que a Ilha TAMBÉM é uma cidade maravilhosa, à sua maneira. E que para isso não requer uma centena de restaurantes e boates escancarados dia e noite, um em cada esquina. Basta que ela seja apenas — A ILHA — simples, preguiçosa, selvagem, doce, natural, bonita. Basta este feitiço que eu chamo borogodó — para que ela possa ser encarada uma delícia — embora, às vezes, ironicamente — uma delícia a qual nenhum cristão consegue resistir.

Você aí, precisa aprender a olhar com mais ternura, ou por outra, com alguma ternura e um pouco de amor dentro dos olhos, sempre que olhar para a nossa cidade. Deixe essa mania idiota e provinciana de ficar contando quantos buracos existem no meio da rua — que é um programa digno de quem não descobriu nada melhor para fazer, além de ficar pensando na morte da bezerra. Deixe, em nome de Deus, deixe a avenida Jerônimo Monteiro em paz! A Ilha está pedindo para que você a deixe crescer, a Ilha quer saber que lá fora o seu nome é pronunciado com admiração e respeito. Que os que por aqui passaram, levaram dela a melhor lembrança e sempre haverão de falar em Vitória com doçura e com saudade. Não seja tão espírito-de-porco: venha engrossar a fileira sustentada apelos que tem amor a esta cidade e que acreditam nela, apesar de tudo. Mesmo que você não acredite, não compreenda, seja uma besta quadrada, tenha um pouco de humildade e reconheça que o que não presta mesmo aqui, é você, meu chapa. E vá se acostumando a ouvir a frase do Marien por aí tudo, daqui a pouco é possível até que você também resolva repetir o que ele disse, instintivamente. Esta frase que é mais do que um desafio à descrença

e à burrice tão destruidoramente capixaba. Esta frase com a qual pretendemos fixar uma imagem alegre, de vida-vivendo-aqui, em nós, em nossa cidade. Que, quer vocês queiram, ou não, é mesmo um presépio de verdade, armado deliciosamente e deliciosamente desarrumado na beira do mar.

VIVER É VER VITÓRIA, sim. E daí?

[Junho, 1967]



[Carmélia Maria de Souza. Ilustração de Wagner
Veiga para a edição de Vento Sul pulicada em A
Gazeta, setembro de 1994]

NA TARDE, O IMPREVISÍVEL POEMA

Queiram perdoar, mas de quando em vez acontece baixar sobre nós o espírito de algum perdido e esquecido poeta. Sem pretensão nenhuma, humildemente, até poderíamos hoje responder com este poeminha, àquela boa amiga que outro dia nos perguntava insistentemente pelo fim que teríamos dado à poesia, provando a ela, que esta poesia jamais deixou de existir em nós. Nós, que às vezes ainda cantamos de noite, baixinho. Nós, que estamos vindo de uma geração que ainda insiste em fazer de sua canção, um grito de amor e de protesto. Uma geração que aprendeu a esperar de joelhos, enquanto vai cantando a sua poesia machucada, por causa do cansaço, da dor, do inconformismo e da esperança, que não consegue, apesar de tudo, nos torna amargos ou nos envelhece:

E a gente ainda pode escrever às vezes umas palavras assim:

É preciso que exista um tempo
para mãos dadas,
para o coração aberto.
É preciso manter acesas sobre a terra,
as luzes das estrelas.
É preciso ficar sempre perto
e abraçar a noite grande do mundo.
Fazer da vida uma ciranda enorme,
como as de ontem,
Quando nós — os de agora,
éramos puros, livres e meninos.
Meninos que o antigo tempo,
num quintal antigo,
deixou dormindo, sob os laranjais.
É preciso esperar com as mãos,
com os silêncios, com os gestos,

com os nossos olhos.
É preciso não ter pressa nenhuma,
nem dizer nada.
Na verdade, não há o que dizer.
E não existe lugar nenhum onde chegar.
Apesar de tudo, mais que tudo,
é preciso.
Porque a vida vivida,
desvivida,
nunca precisou de tanto quanto agora!

[Vitória, 6 de maio de 1967]

ACABO DE ME RETIRAR

Acabo de me retirar da outra sala, onde se realiza uma discussão inútil e desenfreada, da qual resolvi que não vou participar. Parece que agora todo mundo começou a falar ao mesmo tempo, enquanto alguns bebem vinho e outros bebem cachaça. E chove, para mal dos pecados. Sem querer humilhar ninguém — pois estou carpindo uma dor de cabeça que varia entre a côncova e a convexa — fui saindo de mansinho e vim ouvir um concerto de Brahms, que acabei de botar na eletrola. Convenhamos que isto é bem melhor do que ficar perdendo tempo e gastando palavras que jamais levarão alguém a conclusão alguma. Mas os meus amigos hoje estão insistentes, chatos, recalcitrantes. Misturam religião com política, Jesus Cristo é confundido, estranhamente com os protagonistas da última fofoca social que circula pela cidade. Excetuando a expressão “latifundiário mental” — que achei gozadíssima — com o qual o Orlando acaba de xingar aquele nosso amigo burguesão e reacionário, ninguém conseguiu dizer mais nada que me interessasse. É tudo a mesma repetição, o mesmo lugar comum, a mesma conversa fiada. Não sai ao menos nenhum palavrão novo... nada. Razão eu tenho e de sobra, pois, para não querer me vulgarizar, falando sobre assuntos tão explorados, surradíssimos, mais velhos do que o próprio diabo.

Acho que vai ser hoje — o prometido dia do BASTA. Não quero nunca mais discutir com vocês, estou pensando seriamente em abandonar para sempre o convívio da nossa corriola. Quero ter algumas ideias exclusivamente para mim, ir aos lugares somente na hora que quiser, fazer todas as besteiras que tiver vontade. Se conseguir juntar algum dinheiro, sou capaz de me inscrever na excursão que a Marcinha está organizando rumo à Europa, mas como isto vai parecer incoerência de minha parte, sou bastante atrevida para, ao invés de ir à França, comprar um Volkswagen. Assim poderei

sair rodando pelo mundo afora que nem uma doida, como sempre desejei fazer, com muita fé em Deus e o devido pé na tábua.

Não me venham chamar para ir aqui ali — de agora em diante pretendo andar sozinha. Já estou farta de ouvir confidências, as mais escabrosas — acho bom você ir tratando de ir guardar a sua dor-de-cotovelo para me contar em outra hora. E não pense que vou me abalar do meu canto, para ir confortar você, simplesmente porque me informaram a sua mais recente tragédia sentimental. Dane-se. Não sou culpada de você viver caindo de quatro na maior das fossas. Chegue pra lá, desligue a tomada, vá abaixar noutro centro, pois não sou mais aquela. O negócio agora é na seguinte base: não vem, que não tem e salve-se quem puder. Acabo de desfraldar a bandeira do esculacho: serei cínica e egoísta; gozadora e perversa; fria e calculista; falsa e inconstante; desumana e malcriada. E acontece também, que solidariedade humana não é mais papo pra mim, mora. Comigo agora vai ser assim: escreveu não leu, é porque é analfabeto. Por isso é inútil me perguntar, por exemplo, como é que os outros vão passando — vou ficar mais por fora do que você possa imaginar. Não esperem que eu seja capaz de nenhum gesto de nobreza, daqui pra frente não tem mais colher-de-chá. Cada um por si e Deus por todos nós; quem não tem competência não se estabelece, o resto é mera conversa. O melhor, portanto, é ir tratando de ficar cada macaco no seu galho, que pra mim chega, hoje é o dia do BASTA!

Esqueçam, por favor, que um dia vocês me viram e que eu existi. Esqueçam todos os ontens porque o passado está definitivamente acabado e enterrado para mim. Esqueçam, afinal, que houve um tempo — outro tempo — e que nesse tempo, num momento doce antigo, eu fui capaz de escrever também uma crônica de amor.

[Maio, 1967]

CRÔNICA PARA DEIXAR O SOUZA NA FOSSA

Souza do meu coração:

como temos andado sem tempo nenhum para poder conversar, só me resta agora apelar para o sistema do bilhetinho, que nem o — com o perdão da palavra — o falecido Presidente Jânio Quadros.

É verdade que o bom mesmo, seria eu poder ficar um pouco perto de você, botar os pés em cima de sua mesa e lhe contar uma porção de coisas engraçadas. Todavia, reconheço que o seu trabalho, o Presidente da República e o Governador do Estado, é questão com a força. A sua mana aqui não passa de uma pobre diaba. Porque não há outro jeito, tento me conformar e enquanto isto, você vai ficando cada dia mais distante, mergulhado nas responsabilidades de seu cargo até o pescoço.

Não quero que você fique triste com isto, mas preciso lhe contar urgentemente que tenho andado numa fossa dos diabos. Principalmente depois que comecei a desconfiar que a outrora caçulinha, filha de Pedro Souza, está ficando uma velha mal-humorada e muito chata. Sinto-me como se o tempo me tivesse esmagado e de repente alguém me viesse dizer que estou com oitenta anos de idade. É absurdo, eu sei. Mas é possível de se compreender, se for considerada a quilométrica medida das minhas lembranças e das minhas saudades.

Sim, meu velho, é verdade que ando sentindo saudades demais, ultimamente. E muito particularmente, daquele tempo bom da infância que ficou lá no vale, quando a maior alegria que eu tinha era no dia em que vocês chegavam para passar férias, voltando da cidade. Daquele tempo de banhos no rio, de passeios a cavalo, de apanhar laranjas no quintal da nossa casa. Daquele tempo de sermos mais puros e mais livres. De não ver à noite passar, enquanto ficávamos deitados na grama de um Jardim que não existe mais, aprendendo

com você os nomes das estrelas.

É uma saudade tão grande, que chega a doer. E me dá vontade de ter esperanças de um dia ter dinheiro e poder comprar outra vez para nós, a Terra do nosso pai. Voltar para lá e reconstruir todas as ruínas. criar patos e galinhas, botar umas três vaquinhas brancas no meio do pasto, só para decorar melhor a paisagem.

Vocês não deviam ter vendido a Terra do nosso pai. Ele sempre desejou que a conservássemos nossa, para que tivéssemos onde nos abrigar das tempestades, no caso de alguém fracassar. Hoje o nosso mundo já não nos pertence mais. Foi colocado em outras mãos e está diante de outros olhos que jamais olharão para ele com um amor tão bonito como o nosso. Aquele chão sofrido, pesado, cansado de tanto tempo e de tanta vida, cansado de tanto sofrimento, de tanta dor, de tanto sonho. Eu sempre achei que ele deveria ser mais nosso do que de ninguém. Porque ali morou nossa família e é possível que hoje ela esteja chorando, desfeita na poeira que o vento arranca da terra, nas horas da madrugada. Somos, na verdade, somos aquele chão, aquelas árvores, aquele céu, aquelas casas, aquele silêncio em que tudo se transformou. Ali — todos os objetos, todas as sombras, todas as estrelas, todos os bocados que restaram e até o rio e os passarinhos falarão de nós. Porque, se existir uma verdade em nossa vida, ela se eternizou naquele lugar.

[Agosto, 1967]

CONVERSA

Enquanto a Gilda continua a esnobar e passar voando dentro de um avião a jato, indo de Lisboa para Madri, eu tenho que me contentar em ser a humilde passageira de um Volkswagen, que me transporta de Vitória para João Neiva, fazendo escala em Fundão e Ibiraçu, onde me servem um café horrível em bares cheios de poeira e de moscas. Mas é em João Neiva que me compenso, usando e abusando de uma hospitalidade farta que me é oferecida. No meio de tudo, há uma noite e uma festa, para depois então, o resto. E o resto é feito de estrelas e violões, de canção prometida e sentida, de confissões e de amizade sincera, na beira do rio, onde a gente canta e espera que tudo se transforme em amanhecer.

O momento passou, mas a vida continua. Eu me vejo diante de outra paisagem, buscando imagens de outro tempo que não este, olhando as ruas da cidade onde fui criança e que hoje habito como uma sombra, no silêncio da tarde, com a minha ternura e uma porção de velhas recordações. Confesso que as minhas saudades de criança antiga, para os ouvidos de outra criança que me ouve sem compreender quase nada do que lhe digo com estas palavras cheias de mágoa, falando de um tempo que ela não pode me devolver. De qualquer forma, sei que nunca estarei completamente só: haverá sempre um poeta entre meus irmãos, para me ajudar a carregar as pedras que me atiram e que não mereci. Um poeta que seja suficientemente poeta e bastante irmão, para me consolar nas noites de frio e me dizer que nossos encontros sempre serão encontros da mais pura amizade. Ou para escrever sobre mim, dizendo que sou flor e mulher, mais flor do que mulher, — sempre desejei que alguém me olhasse assim.

É verdade que na tarde quieta da fazenda, o silêncio e a saudade foram tão grandes, que eu senti uma vontade doida de chorar. Mas em compensação, há uma criança que já sabe falar o meu nome e me vem lembrar que ainda é domingo.

Sei que não mereço a sua ternura, mas ela me abraça e sorri para mim, oferecendo uma imagem tão linda, que será a única que deverei guardar, de todas as horas que vivi neste domingo. Ela me dá a Verdade que eu amo e que só consigo encontrar nas coisas que me parecem verdadeiras.

Por outro lado, você está aí, sozinho e inútil na paisagem do mundo, remoendo um drama que não é drama — por que você vive assim?

Ainda dói muito, eu sei. Os olhos que você ama deveriam olhar para você e no entanto, partiram para longe — o que se há de fazer? É tempo de transformar todas as dores em esquecimento. Um dia, quando você menos esperar, todas as noites serão manhãs. Mesmo que a gente saiba que os que amam sempre serão assim: tristes, sós, líricos e desesperados. Não adianta, enfim.

Mas de vez em quando é doce lembrar que houve um tempo em que fomos felizes aqui. Mais do que merecíamos ou do que esperávamos. Lamento que este tempo não tenha continuado e sinto saudades daquele inverno tão antigo, que veio compensar um verão que tanto nos maltratou. Aquelas noites que foram tão nossas e que a amizade e o vinho transformaram em verdadeiro templos de sinceridade, tornando melhores todos os momentos, havidos entre duas canções. Teria sido melhor também a vida, se os relógios tivessem parado e ninguém tivesse partido? Hoje, talvez ainda estivéssemos assim — perenizados em torno de nós mesmos, meninos sem mágoas e sem lembranças, apenas meninos, sem nenhuma importância. E eu não estaria agora neste caos, acenando para mãos que me acenam e vão ficando distantes, impossíveis. Eu não estaria com os meus olhos molhados, buscando outros olhos cheios de saudades e adeus.

Afinal, Dindi, é tempo de voltar para você que resistiu ao vento e ao próprio tempo e continuou merecendo o meu silêncio feito só de amor. Volto, portanto, para oferecer a você a minha solidão e meu sorriso. As minhas palavras indizíveis, a minha tristeza e a minha vida inteira. Porque tudo isso lhe pertence como eu, porque você me fez cantar e calar, sorrir e ficar triste, perdoar e esquecer. Porque foi você quem me fez partir, porque foi você quem me encontrou. Volto, sobretudo, porque você sempre me fará perdidamente feliz, meu amor.

[Agosto, 1967]

DE UMA CRIANÇA LÍRICA E QUASE ANTIGA

Se eu tivesse que mandar uma mensagem de fim de ano pra você, daria um jeito de ir até os seus olhos e às mãos e dizer a você, que foi nele que eu nasci. Depois, então, eu repetiria obrigada, agradecendo todas as coisas, as mesmas que já agradei. Obrigada, por me haver chegado e ficado, por me haver descoberto ainda aqui dentro de mim, por haver despertado uma felicidade doce que apenas cochilava, por me haver devolvido aquela criança eterna que estava perdida, por suas mãos e seus olhos que me levaram de novo à sombra dos laranjais da minha infância, onde eu, com você ao meu lado, descobri que ainda é tempo para amar e sonhar, sem precisar dormir.

Obrigada por toda uma vida que não perdi.

DE UMA CERTEZA

Juntos, no ideal e na dor, a noite nos cobre, repetidamente, prolongando a conversa, misturando esperanças, tornando uma só a solidão que era antes uma solidão desesperada de todos e de cada um. É a mesma mesa, é a mesma noite, é o mesmo barzinho. Abrigados aqui e debruçados sobre nós próprios, já não somos tão sós, já não somos tão tristes. Nesta mesa, onde buscamos a certeza da vida que teríamos, Os homens se encontrando e se compreendendo em silêncio, rosas nascidas do fundo da terra para encher todos os caminhos do chão do mundo, com um jardim de Liberdade, realizando amanhã nossa ilusão comum.

O bar é esta trincheira que nos esconde ainda, onde falamos de amor, enquanto nos afogamos em vinho e poesia.

A única certeza que conhecemos e que existe.

[dezembro, 1967]



[Carmélia Maria de Souza. Edição de Vento Sul
publicada em A Gazeta]

DE UMA AMIGA QUE SE SENTE FELIZ

Descobri vocês dois namorando de mãos dadas sob a luz das estrelas e a noite presente virou tarde de antigamente, abrigando as lembranças comuns que nós três possuíamos para repartir. Em cada silêncio ou em cada palavra, era a mesma certeza de não haver tempo entre nós, não ter se passado dez anos, o mesmo gosto dos sonhos de um dia, que havíamos sonhado juntos.

Se eu tivesse que oferecer a vocês alguma coisa em troca deste momento de estarmos assim, reencontrados, íntimos e tão felizes, eu deixaria um pôr-de-sol nas suas mãos, doçura antiga e amiga que trago comigo há dez anos, roubada do céu de uma tarde de abril.

Não se trata apenas de um poente. É a única verdade que encontrei e em que acredito.

Nas suas mãos, que permanecem tão limpas, ela será melhor, maior e muito mais bonita. Devo-a a vocês, onde me reencontro e encontro a menina de quinze anos que havia partido. Vocês, onde sou pura e onde mereço, dez anos depois, possuir o momento mais verdadeiro de toda a minha vida.

Neste tempo presente, penso nisto e me sinto feliz. A verdade é linda. Eis tudo.



[Carmélia Maria de Souza, Amylton de Almeida,
Mariangela Pelerano e Toninho Rosseti fazendo
o “Caderno Feio”, do jornal O Diário.]

CRÔNICA IMPREVISTA EM FACE DO TEMPO QUE PASSA

E de repente, você me escreve pedindo para que eu mande notícias, me dizendo o diabo. É bem verdade que não tenho escrito para você, mas é verdade também que não há muita coisa para dizer.

Tudo quanto poderia contar, é feito dessas coisas de sempre, inevitavelmente de sempre e inevitavelmente chatas: vento sul, maré alta, maré baixa, angústia coletiva de morrer, rotina profissional, dor-de-cotovelo, política desmotivada, o tédio de sempre, a festa de sempre — que é o tema de todos nós. Greve de estudantes, filme de Buñuel, ligeiras complicações com o dops e um amigo nosso que acabou de ficar doído no último sábado. Para quebrar a monotonia das coisas, resolvi não mais atender o telefone e meti a cara no trabalho. Inventei um marido burguês que estou prestes a assassinar, a fim de me redimir de todos os pecados. Como você está vendo, não há muitos encantos na vida que tenho levado. O vinho — você pergunta — já não dá mais aquela ilusão de que o mundo é um troço formidável. Pelo contrário — o vinho — quando tira a agente da fossa, é para transformar para uma fossa ainda pior. E é enveredando por esse caminho que vou ao seu encontro, para dizer inclusive, que você não deve dar importância a nenhuma dessas coisas.

Você pergunta como vai o *Vento Sul*. Vou responder, considerando a nossa amizade. Não pretendo tocar nesse assunto nunca mais. Eu já disse que o *Vento Sul* está condenado a não passar deste título — que servirá para me lembrar o livro que eu não tive coragem de escrever e que já significa a maior frustração de toda a minha vida. E será triste como aquela triste e traída esperança que se possuiu um dia e que se viu morrer sem se realizar. Triste como todas as coisas que minguaram sem ter nascido, irremediáveis e desmembradas. O *Vento Sul*, portanto, é um caso liquidado.

Apesar de tudo isto, há gente escrevendo bonito, fazendo poesias e descobrindo que o verde que eu te quero verde ainda existe em alguma parte. Somos capazes de alguns momentos de lirismo ainda, e há uma trincheira de ternura onde conservamos aquele mundo que os homens não conseguiram habitar com a sua maldade ou com o seu ridículo. E de vez em quando acontece uma noite, uma noite que a gente pensava que não aconteceria nunca mais, uma noite que se possa carregar nos olhos e no coração eternamente, por esta vida afora. Houve uma noite assim, que nos encontrou bebendo vinho e ouvindo música, aquecidos pela intimidade que havia dentro de uma sala. Uma noite em que amigos ficaram mais perto, mais amigos e mais irmãos. Em que o silêncio falou muito mais do que falariam todas as palavras. Uma noite em que de repente começou a chover lá fora, mandando todas as estrelas irem embora. E a madrugada chegou, de mansinho, para guardar bocados de canção, pedaços de gestos e de silêncios, restos de nossas conversas, bonita como uma promessa.

Como não tenho outra coisa para oferecer a você, ofereço a imagem doce dessa noite em que você era a única pessoa que faltava.

É importante que eu lhe diga, que ela não nos perdoou e nos tornou, sem que soubéssemos, meninos e eternos.

[Abril, 1968]

“E ME VIERAM PERGUNTAR...”

*“E as portas estão
fechadas. Mas são de vidro”.*
(Renato Viana Soares)

E me vieram perguntar, logo a mim, qual é, no meu entender, o maior problema que existe no Estado do Espírito Santo.

Respondi que é a falta de amor, situando o referido problema de acordo com o meu sentimento, em face daquilo que eu tenho encarado infinitamente como uma filosofia de vida — que consiste em botar o amor acima de qualquer outra coisa que exista.

Respondi, portanto, que o maior problema do nosso Estado, é o mesmo problema que que aflige o universo inteiro, há muito tempo: está faltando um grande bocado de amor em todos os cantos do mundo.

Nunca foi tão preciso dar amor. Amar. E nunca foi tão difícil fazer com que os homens acreditem nisso. E é justamente nisso — nesta falta de amor — que são gerados todos os outros grandes problemas da humanidade, através dos séculos.

A verdade é que chegou um tempo em que todo mundo parece ter medo de falar de amor. Chegou um tempo em que falar de amor significa subversão. Se o poeta vai á praça da sua cidade, abre os braços e chama o povo para dar as mãos, — todo cuidado é pouco para que não prendam como agitador comunista, em franco desrespeito às sagradas leis da revolução.

Chegou um tempo aqui no Brasil, em que todos os poetas — principalmente os mais humildes, os mais limpos — estão sendo encarados como elementos perigosíssimos à segurança da nação. Tenho um amigo poeta que passou seis meses trancafiado na prisão. Foram podados seis meses de

sua juventude, dos seus vinte e três anos, do seu sorriso limpo, dos seus sonhos ainda de criança. Como se ele pretendesse enfrentar sozinho as forças armadas e avacalhar com a revolução.

Todavia, apesar disto e daquilo, ainda sou capaz de falar de amor e faço isso sem medo. E me sinto emocionada, quando me chamam de cronista do povo. É para este povo, que eu respeito e amo, que continuarei misturando minhas palavras. Já que não o posso carregar nos meus braços, carrego-o no coração. Sou livre para fazer isto, como sou livre para brindar suas dores e suas alegrias enquanto não me prendem e eu vou bebendo o meu vinho todas as noites, entre os supostos e alegres soldados que compõem esta ingênua e inofensiva esquerda festiva. Ne verdade mesmo, não me prenderei jamais a nenhum grupo e a ideologia nenhuma. O ideal que existe em mim, eu o trouxe na alma, desde os quintais da infância. Me foi deixado por meu pai, através de suas mãos honestas e dos meus olhos limpos. Suas mãos e seus olhos, que me ensinaram a amar a Liberdade e a repartir a Verdade, o Amor e o Pão.

E enquanto não me prendem por causa disso, continuarei cantando o meu canto e gritando o meu grito. Ambos estão presentes na melodia destas teclas de escrever ternuras em forma de palavras. Esta é a minha trincheira e é aqui que eu me escondo para dizer que o Espírito Santo precisa de amor. Para dizer que o Brasil precisa de amor. O mundo inteiro precisa de amor.

Quanto mais houver amor, maior será a Verdade, e mais farta será também a mesa dos nossos irmãos. Porque a riqueza maior e mais bonita que existe, é feita de Verdade, de alegria e de pão.

[Esta crônica sem título foi publicada no jornal A
Tribuna do dia 18 de fevereiro de 1968]

CRÔNICA COM ENDEREÇO CERTO

Além do mais, Dindi, este é um momento dos mais importantes e de coisas graves. Não adianta dizer que a vida não passa disto mesmo o tempo todo — sei que isto não vai consolar, não vai servir pra nada.

Acontece, porém, que não saberei falar outra coisa, eu nunca soube falar as coisa que deveria falar — você me conhece bem, você sabe como sou imbecil, tímida, completamente desajeitada. Nunca soube comprar uma roupa pra mim e estou ficando cada dia mais desorganizada nesta questão de objetos, pessoas, correspondência, horários. Sou, enfim, uma pessoa distraída e tresloucada, um caso perdido, uma pobre diaba. Viver, para a pessoa que eu sou hoje em dia, é esta aflição imutável, é este desespero de perder tudo, de repente descobrir que tudo voltou aos devidos lugares. Este viver de abrir os braços e dar a impressão muito falsa de que estou sempre preparada para o que der e vir. No fundo, você sabe, sou medrosa e covarde como o diabo. E embora não pareça, tenho a alma atormentada e não me conformo com nada. Não sou, portanto, a pessoa indicada para estar ao seu lado neste momento — você escolheu a companhia completamente errada.

Todavia, não irei embora. Vou aguentar firme aqui mesmo, enquanto puder e você me quiser perto, assim como estamos agora.

Falar mesmo a verdade, eu só sei andar por aí, viver às escâncaras, beber vinho, nunca ter dinheiro e falar das minhas saudades. Adoro, Dindi, estas ruas a noite, este silêncio — você acertou, quando disse que eu era a primeira-dama da madrugada. Foi na madrugada que aprendi a amar muitas coisas. Que aprendi a distância que existe entre uma flor e uma estrela e ao mesmo tempo, a hora de as trazer reunidas, por causa do momento que lhes deu o mesmo significado.

Não me ensinaram a falar palavras que consolem, todavia, é neste momento que eu sofro imensamente por não

saber dizer a você, aquilo que você tanto precisa ouvir.

Me lembro, inclusive, de um momento muito antigo, daquela tarde de setembro, quando eu deveria ter dito sim... Quando deveria ter feito o gesto que não fiz e fiquei em silêncio, vendo tudo se perder.

Mas vou tentar alguma forma de acertar desta vez com você. Vou lhe pedir para não se preocupar com estas bobagens que tanto preocupam você. Vou procurar convencer você de que o drama não chega a ser drama, por que é que você vive assim? Não ligar, Dindi, ainda é a melhor solução.

Se isto puder servir de algum consolo, saiba que, enquanto for preciso, ainda estarei aqui. É bem verdade que tenho a alma esbagaçada e venho de muita dor. Mas me sinto contente, apesar da poeira desta estrada triste e comprida de onde vim, me sinto contente, porque ela me trouxe até você — você, criança eterna e querida, em cujos olhos ainda amanece todos os dias. E por mais que eu chegue tarde a estas manhãs, por mais que eu traga as minhas culpas e as minhas dores nestas mãos, aqui continuará sendo dia e eu também poderei ser criança alguma vez, com o meu vestido cor-de-rosa, como se fosse sempre domingo.

Não sofra tanto. É domingo.

[Fevereiro, 1968]

“DEPOIS, DESCOBRI QUE O FRIO...”

*“Quando será possível dizer aos que amamos
que os amamos.”*

Exupéry

Depois, eu descobri que o frio havia passado e que a voz de vocês, era como a música para mim. E a minha cidade virou pasárgada, com sua noite grande e bonita, com seu céu furado de estrelas, com seus filhos, que são meus irmãos. E era doce que assim fosse e era também esta rima. Esta rima, que fiz sem querer, como as lembranças misturadas que fomos misturando sem saber. O coração de gente, arrebatando de tanta alegria, outra vez enfim. Aquela madrugada que nos encontrou acordados, reencontrados, distraídos e comovidos, repartindo amizade e ternura, repartindo a felicidade de nunca mais precisar partir.

Foi nessa hora que descobri também que a festa pode ser a noite que não perdi. A festa pode ser esta bobagem maravilhosa de estarmos juntos assim. Novamente assim. Juntos na mesma esperança, juntos no mesmo caminho sem vontade de ir embora e com esta intimidade tão antiga, e ainda que nos permite falar mal dos nossos amigos comuns. E ao mesmo tempo, querer que eles cheguem depressa, esperar por eles, os braços abertos para abraçar e ficar no eterno gesto do bem-querer. E entre dois silêncios, dizer baixinho: — Venham para sempre e sejam para sempre como esta noite já é. Venham para ficar aqui.

Dizer isto como se isto fosse aquele velho e aguardado carinho que ninguém teve tempo de fazer. Na verdade, a noite é esta necessidade de calar, falar ou ser apenas uma coisa qualquer. Esta necessidade de amar os amigos, ficar perto dos que estão perto e ter saudades dos distantes. É a gente querendo não dizer a última palavra, não beber o último resto do vinho, não cantar a última canção, não deixar que se apague a última estrela que ainda resta no céu. Só pelo prazer de se alongar nes-

tas coisas e continuar possuindo estas coisas para oferecê-las às pessoas que amamos em nosso viver de tanto amor, de tanto esperar, de tanto sofrer.

Este viver de querer encontrar as verdades no meio da utopia e de repente também descobrir que a verdade consiste em saber que tudo que existe, é a gente não ter possuído um vestido cor-de-rosa e não ter tido nunca dezesseis anos... Uma verdade desvestida de cor, que já não permite sentar no banco da praça, sem entender a vida que passa, sem sentir mais o gosto da infância no sorvete que se tem nas mãos.

Verdade em tempo presente e a gente cada vez mais aflita, querendo buscar os irmãos, sentindo que necessita que os irmãos que se elegeu estejam para sempre aqui.

Me sentar ao lado de vocês almoçando a verdade e o pão numa mesa de restaurante da cidade e ter pressa porque a alegria deste momento talvez também passe depressa: nessa mesa, nosso sonho, nossa coragem de boêmios puros, sem dinheiro que somos, chorar juntos tudo que não fomos. Até um dia, quando a vida nos tornar distantes, e a nossa riqueza for feita das lembranças destes instantes. Menos loucos, mais adultos, cada vez mais cheios de saudades, dentro dos olhos e do coração.

Zélia, Xerxes, Lachini, Regina, Renato, Domingos, Milson, Luluca, Cidinho, Janette, Gilda, Sheila — até quando ouvirei meu nome chamado na voz de vocês? Até quando os poderei chamar nestes nomes e pedir a vocês que fiquem nesta mesa comigo? A estrada comprida e batida do vento, saudade, ilusão. ...da menina de vestido cor-de-rosa, bocado mulher, de nossa vida que infelizmente não continuou. Bocado de nossa vida que maldade nenhuma já não maltrata mais, que tempo nenhum será capaz de envelhecer.

Lá fora, no mundo, estão dizendo que amanheceu. Cai o orvalho sobre as rosas. Cai sobre os homens o perdão. Aqui dentro, neste viver indormido, cai sobre mim a realidade do que sou.

[Dezembro, 1967]

MAIS UMA CRÔNICA DO INSTANTE QUE PASSA

Deixei a minha morada perto da pedra grande — onde as cigarras cantam o ano inteiro, como se fosse sempre tempo de verão — e me passei aqui pra cima, onde me encontro já há alguns dias, devidamente empoleirada.

Trata-se de um apartamento pequeno, porém decente. Ao Rogério e ao Milton vou ficar devendo eternamente a alegria de o ter alugado. Se não fossem eles, talvez eu ainda tivesse por aí, bastante louca e tresloucada, procurando um canto para morar.

Aos poucos vou descobrindo, com imensa satisfação, as primeiras vantagens: o silêncio de que preciso para escrever e pensar, a ausência de mosquitos e de outras perturbações; ainda não apareceu nenhum chato por aqui e tudo indica que os chatos que me conhecem ainda não conhecem este lugar: quando a visita for importuna, posso fingir que não estou em casa, não adianta bater na porta, pois está na cara que não abro: estou livre do homem do camarão, do camarada que vende livros e da araponga que do outrora meu vizinho, cujos berros eu era obrigada a aguentar lá embaixo e que não cheguei a estrangular, conforme pretendia, o que é lamentável. Entrada aqui, só para aqueles poucos parentes que eu gosto e para os mais íntimos amigos. O vento — este poderá entrar sempre que quiser. Aliás, isto tem acontecido desde o dia que cheguei. Todavia, com muita decência e moderação. De mansinho, trazendo o cheiro do mundo, o frio da madrugada e a canção que alguém cantou lá fora, entre o céu e o chão.

Me sinto bem aqui, inclusive, para esquecer os puristas da língua pátria e não ligar para a maldita ordem em que devem ser colocados os pronomes. Que se danem, os mestres. Muito mais importantes que as regras gramaticais é a maneira como a gente consegue, nesta deliciosa desordem, misturar as palavras e fazer da última flor do Lácio inculta e

bela um meio gostoso de se comunicar. Me sinto, portanto, capaz de fazer tremer até o Eça de Queiroz, mas eu vou colocar os meus pronomes onde eu quiser. E tem mais: aqui eu sou livre para rir ou chorar; para lembrar ou esquecer; para sentir saudades de ontem e ao mesmo tempo, construir os mais belos planos para o dia de amanhã. Livre para desenhar o rosto do meu amor, apesar de não saber desenhar, porque já não corro o risco de ver você chegar aqui de repente e se botar cinicamente a rir do meu sentimento e de mim.

É verdade que o tempo tem sido curto. Mas também não tenho sentido a menor vontade de sair. Tenho ficado em casa todas as noites; há dias que não vou ao encontro da corja. Ontem mesmo houve pessoas muito queridas que estiveram por aqui. Queriam saber de mim, como é que me vou arranjando. Vou me arranjando bem, graças a Deus. E para que eu esteja melhor, é preciso que essas pessoas voltem sempre, pois aos amigos eu confiei uma parte de minha felicidade preguiçosa, que às vezes gosta de cochilar. É importante, então, que vocês não a deixem dormir, que estejam perto, vigiando todos os dias, cada vez mais íntimos, mais amigos, mais irmãos. Dispostos ao momento da amizade, das mãos dadas, das coisas do coração.

É pensando que me vem enquanto fico procurando por vocês, em cada um desses objetos que constituem uma parte da minha vida, da minha vida que vocês valorizam, e que acabei de acomodar entre as paredes desta casa: livros, jornais, revistas, algumas roupas, muitos sapatos, uma máquina de escrever, um berimbau que guardou ternura das tantas noites e poeira das estrelas que morreram no céu, para nunca mais. Um radiozinho que se recusa a falar. Alguns discos que variam de Bach a Aznavour, um coelhinho azul e tímido, uma cobrinha chamada Mildred, que tem medo de temporal.

Agora, para que eu mude daqui, só se for por conta de um milagre, que me devolva, no tempo e no espaço, ao antigo e doce chão da terra de onde eu vim. Que me devolva ao colo de minha mãe, aos braços dos meus irmãos, aos laranjais da

minha infância, em cujas sombras eu aprendi a amar a Deus e à Verdade. Que me devolva inteira à vida que deixei pela metade, entre as paredes brancas da casa grande do meu pai.

Mas como tudo isso me parece impossível demais, eu faço deste lugar e deste tempo o pequeno templo para minhas preces de amor e de saudade.

Cumpro o destino.

[Crônica originalmente publicada na Coluna Esta Ilha é uma
“Delícia”, do jornal A Tribuna de 11 de junho de 1967]



[Carmélia Maria de Souza. Ilustração de Wagner
Veiga para a edição de Vento Sul publicada em A
Gazeta, setembro de 1994]

FOSSA EM CORPO DOZE

*(de uma cronista triste para uma
cidade doida)*

Eu me queria menos triste, hoje. Sem sustos. Sem mágoa. Sem remorsos, sem pecados. Eu me queria pertencida a você. Eu me queria sua.

E no entanto, eu sinto dor.

Hoje, mais que nunca, você dói em mim. Você dói na saudade das tardes em que te busquei nas ruas aflitas da cidade amada. Você dói na lembrança de todas as luas cheias e de mãos dadas, que a gente andou junto, falando bobagens e fazendo promessas, que só você não cumpriu.

Você está doendo, meu amor. Você está doendo triste e doce, uma dor que a minha mente ainda não teve tempo de dizer pra mim, se é mais triste do que doce, ou se é mais doce do que triste.

Eu só sei que você é uma dor. A dor de eu não poder repartir com você, essa lua cheia de começo de noite, e esse arrebentar de sol de fim de dia. A dor de eu não te poder saber perto de mim, sob estes céus de outono.

Hoje, eu me queria perto. Simples. Sem medo (o vento soprou e eu não tinha ninguém para arrumar os meus cabelos...).

Eu me queria me saber te amando como eu te amo. Com o mesmo amor. Do mesmo tamanho. E que fosse cheio de importância, esse amor.

Um amor tão grande, que também doesse. Mas que me fizesse, mesmo sendo assim, um grande bocado de bem.

A PRIMEIRA CRÔNICA

 você me deu a chance para que eu escrevesse a última,
e eu nunca pretendi que você, justamente você, me desse a
chance de escrever a primeira, porque a primeira crônica, a
primeira crônica vai dizer que você já sabe demais.

 mas se você ouvir de novo, eu te digo.

 eu te digo que é gostoso saber das tuas mãos nos meus
cabelos.

 eu te digo que o mar fica muito mais bonito quando
você está perto.

 eu te digo que a noite fica muito mais escura dentro dos
teus cabelos.

 e que o amanhecer nos teus olhos, não é maior nem
melhor nem mais belo do que a tua presença, a tua presença,
amiga, amante, querida, a tua presença que me dá a vida que
eu nunca tive coragem de pedir a ninguém.

 e eu tenho hoje como o surgir de uma flor que plantei.

 e eu tenho hoje como parte de mim, do que eu bebi, e
comi, e senti.

 e eu tenho hoje ao mesmo tempo como um pouco da
pessoa que eu não fui, que eu não consegui ser.

 mas olha, meu amor, eu tentei e consegui atravessar o
rio, e dinamitar a ponte: você não é um homem, nem u'a mu-
lher, nem um coqueiro, nem um pé de manga, você é apenas,
muito apenas e simplesmente, uma pessoa.

 e é essa pessoa que eu amo.

[Dezembro, 1972]

OS INESQUECÍVEIS

*“Morrer é não precisar de
mais ninguém”
Antônio Maria*

Olha, meu Félio, se há uma pessoa que não deseja “ir”, que não deseja ir de jeito nenhum, sou eu.

Serei capaz de me grudar no pé da mesa, na mão do homem amado, nas mãos de todos os amigos, no momento de uma flor... Me agarrarei a qualquer coisa que me possa prender à vida, desde que, desta forma, eu tenha a certeza de que não vou. Sou capaz de me segurar às pessoas e aos objetos de tal jeito, se for, certamente levarei um pedaço.

A verdade é que não quero ir.

Por mais que venham me dizer que a morte oferece algumas vantagens — morrer é ficar independente, ser livre, não precisar de mais nada nem de ninguém — eu prefiro continuar sem estas vantagens,

O importante é saber que estou viva, o resto é bobagem.

Não me interessa esta forma definitiva de autossuficiência que vem a ser a morte. Para mim, ela não passa de uma solteirona feia e ranzinza, que sempre estará precisando se reafirmar.

Que se reafirme, pois. Mas não às minhas custas.

Bem ou mal, todas as pessoas vivas têm, infalivelmente, o seu amanhã. É neste amanhã que os mortos são sempre esquecidos.

Não pretendo estar entre os mortos tão cedo. Preciso viver, para que se lembrem de mim. Não existe palavra mais inútil do nosso vocabulário do que esta, INESQUECÍVEL.

Nada é inesquecível. Ninguém é inesquecível. Da mesma forma não passa de u’a mentira, esta história de “eterna gratidão”. Alguém, muito mais inteligente do que eu, já es-

creveu uma vez que a gratidão, tal qual o amor, só consegue ser eterno enquanto dura — já dizia o poeta de nome Vinícius de Moraes.

Todavia, que seja tudo como Deus quiser.

Enquanto não vou, encho diariamente o meu coração de uma porção de ave-marias. E canto. E amo. E choro. E dou o perdão que não me pedem, em troca do ódio que não mereço. Viver é continuar...

Eu continuo e ao mesmo tempo me deixo ficar, ao sabor deste viver de tanto amar, deste viver de estar aqui, ao sopro do vento destas tardes de janeiro, que varrem a minha alma esbagaçada, coberta por pedaços de dor e de saudade.

Posso garantir ainda que estou preparada, espiritualmente, para o que der e vier. Mas que não seja agora, por favor. Por mais limpos que estejam os meus olhos, por mais sem pecados que esteja o meu coração. Que não seja agora, é tudo quanto pretendo e peço.

E quando chegar a minha hora, não me chamem de inesquecível.

É como se fosse uma última vontade de alguém que em vida tanto precisou e pediu para ser lembrada. E que, mesmo assim, há de morrer com a triste consciência de que tantas vezes esteve esquecida.

No momento que se seguir ao meu silêncio, por favor, não me chamem, jamais, de inesquecível.

A lembrança do meu rosto e do meu nome deverá ter apenas a duração do pranto dos amigos e ser menor do que o instante em que permanecerem vivas as rosas sobre mim.

Os que me amaram e que eu amei em vida, são seres humanos, são Homens. Não têm memória, portanto.

[Fevereiro, 1968]

VENTO SUL

Fazia frio, nós sabíamos e sentíamos, mas mesmo assim queríamos continuar deitados na rede posta na varanda, de frente para o mar.

Céu nublado, vento batendo forte, as folhas de um coqueiro, as ondas se quebrando lá longe, o amor, a tarde, a vida, você.

Tive vontade de perguntar:

— Até quando?

Esquecidos de tudo, amados, muito amados, felizes, líricos, limpos, belos e tristes.

— Que horas são?

— Que horas serão?

Ao mesmo tempo era o amor, o mesmo amor, o velho e grande amor.

— Esqueci meu relógio no banheiro...

Arrisquei e fiz uma pergunta a você:

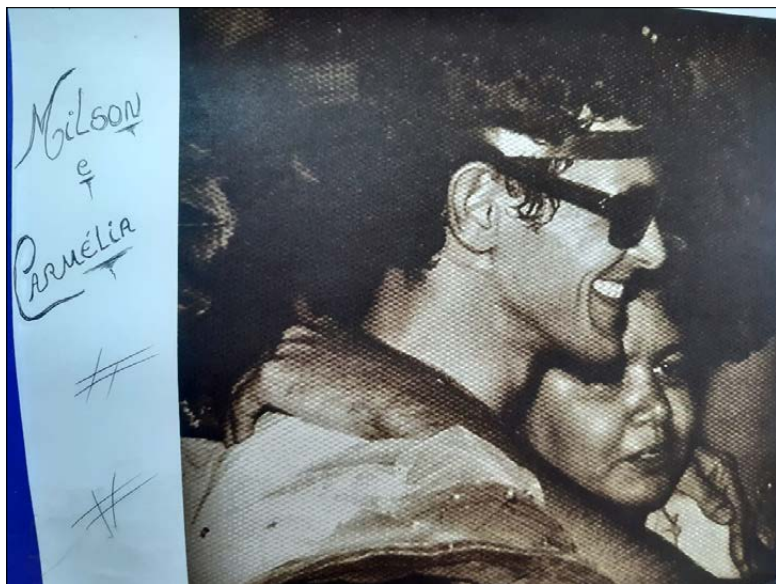
— Por que e até quando?

— Por nada, por tudo. Não haverá depois, há de ser sempre assim.

Uma gaivota levantou voo além da praia e depois tornou a mergulhar no mar. Olhei você nos seus olhos calmos e encontrei a vida inteira dentro deles: passado, presente, futuro — o tempo e a eternidade, feitos da ternura de sua presença, feitos somente de você.

Velhos ou meninos, aprendemos a crer porque é verdade, a única talvez, que tem permanecido além de tudo e mais que tudo: nos amamos, apenas. E para sempre.

[Crônica retirada da 3ª edição de vento Sul, de
2002, p. 172]



[Carmélia Maria de Souza com o
amigo Milson Henriques]

VENTO SUL (CRÔNICA DE UM TEMPO E DE UMA CIDADE)

*“Eu não seria a criança abandonada
no cais, que partiu para o alto mar”.*

Rimbaud

Capítulo I

Infância era coisa morta já. Hoje, não mais. Só mesmo as lembranças de vez em quando. Principalmente do pai, que fora pai, irmão, amigo. A infância de Thereza morreu quando ele morreu. Só lembranças, agora. E uma saudade daqueles quintais, daqueles perdidos momentos antigos. Uma saudade doida de uma criança que também passou.

Um dia, de repente, a descoberta: tinha crescido e ficado adulta, já podia dizer que entendia da vida. Ia vivendo como vivem certas criaturas um pouco triste e um pouco sós. Aprendera depressa que a vida nada mais era do que aquilo mesmo, Ia fazer o quê, senhor?

Nascera depois de os irmãos já estarem todos crescidos, cismara de repente que havia chegado tarde, justificando, com isto, uma grande pressa de viver. E vivia apressadamente, carregando suas amarguras, suas preocupações. Sonhava sem ter sonhos e esperava sempre, sem ter o que esperar. Os amigos em volta, inconformados, não a entendiam.

— Você é assim por quê?

— Assim, como?

— Assim... com esse jeito triste...

— Não há propriamente uma grande tristeza. É cansaço. Preguiça. A vida doendo dentro de mim. Mas eu juro que sou uma pessoa perdidamente feliz. E era. Gostaria de escrever e escrevia sobre isto: “A vida é bela, mesmo quando dói. Vamos em frente, pois. É importantíssimo ir

sempre em frente. É importantíssimo também não deixar de amar”.

Amou um dia. Amou como ninguém terá, sensatamente, amado. Com dor, com orgulho, ternura e perdão. Com todos os amores. Com todos os sentidos. Sem exigir, jamais, que Celso lhe desse o mesmo amor em troca.

— Eu te amo, Thereza.

— Eu te amo também. Infinitamente. Para toda a vida.

Júlio, Julinho, era um querido amigo. Que entre todos os amigos, às vezes era o único que a compreendia:

— Gostaria de ter uma namorada parecida com você.

— Por quê?

— Porque você é a criatura mais autêntica e mais sincera que conheço.

Era mesmo. De uma sinceridade tão grande, que os outros buscavam, sem saber por que.

— Fique perto de mim hoje. Você me faz um grande bocado de bem.

Gostaria de se saber necessária aos “meninos”. Gostava deles, do respeito, da confiança, da ternura sem qualquer interesse:

— Hoje nós tomamos conta de você. Vamos meter a cara por aí e descobrir o que é que há de novo no mundo.

Havia um bar. Não era nada de novo. O mesmo bar de sempre, a mesma noite de sempre, azul e menina, a mesa de sempre, diante de uma janela aberta para o mar.

Alguém, alguma vez, dizendo que se sentia cansado, não aguentava mais esta vida. Naquele dia era Fernando, jovem-velho angustiado, confessando suas amarguras diante de Thereza e Julinho:

— Preciso dar um jeito nisto, não posso continuar assim, que vida mais besta, meu Deus! Tenho que tomar uma atitude!

— Por que é que não toma, então?

Acabaram mesmo tomando mais um gin, os três.

Outros vieram em seguida, até que a madrugada ainda os surpreendera ali, na solidão comum, na comum agonia. A agonia de Fernando, que acabara por os unir na noite, envelhecidos e contaminados por um mal sem explicação.

— O jeito é tomar um porre e depois fazer um estrago dos diabos, o que é que vocês acham?

— Acho que deveríamos ir para casa e dormir.

— Você está doida varrida. Só saio daqui hoje, carregado. Se for pra casa do jeito que estou, morro. Aliás, acho que morro de qualquer maneira se esta angústia continua. Ou então, faço uma desgraça logo de uma vez: fico doido e me caso.

— Por que é que você não casa, apenas?

— Com quem? Laurita? Nem amarrado!

— Você não gosta da moça?

— Gosto. Mas nunca pensei seriamente nisto. Além do mais, não adianta pensar neste assunto. Vocês querem ver é a minha caveira, como é que fui pensar que estava diante dos meus dois melhores amigos?

No fundo mesmo, sabia que Thereza e Julinho eram mais do que simples amigos. Eram seus irmãos, sua crença, sua verdade.

A dor de cada um também era uma verdade. Que os aproximava, quanto mais verdadeira, quanto mais doía.

Capítulo 2

Soltos à noite pelas ruas do mundo, eram livres. No velocímetro do Volkswagen, Os quilômetros marcando a Liberdade percorrida.

— Vamos fazer o que, hoje?

Acabavam não fazendo nada, às vezes. Outras vezes, reunidos em bando, contritos, silenciosos, se amavam com fraternidade, se compreendiam. De vez em quando, acontecia um momento doce de impossível felicidade, uma louca felicidade fazendo a alegria dos tristes.

Iam para a casa de Júlio, botavam os discos para rodar, a conversa indo e vindo, um litro de uísque nacional já pela metade. Chamavam aquilo de reunião para comemorar.

— Comemorar o quê?

Não sabiam nunca. Comemorar, simplesmente, a vida é uma longa comemoração, era tudo o que respondiam.

— “To be or not to be”, vocês não sabiam?

Não. Ninguém sabia. A única certeza era de que a única coisa que estava certa, era saberem que tudo estava errado. Encantadoramente errado.

Laurita pegava o violão. Fernando cantava com ela, dizia que era a segunda voz.

— Segunda voz, ou voz de segunda?

Riam gostosamente da piada de Carlos, o sem problema, como o definiam. Quem os visse tão alegres, juraria que os meninos eram infinitamente felizes. Júlio, abrindo outra garrafa, a primeira já estava vazia:

— Hoje estou me sentindo perdidamente feliz. Quero encher a alma até o rabo.

Lá fora, na rua, a noite grande do mundo os desconhecia. Cá dentro, irmanados, não percebiam que o tempo passava, algumas estrelas no céu que tanto amavam, cansadas, adormeciam afinal.

Capítulo 3

Thereza Ficava sentada esperando o Júlio, que a levaria para o jornal. Naquela redação havia encontrado Celso, um dia, há sete anos atrás. Ele sentara ao meu lado dois meses depois de se haverem conhecido e pedira um conselho sobre a série de reportagens que vinha escrevendo há vários dias.

— Acho que você não deve mudar o texto, está muito bem assim.

— Outro dia me perguntaram se você é minha namorada. Eu disse que sim.

— Pois fez muito mal.

— O que é que você acha, além disso?

— Acho engraçado. Não sabia que você era dado a mentiras.

— Não vejo graça nenhuma. E não sou dado a mentiras, você sabe disto.

Começaram a namorar. O amor surgiu de repente, enternecendo a cidade inteira que os viu de mãos entrelaçadas, abençoados, esquecidos. Um amor bonito, tranquilo, absorvente, exclusivo.

— Para toda a vida.

— Para toda a vida, querida.

Durou quatro anos. Depois, brigaram. Acabaram voltando mais tarde, mas já não eram os mesmos dos dias perdidos.

— Você me deixou esperando ontem, podia ter telefonado.

— Estava caindo aos pedaços, fui para a cama dormir.

— Mas não custava telefonar.

— Não telefonei. E daí?

— Celso, é melhor mesmo a gente acabar logo com isto.

— Também acho. Estamos no fim, esta é a verdade.

Acabavam, se despediam, uma semana depois se reencontravam e começava tudo de novo.

— Eu não consigo entender mais a minha vida sem você. Que tal se déssemos uma casa, se acertássemos nossa vida?

— Tem certeza de que você quer mesmo isto, Celso?

— Não sei. Quero e não quero, estou pra lá de confuso. Tenha paciência comigo, por favor. E me perdoe...

Thereza perdoava. Sempre perdoou. Um dia ele passou dos limites, brigaram. Ele disse qualquer coisa que

a levou definitivamente a liquidar o assunto.

— Não damos certo, Celso. Desta vez é mesmo o fim. Saia da minha vida.

— Queria viver com você pela vida inteira, mas acho que não me casaria com você nunca. Vamos acabar.

— Então está acabado.

Separaram-se aliviados, livres um do outro, perdoados, quase felizes.

Foi para toda a vida, apenas na vontade de cada um, um dia ainda se encontrariam e talvez um pouco tarde demais.

Capítulo 4

No carro de Júlio, a caminho da cidade, ouvia uma canção de amor que vinha num sussurro de dentro do rádio ligado.

— Onde você se meteu ontem?

— Em casa, lendo.

Era verdade. Tivera vontade de ficar só, andava lendo muito.

— Fomos buscar as meninas que chegaram das férias. Estão todas grávidas. O que foi que você leu?

— Rilke. Parece um catecismo, é um livro maravilhoso, Júlio, gostaria que você o lesse. Grávidas?

— Luciana, Laurita e Rachel. Da Silva.

— Júlio... Ainda bem que você brinca.

— São umas solteironas, aquelas chatas.

— Luciana e Raquel arranjaram namorados nos botequins de Belo Horizonte. Laurita deve ter ficado pensando o tempo todo no bestalhão do Fernando — aquele tarado!

— Acho que eles acabam se casando. E você?

— Sei lá. Não entendo mais estes caras. São uns desiludidos da vida, pobres diabos.

— E nós? Qual será o nosso destino?

Também não sabia. A vida levada na flauta, ninguém queria pensar em nada.

— Estamos nos destruindo, minha querida.

Era verdade. E não podia fazer nada. Mas se sentiam estranhamente felizes naqueles dias.

Tragicamente felizes, na verdade.

Capítulo 5

Julinho comprara um sítio. Iam todos para lá, a cada fim de semana. Comiam o que plantavam, eles próprios cozinhavam.

— Estou ficando com complexo de rico, vou acabar entrando pelo cano.

Verdadeiramente, já tinham entrado há muito tempo. Mas não se esforçaram para saírem de lá. Maltratavam-se sem saber por que, diziam-se coisas que não queriam jamais dizer uns aos outros.

— Você, Júlio, é orgulhoso e egoísta.

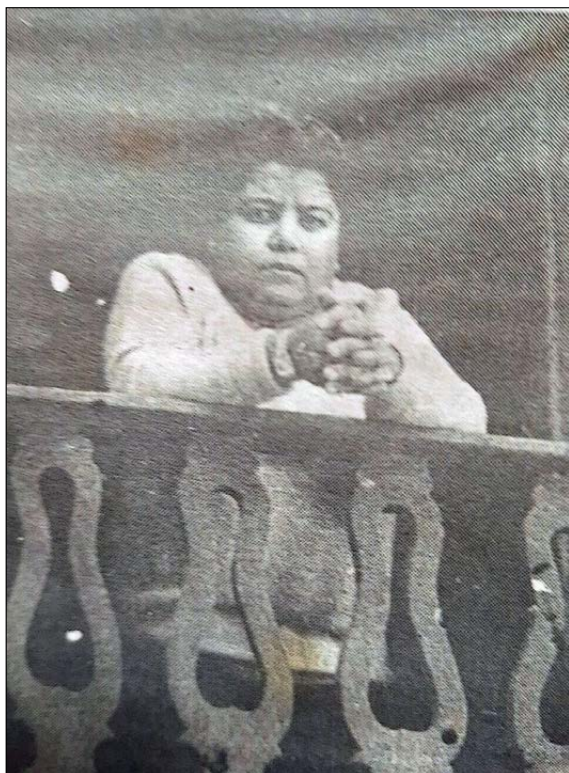
— Você é uma velha de 25 anos, sozinha e frustrada. Fernando é um derrotado. Carlos é um palhaço que nada entende da vida. Luciana mente, se faz de feliz mas não passa de uma angustiada. Raquel é a mulher mais chata deste mundo. E Laurita é igualzinha a você: só e desesperada.

— Por que é que você não aprende a ser humilde?

— Que entende você de humildade?

— Eu entendo tudo aquilo que você jamais procurou entender, Júlio. E tenho realmente vivido com paciência e humildemente. É por isso que ainda estou aqui, ouvindo você falar tanta bobagem. Ouvindo você dizer que os nossos amigos são uns pobres diabos, esquecidos de que somos tão diabos e pobres quanto eles.

Calaram-se enfim. E não tinham coragem suficiente para levantarem a cabeça, nem para se confessarem um ao outro que sofriam e que estavam chorando.



[Carmélia Maria de Souza no Solar Monjardim, quando foi funcionária pública. Edição de Vento publicada em A Gazeta, setembro de 1994]

UM DIA, TALVEZ

Um dia eles voltaram a se encontrar casualmente em meio da rua, sob a tarde que morria melancolicamente, e ele, com uma ternura comprida, passou-lhe a mão pela cabeça, carinhosamente.

Em verdade, há muito que tudo se acabara, como se acabara o tempo em que enterneciam a cidade com o seu amor e que tantas vezes os viu caminhando distraídos, mãos entrelaçadas, como se carregassem no gesto, a afirmação do amor perfeito.

Das circunstâncias, porém, surgiu o inevitável da separação, antes a imposição de problemas infalíveis em tantas histórias:

— Você compreende, somos muito jovens ainda, preciso planejar a minha vida buscar um ideal, fazer alguma coisa e do jeito que tudo está o melhor é acabar com isto, não vai dar certo mesmo...

Concluíram em comum que a solução era terminar. O tempo se encarregaria do resto, um dia, talvez...

Um dia eles voltaram a se encontrar esse encontro lhe trazia um amontoado todo de lembranças doces, o passado inteiro ainda não sepultado, a presença daquela mesma ternura de antigamente, envolvendo a vontade de fugir, de não falar nada, de passar simplesmente um pelo outro, como se nunca se tivessem visto, como se nunca se tivessem amado.

Mas a alegria do momento inesperado era maior que tudo, denunciada pela presença de dois olhos se perdendo dentro de outros olhos amados e jamais esquecidos, e sobretudo isto, a espontaneidade daquele gesto antigo, a mão dele, morena, muito grande, como ontem deslizando sobre os cabelos dela, lembrando uma ternura repetida de outros tempos, de outras tardes, como se entre eles não existissem o vazio da separação, nem a sombra desta separação que os colocara distanciados de tantos sonhos impe-

dindo-lhes, a existência de uma participação na vida de um e de outro, distinguindo-os com preocupações diferentes, egoisticamente. E porque era demais, ele falou afinal:

— Eu te amo ainda que te seja isto absurdo, doido, descabidamente doido, mas a verdade é que te amo ainda.

Mas ela se calou.

Calou-se esmagada pela torturada compreensão de que a vida era aquilo mesmo, uma sucessão de desencontros, de contrates sem explicação, de amores ontem perfeitos impossíveis hoje, distanciados pela circunstância, pelos inevitáveis, pelo cansaço das esperas, e pairando sobre tudo isto a realidade do cotidiano contando histórias, pintando um quadro comum, fazendo existir a certeza de que há reencontros que só acontecem quando já é tarde demais.

E outra vez no silêncio, o peso de uma despedida sem adeus, sem promessas, sem nada.

Não passavam agora de duas sombras distintas, seguindo dois caminhos estranhamente paralelos, carregando nos ombros o peso dos arrependimentos: por não se terem colocado pacientes na sua espera, por não terem sabido alimentar a Esperança na sua crença, ante a promessa disfarçada que se haviam feito ontem, quando diziam que um dia, talvez...

[Vento Sul (crônica de um tempo e de uma cidade) e Um dia, talvez foram encontrados no apartamento de Carmélia, pela família, logo após a sua morte. Esses dois textos “renegados” estavam reunidos na parte três da obra sob o título “Tempo e cidade” e dizem respeito ao livro “Vento Sul”, romance que ela prometera escrever, mas que nunca chegou a concluir].

CRÔNICA DA DDC

Enquanto os discos rolam de leve na eletrola — discos clássicos, dos melhores clássicos — na sala ao lado, um grupo conversa. Trata-se de uma Juventude que se junta para não ficar sozinha, e por ser triste não pode absolutamente ser considerada infeliz, porque sabe viver bem, à sua maneira.

Eu consigo tomar parte na conversa que acompanho sem entender, e que é variada. Os assuntos brotam assustadoramente, num galope de gigante. Ao invés de conversar — penso — por que pensar ainda é uma das poucas coisas boas quando nos surpreendemos cansados, sem coragem para gastar o tempo de outra forma.

Alguém senta perto de mim, falando uma língua que não é a minha, mas que entendo. Num castelhano meio arrastado, vai dizendo o que provoca imediatamente a pergunta:

— O que é que você está sentindo?

— Sei lá. Não sei nem mesmo o que estou falando. Deve ser trecho de uma peça de Garcia Lorca que acabei de ler e que tenho embaralhado na memória, ou na pior das hipóteses, “abaixou” em mim o espírito de algum toureiro, quem sabe?

Percebo facilmente que alguém está ficando doido, ou será que todos estão doidos?

Vou ficando meio esquisita também (Canta dentro de mim a voz de um Anísio Silva, rouca e sem eco. Verdaderamente horrível).

Mas se o momento é de tanta loucura, por que não pegar da máquina, e num rasgo de inconformismo, escrever coisas malucas também?

O fato é que se aquele candidato ganhar, sumo do Espírito Santo, vou morar no Rio, fazer poesia no Rio, escrever crônicas no Rio... Ainda que, numa balança, a Praia

da Costa continue pesando mais do que Copacabana.

— Olha aí esse Debussy, ninguém me vai dizer que esse camarada não carregou a sua dorzinha de cotovelo...

— Você está dizendo isso, porque está curtindo uma.

— E quem foi que disse que não estou?

Muda de assunto. Diz aí aquele verso de Fernando Pessoa de que eu gosto tanto.

“Coroai-me de rosas/ Coroai-me em verdade de rosas/ rosas que se apaguem/ Em fronteiras, a pagar-se tão cedo/ Coroai-me de rosas/ E folhas breves/ E basta.”

— Bonito. Mas pra que será que ele queria tantas rosas?

— Vai ver que naquela época já existia a noite do meu bem.

— Por falar em rosas, uma rosa é uma rosa, é uma rosa, é uma... quer saber de uma coisa? Somos todos tristes, gente! Produtos de raças tristes, filhos de pais tristes, de mães tristes, tudo é encantadoramente triste. Eu sinto uma melancolia de negro crescendo comigo, ao mesmo tempo que tenho saudades de Portugal, sem nunca ter ido lá.

— Você é doido, isto sim.

— E quem não é doido hoje em dia?

Tem razão, poeta — todos estão loucos.

E tristes.

[Vitória, novembro de 1960]

POR QUE, OU POR OUTRA: PORQUE

Sei que não consigo explicar direito as razões que me trazem hoje tão triste, tão acentuadamente CARMÉLIA, tão Magnólia, tão eu, enfim. Sei que o presente também pode ser lindo, dependendo do ângulo ou do momento em que a gente olha para ele. Sei que há ainda o canto, o riso e o pranto não será sempre tanto, que não se possa crer, apesar de tudo, que não há rosas de esperança ainda. Sei de tudo isto. E não sou ninguém, afinal de contas, para discordar. Pois reconheço, plenamente, que além de mim, desta minha insignificância momentânea e pessoal, há gente que continua tocando a vida pra frente, pouco importa que no instante que passa, eu me sinta perdida, com saudades, inconformada, por que a vida me faz um pouco descrente, magoada, triste — embora não me faça realmente feliz. As crianças mais queridas, as nossas crianças, estão aí, crescendo, continuando a existência e o destino das pessoas que eu amo, dos meus amigos, os mesmos que o tempo se encarregou de tornar cada dia mais amigos, mais irmãos. Algumas há, que já sabem escrever o nome de Jesus, e aos poucos vão aprendendo a amar a verdade e a vida, enquanto desenhavam palavras ou imagens, bonecos desengonçados na brancura dos muros. A minha geração também continua, seguida por uma outra que com ela se identifica. E nós, jovens-velhos de agora, vamos tentando mostrar aos de ontem, que, embora isto não seja um desafio, há muitas razões em nós, nas coisas boas que fazemos, para que a sua descrença e o seu derrotismo não nos tornem descrente nem derrotados — a crueldade, a incompreensão, o silêncio, e a surdez com os quais muitos nos têm encarado, é certo que não se justificam. E a gente sofre, às vezes odeia, se amargura, se contorce de dor, mas continua... E ensina depois, que o amor é tudo, que o gesto das mãos dadas, é a coisa mais linda que existe... A gente chora. Mas continua.

Todavia, eu pediria desculpas — porque, apesar de

não me esquecer de nada disto, hoje eu não consigo mesmo me compensar com isto e me sinto triste, muito triste. Tão triste, como se o Deus que aprendi a amar desde a infância, meu amigo, de repente tivesse ficado de costas para mim. E não me quisesse escutar, quando eu pergunto a Ele, o porquê de tantas pessoas queridas estarem partindo. E me lembro do cronista Rubem Braga, repetindo uma coisa que ele disse um dia: a morte me tem levado tantos amores, tantos amigos que eu tinha, tem tanta gente indo embora desta vida, que eu já estou começando a ficar com complexo de sobrevivente...

E o que acontece comigo é sentir, exatamente, que já está ficando maior o número dos que vão partindo pouco a pouco para o lado de lá. E que alguma coisa está minguando, acabando devagar, tornando cada vez menor e mais triste, o pequeno grande mundo do lado de cá. Onde o sentimento maior que existe neste mundo é a dor, é a solidão entre as mãos entrelaçadas, é o gesto nosso, é tudo aquilo que, por imenso que seja, não tornará menor agora, a profunda saudade que os que foram deixados em nós, pobres meninos desta família que a amizade irmanou reuniu, sem adeus, sem chorar, no sentimento comum desta saudade comum, dos que precisam continuar, porque continuar é um destino dos que ficam...

Mas a morte jamais deveria levar assim tão já os meus amigos. Não me conformo. Não deveria. É horrível.

DECLARAÇÃO DE AMOR

E depois de tudo isso, veio a chuva — você se lembra? E então eu te pedi que não tivesse medo. Você riu. Riu de medo. Eu fiquei com pena de te querer tão sem medo e tanto, que te cobri com minhas mãos, com meus braços, com minhas palavras, com meu silêncio, enfim.

E depois, a gente passou a respirar junto.

A dizer, calados, as mesmas palavras.

A ouvir as mesmas palavras.

— Te lembras?

Se não te lembras, eu vou te lembrar: veio a chuva. Você ficou com medo. Eu te pedi que não tivesse medo. Você riu. Riu de medo. E eu fiquei com pena de te querer tão sem medo e tanto que te cobri com minhas mãos, com meus braços, com minhas palavras, com meu silêncio, enfim.

— Diz que me ama — eu te pedi.

— Não tenho certeza — você falou.

— Diz que me ama.

— ...

— Um dia você disse que me amava.

— Então não pergunta. Eu já disse.

Olha, não tenho medo, não tenho nada. Eu tenho tudo e tudo isso é nosso porque é meu e porque é o que eu sou, é você, e o que você é, eu sou. Então, tudo o que a gente tem, consequentemente, é de um e do outro. É de nós.

Por exemplo: esse amor. Esse medo. Esse desespero. Essa aflição. Esse mar. Essa Maria Bethânia cantando. Essa casa cheia de amor, esse vento que vem do mar e do mundo. Essa desordem gramatical. Essa saudade. Essa vontade de que um amigo querido estivesse aqui.

Eu não te vejo agora, meu amor. O retrato está longe, dentro de uma gaveta, cuja chave eu não tenho hoje. Mas eu te busco, eu te amo — lá dentro dessa gaveta ou fora dessa gaveta. Que importância têm as gavetas fechadas quando se

pode ter e tocar as coisas que estão lá dentro?

Então — imagine — eu te vejo e te sinto do meu coração. Do meu sorriso. Do meu pranto. Do barulho do mar, indo e vindo. Eu te vejo e te sinto em tudo que está em volta e dentro de mim.

De mim — eu, que não sou gaveta, nem barco parado, sem rumo. Eu, que sou apenas *Carmélia Maria De Souza*. E te amo. Te amo baixinho à beça.

[Outubro, 1972]

TESTAMENTO

Olha, Dindi, tenho umas recomendações para fazer a você. Pode ser que daqui a pouco eu vá embora para alguma estrela, sem ver aquela praça de Paris, conforme tenho sonhado. É possível que eu adormeça de repente, sem conhecer a felicidade de ser pobre nas ruas de Paris, sob o céu de outono, cantar em Paris as canções de Piaf e Aznavour, entender que em Paris “la vie en rose”. Portanto, tenha bondade de tomar conta do seguinte:

Entre no meu quarto e recolha todos os sonhos que encontrar perdidos por lá. Guarde (ou rasgue), as cartas que me mandaram e as que não mandei. Faça o mesmo com os meus versos, pois nunca tive coragem suficiente para publicar pelo menos um. Pode ficar com meus livros (aqueles que você não tiver). Faça dos outros aquilo que você bem entender. Distribua as minhas esperanças com os que não têm esperança. A minha dor — sepulte-a no fundo do mar. O meu canto e o meu riso, ofereça-os aos tristes por mim. Se você não conhecer nenhuma pessoa triste, ponha-os nas árvores, ao alcance das cigarras para que elas cantem as canções que eu amei, saudando o Sol, quando o verão chegar. Tenho mania de comprar sapatos e no meu quarto tem sapatos espalhados por todos os lados. Calce com eles os pés descalços dos pobres. Quase não tenho roupas, mas as que for encontrando amontoadas numa terrível desordem, vista com elas os corpos desvestidos. Deixo um cinzeiro para cada amigo verdadeiro (e esta rima). Só que tenho cinzeiros demais, e acho que não tenho tantos amigos assim. Resolva, Dindi, da maneira que você achar melhor. Certamente haverá uma rosa esquecida dentro de um copo, em cima da estante, pois sempre tem uma. Você saberá o que deve fazer com ela. Deixo as minhas crônicas (publicadas ou inéditas) para você. Deixo também para você as personagens de um livro que jamais terminarei de escrever. Termine-o por mim,

Dindi! Escreva o “Vento Sul”. Se você fizer isso, eu cobrirei todas as noites o seu sono com a poeira azul das estrelas. E reservarei uma ao lado da minha, para você morar. Entregue àquela garotinha de Copacabana os sonhos e as saudades de minha infância — somente ela merece herdar a pureza da menina que eu fui.

Diga ao meu amor que não deixo nada para ele, a não ser a certeza de que ele esteve presente em todos os sonhos e em todos os dias da minha vida, desde quando o conheci. Diga-lhe que eu escrevi seu nome e desenhei seu rosto em todos os lugares por onde andei. Não quero música de Bach ao lado de ouvidos impuros. É preferível não ouvir o João Sebastião nunca mais. Mande escrever isto sobre a terra que me cobrir — é de Fernando Pessoa: “Coroai-me de rosas. Coroai-me em Verdade de rosas. Rosas que se apagam em fronte a apagar-se tão cedo! Coroai-me de rosas, e de folhas breves e basta”.

Diga ao meu amor que chamei por ele no vento das tardes, procurando-o no céu, no mar, nas estrelas, na madrugada, e que depois me espatifei de encontro ao infinito. Diga-lhe que a sua casa branca de janelas brancas abertas para o mar já não existe mais, porque eu morri. E, por favor, não lhe fale nada a respeito de um certo coelhinho azul... ele pode ficar triste.

Diga a quem me ficou devendo uma tarde e uma sonata de Beethoven, que não faz mal — depois a agente acertará. Aos meus amigos, diga que parti feliz: me esperavam os braços de meu pai e a ternura de minha mãe, que tão pouco tive. Aos que me condenaram sem me conhecer, diga que eu fui uma pessoa simples e bem-intencionada. Mas, se você achar que não deve, Dindi, não diga nada. É melhor não dar a eles esta colher de chá.

Diga aos que me amaram, que eles me fizeram feliz. O seu amor justificou o meu amor e a ternura dos meus gestos, quando eu esperava por eles, com as mãos estendidas. É assim que os espero, nas esquinas dos astros, em alguma

nuvenzinha azul. Afinal, Dindi, não se esqueça de que não quero lágrimas, e sim a sinceridade das rosas sobre mim. Quero que cantem canções de antigas serenatas, a fim de embalar o meu sonho mais bonito. Rosas e violões, Dindi, não se esqueça disto! Será uma forma de dizer que a grande festa apenas começou.

Se alguém achar absurdo, diga que eu fui sua muito doida amiga mesmo, Dindi.

REFERÊNCIAS:

BILICH, Jeanne. *As múltiplas trincheiras de Amylton de Almeida: o cinema como mundo, a arte como universo*. Vitória, ES, Ed. GSA, 2005.

BILICH, Jeanne. *As múltiplas trincheiras de Amylton de Almeida: o cinema como mundo, a arte como universo*. Vitória, ES, Ed. GSA, 2005.

KOGURE, Linda (Org.). *Carmélia, por Carmélia*. Carmélia Maria de Souza: vida e obra. Vitória: Prefeitura Municipal de Vitória, 2010. (Coleção Roberto Almada, v. 19).

MAIA, Pedro. *Sobrinho do coronel*. In: GURGEL, Antônio de Pádua (Ed.). *O Diário da Rua Sete - 40 versões de uma paixão*. Vitória: Contexto Jornalismo & Assessoria, 1998. p. 61.

MEDEIROS, Sandra. *Carmélia, a cronista eu cultivava abóboras*. Disponível em: <http://sandramedeiros.wordpress.com/2024/08/27/carmelia-a-cronista-que-cultivava-aboboras/#like-7503>. Acesso em: 12 de set. 2024.

RIBEIRO, Francisco Aurélio. *A literatura do Espírito Santo: uma marginalidade periférica*. Vitória: Nemar, 1996.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Diferença e alteridade na literatura do Espírito Santo: ensaios críticos*. São Paulo: Calêndula, 2024.

SOUZA, Carmélia M. de. *Vento sul – crônicas*. Edição de Amylton de Almeida. Vitória: Fundação Cultural do Espírito Santo, 1976.

SOUZA, Carmélia M. de. *Vento sul – crônicas*. Edição do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo (Neples). 3. ed. Vitória: Gráfica do Espírito Santo, 2002.

PAZ, Octávio. *El arco y la lira*. 7. Ed. México: Fondo de Cultura Econômica, 1990.

RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da escrita*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. (Coleção Trans).

ZOLIN, L. *Crítica feminista: os estudos de gênero e a literatura*. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3.ed. Maringá: Eduem, 2009.

Outras delicadezas

— SHEIKSBIER —

BAR
RESTAURANTE

Rosário, 202 - Vitória - E. Santo

Devocão

Fe' na Praça e
Odió no Bar.

Caruelis W. e Silva

Bar e Restaurante IATE CLUB

Sr. Laurelio Data 24/1/70

DISCRIMINAÇÃO	PREÇO
como a noite você chegou também como um amigo meu pedido mas esperando sempre e ficando assim tão desconhecido por distantes mas tão amigos do como é possível as coisas e pessoas que morrem	
TOTAL NETS	

Ass. Fregues

O S' / Gu cu

do meu corpo

o'z que

Gu fa' fui.

mas Gu e' Fou

Agu'.

Agu'.

AIR FRANCE

REPRESENTAÇÃO NA AMÉRICA DO SUL
AV. PRES. ANTONIO CARLOS, 58, 10º ANDAR — RIO DE JANEIRO — TELEFONE 33-1998 — ENDEREÇO TELEGRÁFICO: AIRFRANS

1

eu queria dizer
da alegria que eu senti
numa tarde ~~na~~ antiga e pouco amiga
de mil momentos e angústias e guateus.
queria contar
que o lembrar
Abel se gastou muito
me dar uma amizade
tão grande, que deixa a boca.
queria
te dizer que Sammy Davis Jr.
não existe mais
e que eu te amo
sobretudo, mais que tudo.

Dico, seu gozo:

"tira gosto do mundo"
(se lembra de que vez me
chamou oisto uma vez?),
e você,

com sua ternura,
com sua Alma vertical
que me faz vir aqui
sempre,
todos os dias.

que me faz vir aqui
com todos os amores
que eu tenho,
com todos os amores
que eu amo.



Te

E eu vou avaliar, sabe?

Depois... tudo nenhum. Desde o momento em que você se tornou personagem do meu livro (?) nunca mais consegui escrever. (Tenho medo, tchê.)

"A classe melhora de vitória
ensina seus filhos a Terrem.
nossa luta,
~~para que~~ jamais tenhamos a
conter os nossos pés
ou a proclamar
as nossas palavras antigas de Amor."

Isso só: muito, fofa.
Mas quando é que você volta
mesmo?

1" I desjo, ou/17

GARÇON

MESA N.º

Couvert



velocidade,
paisagem,
toi et moi,
silêncio,
vento
e basta.

Dico, seu gordo:

"tira gosto do mundo"
(se lembra de que você me
chamou oisto uma vez?),
e você,

com sua ternura,
com sua alma vertical,
que me faz vir aqui
sempre,
todos os dias.

que me faz vir aqui
com todos os amigos
que eu tenho,
com todos os amigos
que eu amo.

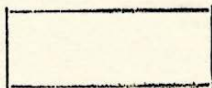


Te/
D

GARÇON _____

MESA N.º _____

Couvert



Dico :

Esse novo
mercado aqui,
dos 20 de julho,
festa de 1571,
parece muito com
os dos domingos
da infância,
Fim

GARÇON

MESA N.º

Couvert



Dirceu, homem-deus:

Refin
que
↑

Agora entendo
como você
conseguiu ficar
em pé. E até
entender men-
da' a você a res-
ponsabilidade de im-
plantar um cinema.

CARMÉLIA

por amor



*"Por que foi eu escolhida para
para cantar as histórias das outras?"*

DIAS 7-8-9-10-AGOSTO-TEATRO CARLOS GOMES

SHOW MUSICAL ESCRITO E MONTADO POR MILSON HENRIQUES E AMYLTON DE ALMEIDA SOBRE TEXTOS DE CARMÉLIA M. DE SOUZA

**AMYLTON DE ALMEIDA ★ MARIANGELA PELLERANO ★ APRIGIO LYRIO
GILBERTO GARCIA ★ MAURA FRAGA ★ MILSON HENRIQUES**

Plano e Direção Musical - Gilberto Garcia

**DIREÇÃO: MILSON HENRIQUES PRODUÇÃO: AMYLTON DE ALMEIDA
PATROCÍNIO: FUNDAÇÃO CULTURAL**

COLABORAÇÃO: Fundação Cultural
PÚBLICO
ESPÍRITO
SANTO

OBRA IMPRESSA NA GRÁFICA GSA PARA A
ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS
EM 2025

COLEÇÃO JOSÉ COSTA

- 1 – OS DIAS ANTIGOS / RENATO PACHECO
- 2 – INSURREIÇÃO DO QUEIMADO / AFONSO CLÁUDIO DE FREITAS ROSA
- 3 – LOGRADOUROS ANTIGOS DE VITÓRIA / ELMO ELTON
- 4 – A MULHER NA HISTÓRIA DO ESPÍRITO SANTO / MARIA STELLA DE NOVAES
- 5 – ROMANCEIRO CAPIXABA / GUILHERME SANTOS NEVES
- 6 – A ILHA DE VITÓRIA QUE CONHECI E CONVIVI / DÉLIO GRIJÓ
- 7 – FAFI-ESCOLA, ESCOLA DE ARTE / ADILSON VILAÇA
- 8 – VIAGEM À PROVÍNCIA DO ESPÍRITO SANTO / AUGUSTE F. BIARD
- 9 – VIAGEM AO ESPÍRITO SANTO E RIO DOCE / AUGUSTE SAINT-HILAIRE
- 10 – A VITÓRIA DO MEU TEMPO / AREOBALDO LELLIS HORTA
- 11 – VITÓRIA, CIDADE PORTUÁRIA / FRANCISCO AURÉLIO RIBEIRO
- 12 – UM POUCO DE TUDO: CRÔNICAS / WALDEMAR MENDES DE ANDRADE
- 13 – PATRULHA DA MADRUGADA / ÁLVARO JOSÉ SILVA
- 14 – O INCALISTRADO: TOPÔNIMOS CAPIXABAS DE ORIGEM TUPI / SAMUEL M. DUARTE
- 15 – NOVA ESCOLA PARA APRENDER A LER, ESCREVER E CONTAR / MANUEL DE A. DE FIGUEREDO
- 16 – JARDIM POÉTICO / JOSÉ MARCELINO PEREIRA DE VASCONCELLOS
- 17 – POEMA MARIANO SOBRE A PENHA DO ESPÍRITO SANTO / DOMINGOS CALDAS
- 18 – TROVAS E CANTARES CAPIXABAS / AFONSO CLÁUDIO DE FREITAS ROSA
- 19 – A ESCRAVIDÃO E A ABOLIÇÃO NO ESPÍRITO SANTO / MARIA STELLA DE NOVAES
- 20 – DICIONÁRIO DE POETAS CAPIXABAS / THELMA MARIA AZEVEDO
- 21 – INDÚSTRIA: A MODERNIZAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO / GABRIEL BITTENCOURT
- 22 – AS MARAVILHAS DA PENHA / JOAQUIM JOSÉ GOMES DA SILVA NETO
- 23 – VELHOS TEMPLOS E TIPOS POPULARES DE VITÓRIA / ELMO ELTON
- 24 – NEGROS, ÍNDIOS E MESTIÇOS / AFONSO CLÁUDIO DE FREITAS ROSA
- 25 – LENDAS CAPIXABAS / MARIA STELLA DE NOVAES
- 26 – DR. VORONOFF / MENDES FRADIQUE
- 27 – POETAS CAPIXABAS / JOSÉ VICTORINO DE LIMA
- 28 – PATRONOS E ACADÊMICOS / AEL
- 29 – BIOGRAFIA DE UMA ILHA / LUIZ SERAFIM DERENZI
- 30 – HOMENS E COUSAS ESPÍRITO-SANTENSES / AMÂNCIO PEREIRA
- 31 – QUANDO O PENEDO FALAVA / ELPÍDIO PIMENTEL
- 32 – O TESOURO DA ILHA DA TRINDADE / ADELPHO POLI MONJARDIM
- 33 – O ESTADO DO ESPÍRITO SANTO E OS ESPÍRITO-SANTENSES / EURÍPEDES QUEIROZ DO VALLE
- 34 – MANOEL JORGE RODRIGUES: O PRECOCE POETA ESPÍRITO-SANTENSE / AURO M. DOS SANTOS
- 35 – MEMÓRIAS CAPIXABAS / COLETÂNEA
- 36 – LENDAS CAPIXABAS / MARIA STELLA DE NOVAES
- 37 – ESBOÇO HISTÓRICO DOS COSTUMES DO POVO ESPÍRITO-SANTENSE / FRANCISCO A. SIQUEIRA
- 38 – HISTÓRIA DA PROVÍNCIA DO ESPÍRITO SANTO / MISAEL FERREIRA PENA
- 39 – A VIDA EM SONHO... / SAUL DE NAVARRO
- 40 – CARMÉLIA MARIA DE SOUZA: DESESPERADA E LÍRICA / RENATA BOMFIM